



MARCELO SOUSA BRITO

o teatro invadindo a cidade



o teatro invadindo a cidade

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitora

Dora Leal Rosa

Vice-Reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

MARCELO SOUSA BRITO

o teatro invadindo a cidade

Edufba, Salvador, 2012

2012, Marcelo Sousa Brito.
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica
Alana Gonçalves de Carvalho Martins

Foto de capa
O autor

Foto de orelha
Gabriela Leite

Tratamento de imagens
Gabriel Cayres

Revisão
Yasmine Spínola dos Santos

Normalização
Taise Oliveira Santos

Sistema de Bibliotecas – UFBA

Brito, Marcelo Sousa.
O teatro invadindo a cidade / Marcelo Sousa Brito. - Salvador :
EDUFBA, 2012.
187 p. il.

ISBN 978-85-232-1012-0

1. Teatro - Bahia. 2. Cidades e vilas. 3. Fenomenologia.
4. Dramaturgia. I. Título.

CDD - 792098142

Editora filiada à:



EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina,
40170-115, Salvador-BA, Brasil
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Este livro é dedicado à minha MÃE,
mestra na arte de amar e defender os filhos.

Dedico-o, também,
à memória dos artistas itambeenses
que foram habitar outra cidade, em outro plano:

MARINA LIRA, CARLOS LOPES ALMEIDA,

em especial

EVA MARIA APARECIDA FIGUEREDO E ANA LÍDIA SENA.

Concluir uma etapa em nossas vidas é sempre um momento de comemorar e agradecer. Assim, vamos abrindo e fechando portas, janelas, caminhos e estradas. E a vida continua em um constante abrir e fechar possibilidades.

Para conseguir fechar essa porta, contei com a força de muita gente importante e querida para mim. Pessoas que prezo e respeito.

Meus agradecimentos a Angela Reis, que bravamente me aceitou como orientando no Mestrado em Artes Cênicas. Ela, que já me encantava como professora nas aulas de História do Teatro Brasileiro, encantou-me mais ainda na forma de me conduzir e estimular minha escrita.

A Angelo Serpa eu agradeço por tudo. Por ter me apresentado às Fenomenologias, por aceitar alguém de teatro em seus grupos de pesquisa (TERRACULT e Espaço Livre) e na disciplina Fenomenologia da Paisagem, por acompanhar, mesmo que indiretamente, este processo, pelas visitas durante a pesquisa de campo e pelo amor que ele tem por Itambé e sua gente.

Agradeço a todos os itambeenses que participaram do processo, entrevistados e atores das ações. Cada um que me fortaleceu com sua presença. Manoel Dias, um irmão para sempre, Cíntia Gusmão, Thide Lira, Cristiano Melo Gusmão, Hugo Camizão, Thadeu Campos, Romuel Soubiraus, Daniela Rodrigues, Jandira Mendes e Zizi Ferreira.

A Bela Serpa, pela leitura carinhosa do meu texto, apoio e conforto de mãe.

Aos meus amigos parceiros, que me visitaram e colaboraram com suas reflexões e atuações: Luciana Oliveira, Jean Dauriac, Amós Héber e Dejalmir Melo.

A todo povo de Itambé, meu muito obrigado pelo carinho e pelo respeito. A batalha continua. Isso aqui é apenas mais uma porta que se fecha para tantas outras se abrirem.

Eu amo vocês!

Sumário

11 *Prefácio*

15 *Introdução*

25 *A cidade*

um texto a ser descoberto, uma história para recontar

SUBIR E DESCER. CONTAR E RECONTAR. SOMAR
E SUBTRAIR... 31

ABRIR PORTAS, QUEBRAR PAREDES... ENCONTRAR
PERSONAGENS... 40

CONTAR A HISTÓRIA DO PRESENTE... 44

EVENTOS E O COTIDIANO DA VIDA... 59

67 *Ação e discurso*

o cidadão estimulando a descoberta de novas
possibilidades de fazer teatro

EU AJO, TU AGES... 74

A CIDADE EM MOVIMENTO... 87

ALIMENTAR O PRESENTE, CULTIVAR O FUTURO... 94

113 *Descobrir a cidade através do texto ou como escrever a própria história*

A CIDADE COMO PALCO... 121

AGIR COLETIVAMENTE... 126

A CIDADE SOU EU... 134

151 *Reflexões Finais*

159 *Referências*

163 *Apêndice*

"A cidade sou eu"

Prefácio

Angela de Castro Reis¹

São antigas e intensas as relações entre o teatro e a geografia. Em *Máquina dos deuses* (2009), o cenógrafo Cyro Del Nero (p. 81-82, grifo do autor) tece longas considerações acerca do uso no teatro dos conhecimentos legados pelas navegações; a tecnologia náutica, base para grandes viagens e consequente mapeamento do mundo na Antiguidade, foi fundamental para, séculos depois, os arquitetos do Renascimento projetarem os primeiros edifícios teatrais fechados construídos no Ocidente:

O palco é composto das partes de um navio, sobretudo aquele palco que herdamos dos séculos XVI e XVII. Desloque até o mar o piso de um palco feito de pranchas de madeira, faça subir por cordas o cenário, amarre essas cordas nas malaguetas das varandas da caixa cênica, aguarde a viração [...] e veleje: o cenário vai inflar e o palco vai se tornar um navio. Afinal, o *know-how* é da marinha.

Embora não nos leve ao mar, mas a Itambé, no interior da Bahia, nem tampouco trate de teatro feito em edifícios fechados, ainda assim o trabalho do ator, diretor, dançarino e pesquisador Marcelo Sousa Brito relaciona-se com a geografia, disciplina ao qual esteve ligado durante longo tempo graças à sua atuação como pesquisador junto ao Grupo *Espaço Livre de Pesquisa-Ação*, do Instituto de Geociências

1 Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC-UFBA).

(Departamento de Geografia) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenado pelo professor Angelo Serpa (no qual teve contato com técnicas de mapeamento, através da realização de documentários), e também como bolsista de apoio técnico do Grupo *Terracult*, igualmente ligado ao Instituto de Geociências da UFBA. Neste tempo, não apenas aproximou-se da fenomenologia, que fundamenta teoricamente o trabalho que ora apresento, como se apropriou de instrumental para refletir acerca das cidades e principalmente da relação entre estas e seus moradores.

A geografia e os mapas também remetem às viagens empreendidas por este artista/pesquisador inquieto, que, graças ao teatro, afastou-se de sua cidade natal ao partir para Vitória da Conquista e em seguida para Salvador, passando ainda temporadas em Paris e Berlim; no entanto, sua pesquisa de mestrado mostrou que a distância de Itambé foi apenas geográfica, já que Marcelo buscou compartilhar com seus conterrâneos e com sua cidade as experiências e informações adquiridas. Desejando contribuir com o lugar onde nasceu, agora esvaziado culturalmente, Marcelo Sousa Brito empreendeu nova caminhada, revelando duas de suas facetas mais instigantes: a capacidade de conviver com pessoas as mais diversas, bem como ser possuidor da crença de que é preciso e possível mudar o mundo. A inquietação de Marcelo não apenas o impediu de aceitar e de se acomodar a cômodos rótulos (como o de Revelação, pela direção do espetáculo *Guilda*, na mais importante premiação teatral da cidade de Salvador, em 2006), como o levou muito mais longe, ao uso do teatro como ferramenta para mudar a vida das pessoas: a de seus conterrâneos, que, aceitando o generoso convite

de Marcelo, desbravaram as ruas e os bairros de Itambé, atribuindo novos significados aos espaços públicos e, como consequência, a si mesmos; e a si próprio, construindo, em suas palavras, uma ponte de ligação entre a pessoa que foi na infância, a pessoa que é hoje e a que será no futuro.

Na pesquisa acerca do tema que sempre o encantou, “o espaço e todas as suas variantes, com todas suas possibilidades e significados para as artes cênicas e para a literatura” (BRITO, 2011), Marcelo utilizou, além da geografia e da fenomenologia, saberes relacionados especificamente ao universo teatral: conceitos formulados por um dos grandes mestres do teatro ocidental, Constantin Stanislavski (do qual se serviu de modo original e instigante); reflexões acerca do teatro como intervenção no espaço urbano e teorias contemporâneas acerca da dramaturgia. Munido de tais ferramentas, o pesquisador entrevistou diversas vezes um número reduzido de moradores de Itambé (selecionados a partir de critérios como faixa etária, gênero, classe social, localização e tempo de moradia na cidade), convidando-os a narrarem suas emoções, experiências e relações com um lugar escolhido por cada um deles dentro da cidade, a partir da simples observação.

Tal processo possibilitou a descoberta, dentro da cidade (lugar macro), de várias outras várias “cidades” (lugares micro), a partir do olhar de cada morador entrevistado. O confronto entre os indivíduos e os lugares eleitos como seus em Itambé foram material de pesquisa e matéria prima para ações cênicas desenvolvidas na cidade, levando em seguida à criação de um texto; desse modo, contou-se a história ou fatos importantes destes lugares, provocando a interação dos moradores com Itambé e abrindo possibilidades de reflexão

sobre qual o papel do indivíduo no desenvolvimento da cidade e vice-versa.

Os riscos corridos por Marcelo, ao longo de sua pesquisa, mostram a capacidade revolucionária que um trabalho como este pode carregar – capacidade reconhecida pelos donos do poder que o ameaçaram, temerosos de que as opressões sofridas pelos moradores fossem desmascaradas e rompidas pela consciência adquirida ao longo do processo afetivo de redescoberta de sua própria cidade. Felizmente, certos processos são irreversíveis e a aproximação promovida por Marcelo Sousa Brito entre Itambé e seus moradores não pode mais ser descartada. Além de ter modificado profundamente a vida de todos e da cidade, este trabalho reafirma o profundo poder de transformação do teatro a partir da bela definição de Grotowski, outro grande mestre do teatro ocidental do século XX: a arte do encontro.

Introdução

O teatro foi e continua sendo, para mim, uma forma de aproximação entre as pessoas. Um veículo que faz circular informação e emoções. Mas, às vezes, seguir o teatro como atividade profissional acaba nos levando por caminhos que nos afastam destas simples características, nos fazendo aprofundar o conhecimento desta técnica cada vez mais em busca de um aperfeiçoamento, de uma maturidade. Assim, nasceu a necessidade de unir teatro e cidade como estímulo para este livro.

No dia 26 de outubro de 1973, eu nascia na cidade de Itambé, no sudoeste baiano. Fruto de uma família simples e de pouco poder aquisitivo, a educação formal e a cultura se mantinham distantes no nosso lar. Aos onze anos de idade, o teatro invadiu minha casa, enchendo minha vida de possibilidades e fantasias: a convite de Eva Figueredo, minha professora de inglês na quinta série, ingressei no Grupo de Teatro Astral, um dos mais importantes do teatro amador no interior da Bahia na década de 1980. Este grupo foi minha escola até os vinte anos de idade. Ali organizei e participei de oficinas, festivais de poesia, música, teatro, dança e integrei o elenco de vários espetáculos, viajando pelo interior baiano e movimentando a cena cultural e política da cidade, já que o Astral era o único referencial artístico que ali existia.

Em 1994, o grupo chegava ao fim, o que fez com que cada componente fosse se aventurar em outras profissões, aban-

donando o fazer teatral. Em 1995, me mudei para Vitória da Conquista, a convite do diretor Leonel Nunes para integrar sua companhia de teatro formada por atores do sudoeste baiano. Depois desta experiência, me profissionalizei e me mudei para Salvador. A distância entre mim e minha cidade natal começa a aumentar.

Em 2001, resolvi seguir carreira acadêmica e entrei no curso de bacharelado em Direção Teatral da Escola de Teatro da UFBA, como uma nova possibilidade de pesquisa em minha vida artística, no qual comecei a experimentar as conexões entre texto e espaço.

Em 2002, segui para uma estadia de nove meses na França, como estudante da Sorbonne Nouvelle – Paris III, onde frequentei as disciplinas Teatro de Rua e Arte da Performance. Esta fase foi fundamental para meu amadurecimento como artista, investigando outras vertentes da arte, como a intervenção urbana e o cunho político da performance no desenvolvimento da sociedade contemporânea.

Na pesquisa acadêmica fui monitor-bolsista durante três semestres consecutivos (2003.2, 2004.1 e 2004.2) da Atividade Curricular em Comunidade (ACC): GEO 458 O bairro em imagens, ligado ao Grupo *Espaço Livre de Pesquisa-Ação*, do Instituto de Geociências (Departamento de Geografia) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenado pelo professor Angelo Serpa, no qual pude ter contato com técnicas de mapeamento, através da realização de documentários. Mais tarde, já como bolsista de apoio técnico do Grupo *Terracult*, também ligado ao Instituto de Geociências da UFBA, retornei aos bairros para mapear as manifestações

culturais existentes nestes lugares, para a série de documentários *Territórios da Cultura Popular*. Com essa experiência, pude trabalhar com conceitos ligados às fenomenologias e experimentar a aplicação de exercícios fenomenológicos nas idas a campo e no contato com os moradores dos bairros estudados pelo Grupo de pesquisadores. A necessidade de retornar a Itambé se mostrava cada vez mais presente em meus questionamentos: quais os reais motivos de estar na Universidade? De que forma poderia sociabilizar os conhecimentos adquiridos com meus conterrâneos? Ou o meu destino seria me distanciar cada vez mais de minhas origens? Assim, fui em busca de mais informações que pudessem clarear meus pensamentos. Frequentei como aluno especial a disciplina Fenomenologia da Paisagem (semestre 2006.2), do Mestrado em Geografia da UFBA, onde pude ter contato mais intenso com a filosofia e as fenomenologias. O curso baseou-se no estudo de textos e autores ligados à Geografia, como Milton Santos e Paul Claval, e à filosofia e à fenomenologia, como Jean-Paul Sartre, Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl, entre outros. Foi através das fenomenologias que eu retornei à minha cidade. E foi desse encontro que surgiu a ideia e a necessidade de realizar um projeto junto ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, que, para mim, representa, em última instância, uma ponte de ligação entre quem fui na infância, quem sou hoje e o que me aguarda no futuro. Significa, enfim, uma forma de me debruçar com maior comprometimento sobre um tema que tanto me encanta: o espaço e todas as suas variantes, com todas suas possibilidades e significados para as artes cênicas e para a literatura. Neste processo de pesquisa,

parti em busca de um lugar escondido dentro de cada um, promovendo um diálogo entre cidade e teatro e valorizando o lugar como laboratório para a pesquisa teatral. Itambé foi escolhida como estudo de caso por motivos operacionais e por ter sido o ponto de partida para o surgimento desta pesquisa. Dentro desta cidade (lugar macro), encontramos várias cidades (lugares micro), a partir do olhar de cada morador entrevistado. Este confronto entre o indivíduo e o lugar escolhido por ele foi meu material de pesquisa e matéria prima para a criação de um texto, contando a história, ou fatos importantes deste lugar, provocando a interação do morador com a cidade, abrindo possibilidades de reflexão sobre qual o papel do indivíduo no desenvolvimento da cidade e vice-versa.

Cada morador entrevistado foi uma fonte importante dentro deste processo de pesquisa. Foi dessa relação entre ele e o lugar onde mora, ou o lugar escolhido por ele, que nasceu esta dramaturgia do lugar, nos termos que colocarei mais adiante. E foi da emoção que nele repercute e ocupa esse espaço que nasceu a ação cênica. Para isso, debates, reuniões, visitas, entrevistas e oficinas foram realizadas para reunir o maior número de moradores dispostos a colaborar e a participar do projeto. Este trabalho promoveu um diálogo entre teatro e cidade, utilizando-a como laboratório para a construção de um texto que a invadisse com a história de quem vive este espaço urbano. Esse foi meu desafio. Tal abordagem, no meu ponto de vista, é válida por sua originalidade como processo de investigação no campo das artes cênicas e da dramaturgia, como forma de recontar uma história a

partir da oralidade e da ligação existente entre o morador e o lugar em que ele habita.

Parti, pois, da hipótese que, embora a relação entre o indivíduo e o lugar no qual ele vive já tenha rendido vários estudos e relatos no mundo inteiro, é a partir desse emaranhado de dados e referências que o homem vai criando, ao longo de sua trajetória, laços ligados à terra natal ou ao lugar que ele elegeu como seu. A construção de uma leitura que revele a biografia tem como origem os laços que ligam o homem a seu lugar; a interação homem/lugar produz um texto, que, muitas vezes, fica retido na memória, por anos e anos, até ser apagado pelo tempo. Com esses relatos, tornou-se possível conduzir minha pesquisa no campo das artes cênicas, elaborando o diálogo do homem com seu lugar.

O fato de ter nascido e feito parte de um pedaço da história da cultura de Itambé me possibilitou outro envolvimento com o projeto, tornando-me mais comprometido em relação aos moradores, já que todos estariam juntos na consecução de um mesmo objetivo geral (que extrapola, inclusive, a formulação de um objetivo geral de pesquisa para ser um objetivo geral de um processo de pesquisa envolvendo participantes diversos de um coletivo urbano), tentando, de alguma maneira, trazer a cultura, o conhecimento e o debate para as ruas de uma cidade entregue ao abandono.²

Os caminhos utilizados para atingir os objetivos foram diversificados e, para tanto, centrei meu trabalho em metodologias participativas que visam à construção coletiva de

2 Itambé vem sofrendo ao longo dos anos um processo explícito de abandono pelo poder público, o que tem feito com que grande parte dos moradores migre para outras cidades em busca de trabalho e de um futuro mais digno.

conhecimento, a partir da convivência com a comunidade. Assim, dividi este livro em três capítulos: no primeiro capítulo, intitulado *A cidade: um texto a ser descoberto, uma história para recontar*, exponho algumas questões e os meios encontrados para respondê-las, como forma de despertar nos moradores a necessidade de pensar a cidade e de se ver como uma parte importante daquele todo. Entre estas questões, algumas se tornaram primordiais como: o que o lugar esconde e revela de cada um de nós? O que o lugar guarda de nossa essência?³ O que nossa aparência reflete de nossa essência? Que relação existe entre cada ser e o lugar em que ele habita? Qual a importância do lugar no desenvolvimento do indivíduo?

Estas questões, inspiradas em textos referentes à Fenomenologia, foram utilizadas como portas abertas para os moradores narrarem suas emoções, suas experiências e relações com o lugar escolhido por cada um deles dentro da cidade, a partir da simples observação. Como uma imagem poética que vem antes do pensamento, cada morador entrevistado se colocou diante deste lugar como se fosse a primeira vez que estivesse diante dele. Cada morador foi entrevistado várias vezes durante o período do processo. Foi importante que o morador escolhesse o lugar e tivesse tempo suficiente para contemplar este lugar e se ver nele, de uma forma pura, e refletir como esta contemplação repercute em seu cotidiano.

3 O polêmico termo essência será defendido aqui como algo que o indivíduo guarda dentro de si: referências, emoções, traumas, características e informações, as quais, às vezes, não são conscientes nem para ele próprio; distingue-se da aparência, que fornece, à primeira vista, dados sobre a personalidade de cada um.

Nesta pesquisa, não busquei uma verdade absoluta, mas a verdade de cada entrevistado e a disposição de se entregar à contemplação do lugar escolhido por ele. Era essa disposição para perceber o que se encontra à sua volta o que eu buscava. Pensando assim, para a realização das entrevistas foi selecionado um número reduzido de moradores, com faixa etária, gênero, classe social, localização e tempo de moradia na cidade diferenciados, como forma de concentrar essa parte do processo. O que interessou, neste momento, foi oferecer aos moradores que participam mais ativamente da vida da cidade, de grupos, associações, escolas etc. um tempo maior de contato com o lugar escolhido. Nas etapas posteriores, a pesquisa foi multiplicada/ampliada para um número maior de moradores.

No segundo capítulo, intitulado *Ação e discurso: descobrindo novas possibilidades de fazer teatro*, outra fase foi iniciada com os moradores no intuito de obtermos respostas aos questionamentos que surgiram no capítulo anterior. Assim, exercícios teatrais e laboratórios foram experimentados pelos moradores com o objetivo de transformar os depoimentos em texto, através dos quais os moradores puderam se expressar e revelar seus sentimentos de mudança e transformação como uma maneira de estimular o poder criador e transformador de cada um. Exercícios foram desenvolvidos para ativar a memória e trazer à tona informações e sensações que só aquele morador vivenciou, abrindo possibilidades para a criação desta dramaturgia do lugar.

Nos processos de pesquisa do Grupo de Teatro da Vertigem,⁴ vários caminhos são utilizados para se chegar ao texto e ao discurso que o grupo deseja comunicar – um desses caminhos é a vivência, que prioriza uma investigação individual com o objetivo de provocar a sensibilidade do intérprete, revelando sentimentos e lembranças sobre cada tema abordado pelo grupo. (Rinaldi, 2002)

A intenção destas vivências foi a de mobilizar o maior número de moradores na realização de ações cênicas fragmentadas por toda a cidade, ocupando o maior número de lugares escolhidos por eles. Nesse livro apresento as ações não em ordem cronológica, mas sim pelo número de habitantes envolvidos e também pelo tempo de preparação necessário para a realização de cada uma delas.

Com o título *Descobrir a cidade através do texto*, o terceiro capítulo traz a análise do processo de construção do texto a partir do estudo dos depoimentos. Com a realização de cada etapa do processo, outras pessoas iam se juntando ao grupo que, neste instante, finalizava a criação do texto. As ações foram experimentadas e criadas com a ajuda dos habitantes, então, toda a parte técnica (ligada ao figurino, elementos de cena, música, maquiagem e a própria atuação nas ações) foi elaborada e executada a partir deste processo de mobilização. Esta etapa culminou com a realização da ação maior, intitulada *A cidade sou eu*, na qual um resumo de todo

4 Desde o início, em 1991, o Teatro da Vertigem encontrou em seu percurso alguns elementos característicos, como a utilização de espaços não convencionais da cidade e a criação de espetáculos com base no depoimento pessoal de seus integrantes, existindo, assim, o forte eixo investigativo que prima pela busca de um teatro construído de forma coletiva e democrática entre atores, dramaturgo e encenador. Tais características impulsionam o trabalho do grupo e mantêm seu repertório sempre ativo. Fonte: Wikipédia.

o processo foi apresentado. O texto da ação foi construído coletivamente, a partir dos depoimentos colhidos nas entrevistas, e se encontra como apêndice ao final do livro.

Fruto de uma escrita coletiva, este texto foi criado com a intenção de mostrar, com fins informativos, didáticos ou de agitação política, acontecimentos recentes sobre os quais os espectadores são convidados a refletir e a reagir (RYNGAERT, 1998, p. 113), em suma, o desenvolvimento sociocultural da cidade.

Acredito que as experiências apresentadas e analisadas aqui mostram a possibilidade de construção de uma ludicidade criadora e cidadã, a partir do diálogo entre lugar e intervenções teatrais e artísticas.

A cidade

um texto a ser descoberto,
uma história para recontar

O centro urbano traz, para as pessoas da cidade, o movimento, o imprevisível, o possível e os encontros. Ou é um teatro espontâneo ou não é nada. (LEFEBVRE, 1991)

Aqui se inicia um percurso no qual as artes cênicas, a história e a fenomenologia da percepção nos guiarão até uma pequena cidade chamada Itambé. Em idioma tupi-guarani, Itambé significa pedra afiada e, para muitos de seus moradores, o nome em tupi é uma metáfora que simboliza a força de seu povo. Está situada no sudoeste da Bahia, entre Vitória da Conquista e Itapetinga, a pouco mais de 500 Km de distância de Salvador. Esta jovem senhora de 84 anos de emancipação política, comemorados em agosto de 2011, vive, neste momento, um silêncio, uma crise e uma falta de visibilidade.

Em um estudo minucioso do termo cultura, Peter Burke (2002), chega à conclusão de que, devido ao interesse de historiadores, sociólogos, críticos literários, entre outros, o significado deste termo tem se ampliado. Os horizontes se

abriram, passando-se a dar atenção, por exemplo, “à cultura popular, no tocante às atitudes e valores de pessoas comuns e às suas formas de expressão na arte.” (BURKE, 2002, p. 165) Aqui, não vou entrar na discussão sobre as diferenças entre cultura popular e erudita, mas, além de valorizar o teatro, a música e a dança como formas de expressão, também o cotidiano, o *habitus*, como propôs Bourdieu (1979), as práticas e os costumes serão defendidos como cultura.

Respondendo à pergunta sobre o que é cultura, moradores de bairros populares de Salvador, mapeados pelo projeto TERRACULT,⁵ deram subsídios para Angelo Serpa (2007, p. 141) chegar a uma definição que prioriza o saber popular:

Cultura significa arte, música, o aprendizado cada vez mais amplo, para ser passado às próximas gerações, tudo que vem do passado, construído ao longo do tempo e das gerações, o acervo de conhecimentos de uma comunidade, tudo aquilo que marca um lugar, as raízes étnicas e as festividades.

Itambé será vista aqui como um estímulo para refletirmos sobre as relações entre arte e cidade, e o teatro é a linguagem escolhida para dar forma a essas reflexões. É comum ouvir falar que o Brasil é um caldeirão cultural. Em todas as suas regiões, não faltam manifestações capazes de influenciar a moda, a música, a dança, o teatro, a literatura e as artes plásticas produzidas mundo afora. Mas o que pouco se fala é que, neste mesmo Brasil, existe um país que o próprio brasileiro desconhece: o Brasil que se encontra no fundo deste

5 O Grupo de Pesquisa *TERRACULT: Territórios da Cultura Popular* originou-se, no ano de 2004, das pesquisas desenvolvidas no Grupo *Espaço Livre*, buscando aprofundar a análise das manifestações culturais em bairros populares de Salvador, a partir da operacionalização dos conceitos de Território e Identidade Cultural, como subsídio para a produção de videodocumentários.

caldeirão. O Brasil que nos oferece matrizes importantes de culturas tão peculiares.

Estes fenômenos culturais já foram abordados em vários estudos de diversas áreas. Inclusive, já serviram como inspiração, também, para resultados práticos de pesquisas acadêmicas nas áreas das artes cênicas, da geografia, do urbanismo e da arquitetura, apenas para citar alguns campos do conhecimento científico:

De fato, se tornou comum nos estudos urbanos atuais o entendimento de arte e cultura como meios possíveis para a teorização a respeito da realização do valor ou da manutenção da diversidade cultural ou ainda o fortalecimento das identidades locais. (LOSSAU, 2009, p. 40)

O foco deste livro é outro: como a arte pode estimular o cidadão a pensar a cidade na qual ele vive e como o cidadão pode colaborar com o desenvolvimento de sua cidade mesmo não sendo ele exatamente um artista. O importante aqui é colocar o cidadão como ator principal do processo.

Mas o que significa este termo: cidade? Difícil encontrar uma definição, quando se trata de uma cidade de pequeno porte. Muitos estudiosos se debruçaram, na maioria das vezes, sobre pesquisas a respeito das grandes cidades no Brasil e mundo afora. A visão da cidade como palco de grandes acontecimentos (CARLOS, 2005) não me parece ser adequada a esta pesquisa. Aqui, ao contrário, a cidade será vista como palco para acontecimentos, nem grandes, nem pequenos. Uma cidade aberta, pronta para ser invadida, ocupada por seus moradores. A cidade vista como um cenário rico em informações e dados para se pensar o teatro. O lugar onde circulam vida, relações e sentimentos. A cidade é um

modo de viver, de pensar, mas também de sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura (CARLOS, 2005), A cidade como fonte inesgotável de inspiração para atores e encenadores que buscam novas formas de composição e novos espaços para abrigar suas criações.

O ser humano tem a capacidade de imaginar, de reter informações, de perceber e de se relacionar com o outro e com o mundo. Nesta rede de ligações, surgem os fenômenos que vão ajudar a contar a história deste indivíduo, do lugar que habita e ocupa.

Para Husserl, a “palavra ‘fenômeno’ significa efetivamente o que ‘aparece’.” (HUSSERL, 2000, p. 35) Cada um de nós guarda dentro de si sensações e emoções que nem sempre dividimos com os outros, que nem sempre externamos. Por isso, nos fenômenos da vida cotidiana, nos quais o indivíduo se manifesta de algum modo, nos é possível ter acesso a essa essência para saber o que ele pensa e, de certa forma, compreendê-lo. Husserl chamava de transcendência esta cadeia de ligações do “eu como pessoa, como coisa no mundo, e a vivência desta pessoa, inseridos.” (HUSSERL, 2000, p. 70)

É a partir da análise das relações existentes entre o morador e o lugar que surgirá uma dramaturgia capaz de contar a história deste ser e deste lugar, interligados pela emoção que os une. A busca por estas sensações e emoções adormecidas nos fará chegar, também, às informações práticas sobre o desenvolvimento cultural da cidade e de sua história.

Histórico, relacional e identitário. É assim que o antropólogo francês Marc Augé (1994, p. 73) define um lugar:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não se pode definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar [...] a supermodernidade é produtora de não-lugares.

Para o autor, tudo que foge à esta tríade é considerado um não lugar, um conceito muito presente na atualidade, nas análises dos estudiosos da supermodernidade e de todas as mudanças e transformações a ela associadas: o individualismo, a busca frenética pela construção de seu próprio mundo, as relações fadadas ao contato virtual e tudo o que afasta o indivíduo de sua memória e de suas relações interpessoais.

Acrescentemos que existe evidentemente o não-lugar como o lugar: ele nunca existe como uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele [...] O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente. (AUGÉ, 1994, p. 74)

Assim, não vou classificar a cidade de Itambé como um não lugar, mas problematizar por que o espaço público, ali, é visto apenas como um lugar de passagem. Por que os moradores não se apropriam destes lugares, não ocupam as praças e jardins? Não fazem circular ali seus ideais, angústias, prazeres e sonhos?

Diferentemente do que vivemos na esfera privada, na qual a vida, os sonhos, os problemas são protegidos pelas quatro paredes da casa, pela cumplicidade e discrição da família, a esfera pública

[...] denota dois fenômenos intimamente correlatos mas não perfeitamente idênticos. Significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e

tem a maior divulgação possível [...] Em segundo lugar, o termo 'público' significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. (ARENDR, 2000, p. 59-60)

Apostando na repercussão do discurso que, ao menos potencialmente, o espaço público pode gerar, parti para o estudo destes fenômenos.

A Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty, oferece a possibilidade de experimentar uma relação com o mundo de um ser essencialmente situado em relação ao meio e a possibilidade de observar e sentir o que compõe esta pessoa que ocupa este espaço e, ao mesmo tempo, o próprio lugar em sua totalidade. O mundo cultural pode ser, portanto, revelado a partir de uma significação afetiva, capaz de fazer refletir, agir, questionar, transformar, mobilizar e unir os cidadãos na consecução de uma ação sociocultural.

Há uma mudança de objeto de estudo na estética contemporânea. Analisar a arte já não é analisar apenas obras, mas as condições textuais e extratextuais, estéticas e sociais, em que a interação entre os membros do campo gera e renova o sentido. (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 151)

Fazer interagir arte e cidade, tendo o morador como elo desta interação, é meu maior objetivo; promover este discurso longe dos grandes centros urbanos, buscando provocar o surgimento de um texto guardado por quem vive a cidade e, a partir daí, construir um debate através de ações cênicas, como será definido mais adiante.

Parti, pois, da hipótese de que é mergulhando nesse emaranhado de dados e referências que o homem vai criando,

ao longo de sua trajetória, laços ligados à terra natal ou ao lugar que ele elegeu como seu.

A construção de uma leitura que revele a biografia textual, ou seja, a vida do morador através dos depoimentos, tem como origem os laços que ligam o homem a seu lugar; a interação homem/lugar produz um texto que, muitas vezes, fica retido na memória, por anos e anos, até ser apagado pelo tempo. E é desse texto que tenciono resgatar a biografia do indivíduo, não deixando que sensações adormecidas se desvançam no decorrer do tempo. Com esses relatos, a história deste lugar surgirá e um diálogo do homem com seu lugar será estabelecido. “Nenhuma história poderá reconstruir tudo. No entanto, a utopia de saber serve como um programa, um horizonte e uma advertência para o futuro.” (SARLO, 2005, p. 42) E é este futuro que me interessa.

Aqui, tratarei de como a arte pode sobreviver por ela mesma e como uma cidade que não tem acesso diversificado à cultura, que é de direito, pode reinventar a cena cultural local.

SUBIR E DESCER. CONTAR E RECONTAR.
SOMAR E SUBTRAIR

As grandes cidades já vivem um momento no qual tudo se mistura: as épocas, as linguagens, as referências, os estilos, estimulando a hibridação entre as culturas. Mas as pequenas cidades, que vivem às margens deste desenvolvimento cultural, enfrentam outra realidade.

Afastadas dos grandes centros urbanos, as cidades brasileiras de pequeno porte lutam para manter vivas suas tradições

e manifestações culturais. É difícil para um artista que vive esta realidade ter acesso a informação e fazer circular suas criações. Muitos artesãos abandonam o ofício que, muitas vezes, é o meio de sustentar a família, porque as grandes lojas e as grandes marcas já vendem, nos *shoppings* das cidades mais desenvolvidas economicamente, versões repaginadas de produtos que encontramos nas feiras e nos mercados. Cria-se, assim, uma concorrência desleal com quem não tem a propaganda nem os grandes modelos vendendo suas criações. Neste pacote de desvantagens entram, também, os pesquisadores que usam a arte produzida nestas comunidades como inspiração para suas criações, traduzindo-as à sua maneira e apresentado-as nos palcos do Brasil e do mundo, enquanto a fonte de inspiração continua estacionada no tempo. Uma dívida difícil de ser sanada. Uma dívida que se propaga através da história e impossibilita o ser de se desenvolver, como nos explica Sarlo (2005, p. 15):

A dívida é também uma dívida de tempo porque, quando o corpo não recebe aquilo de que necessita, o tempo se torna abstrato, inapreensível pela experiência: um corpo que sofre sai do tempo da história, perde a possibilidade de projetar-se adiante, apaga os sinais de suas recordações.

No interior, tanto na Bahia como em outros estados brasileiros, é comum encontrar cidades nesta situação. Os governos, os patrocinadores e as grandes empresas só se interessam em financiar aquilo que está próximo do grande público, o que oferece visibilidade imediata. Assim, quem está distante de onde a mídia se concentra vê o seu ofício ameaçado. Esta concorrência faz com que muitos artistas mudem de profissão, procurando um trabalho mais rentável, pois quem

produz arte também precisa de meios para se sustentar ou sustentar uma família.

Foi o que aconteceu com vários artistas de Itambé. O grupo de teatro Astral, por exemplo, importante articulador cultural da cidade nos anos 1980 e 1990, encerrou suas atividades porque seus componentes já não se sentiam estimulados a continuar lutando para realizar seus trabalhos. O grupo promovia festivais de música, poesia, dança, teatro, exposições e lançamentos de livros. Movimentava, artisticamente, a cidade, convidando artistas da região para trocarem experiências. Hoje, seus ex-componentes exercem outras atividades na cidade. Uns são professores, outros trabalham no comércio informal, outros se tornaram padres; e aqui estou eu, o único a continuar a carreira artística.

Como dito na introdução deste livro, nasci em Itambé e lá vivi 20 anos de minha vida. Foi lá que o teatro invadiu minha vida, através do grupo Astral, em um período que ainda não existiam projetos sociais que utilizassem a arte como meio de desenvolvimento de uma sociedade. Mesmo assim, a arte já se fazia presente no cotidiano de seus habitantes e iniciou cultural e artisticamente muitas pessoas. Depois de dezesseis anos afastado, buscando informação e novas possibilidades de realizar meu ofício, retornei a Itambé, minha terra natal, para tentar compreender a atual situação do artista que vive esta realidade ou a realidade do artista que abandonou o fazer cotidiano de sua arte.

Todo conhecimento tem como ponto de partida a realidade, portanto o conhecimento ocorre enquanto reprodução intelectual da realidade, e nos permite entender a vida cotidiana

em suas múltiplas atividades, em suas formas, e em sua dinâmica. (CARLOS, 2005, p. 34)

Era esse meu interesse naquele momento: reviver o dia a dia daquela cidade que eu havia deixado e me deixar livre para perceber a realidade atual de sua gente e de sua cultura.

Foi a fenomenologia que me trouxe o desejo de retornar à minha cidade, de voltar à uma paisagem que ainda me trazia muitas informações e inspirações. Eu estava frequentando o curso Fenomenologia da Paisagem, oferecido pelo Mestrado de Geografia da UFBA e ministrado pelo professor Angelo Serpa. De férias em Itambé, tinha como companhia o livro *L'oeil et l'esprit* (2002), de Merleau-Ponty, que fazia parte da bibliografia do curso. Sem ter o que fazer na cidade, mergulhei nesta leitura, a partir da qual muitas questões foram surgindo: o que me mantinha ligado àquele lugar mesmo estando distante? O que poderia fazer diminuir esta distância? Como poderia dividir com meus conterrâneos as informações e vivências que tive fora dali? Transcender o que eu era e o que aquele lugar representava para mim me fez chegar até esta pesquisa.

Não há vida em grupo que nos livre do peso de nós mesmos, que nos dispense de ter uma opinião; e não existe vida 'interior' que não seja como uma primeira experiência de nossas relações com o outro. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 50)

As palavras de Merleau-Ponty me abriam o pensamento. Eu queria entender o que existia em mim que me mantinha ligado àquele lugar. Abrir os olhos e experimentar de outra forma o cotidiano daquelas pessoas. Ter meu próprio cotidiano. Ser ao mesmo tempo um nativo e um estrangeiro.

Já cursando o Mestrado em Artes Cênicas na UFBA, vivi, durante seis meses, o dia a dia da cidade, como parte da pesquisa de campo. Eu queria recuperar uma história perdida, reencontrar pessoas e estimular um debate sobre a atual situação do município. Entrevistei 22 moradores de faixa etária, localização, renda e escolaridade diferenciados, em busca de uma imagem coletiva desta cidade e da opinião destes habitantes que pareciam estar ali esperando que algo acontecesse, com eles e com a cidade. Cada morador escolheu um lugar, querido por ele, para que a entrevista fosse realizada; assim, um conhecimento histórico, geográfico, social e cultural da cidade ia sendo traçado/resgatado com o andamento da pesquisa. Para Augé (1994, p. 73), o lugar “se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores.” E foi esta troca que busquei ao propor as entrevistas.

Analisar o fenômeno que surge do encontro entre um morador e um lugar escolhido por ele, a partir da fenomenologia da percepção, foi o suporte para o desenvolvimento desta etapa.

A metodologia usada na escolha e na identificação dos entrevistados já havia sido experimentada quando trabalhei junto aos grupos de pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação e TERRACULT, do Departamento de Geografia da UFBA, coordenados pelo Prof. Angelo Serpa. Nestes grupos, mapeamos, para uma série de documentários, manifestações culturais de bairros populares da cidade de Salvador, com população equivalente a Itambé. As histórias destes bairros e destas manifestações foram contadas pelos próprios moradores dos diferentes lugares pesquisados. Mesmo transitando por uma abordagem fenomenológica, se fazia necessário, para

mim, definir de que forma chegaria a estes grupos de entrevistados.

Em um primeiro momento, parti da análise de dados censitários gerados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do Censo 2000, para chegarmos até estes moradores. Nesta pesquisa, tendo Itambé como estudo de caso, a amostragem deveria conter 11 homens e 11 mulheres com faixa etária a partir de 15 anos até mais de 65 anos. Como nesta seleção optei por não trabalhar com crianças abaixo de 15 anos, o número de habitantes foi reduzido

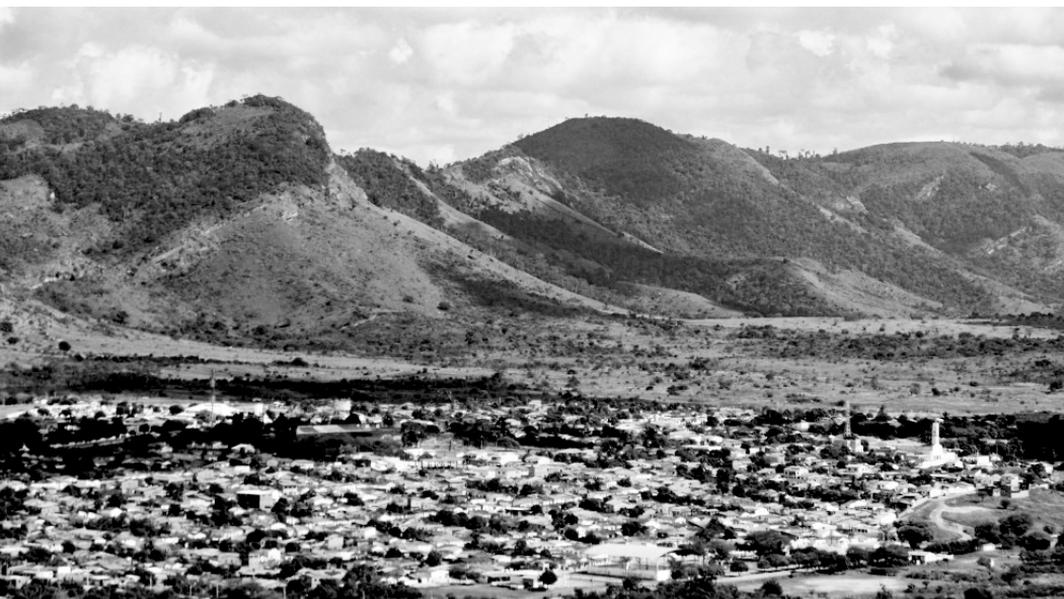


Figura 1 – Imagem de Itambé feita do alto do Morro do Bom Jesus.

Foto do autor.

de 33.687⁶ para 22.908. Assim, para cada 1000 moradores foi selecionado um entrevistado para composição da amostra desta pesquisa.

Procurou-se respeitar as percentagens de distribuição de população na cidade, por sexo, faixa etária, renda e grau de escolaridade, para a escolha dos entrevistados, que, além disso, deveriam desempenhar papéis importantes como articuladores das redes sociais com atuação no município. Também era importante ter, entre os entrevistados, representantes das religiões predominantes em Itambé. É bom precisar que, mesmo existindo duas casas com placas que as identificam como terreiros de candomblé, não encontrei nenhum responsável que se sentisse à vontade para representar os praticantes desta religião na cidade. Em nenhuma das duas casas. Constatei que estes terreiros existem apenas para pequenos trabalhos e atendimentos a clientes, que, na maioria das vezes, são feitos com a maior discricção possível para não gerar comentários, já que o candomblé não é uma prática muito bem aceita na cidade. Em Itambé, a maioria dos moradores é católica, mas o número de evangélicos e de templos neopentecostais vem crescendo nos últimos anos.

A partir da definição destes critérios, segui em busca dos entrevistados pelos nove bairros da cidade. Para esta amostragem, precisava identificar, pelo menos, um entrevistado em

6 Segundo o Censo 2010, realizado pelo IBGE, Itambé ficou com 23.106 moradores. Parte desta redução se deve à perda de quase 7 mil habitantes em relação ao Censo realizado no ano 2000. O território do município também diminuiu, pois antes eram 1.626 km², mas agora são 1.442 km², devido à perda do distrito de São José do Colônia para o município de Caatiba, o que implicou também em redução de população de cerca de 3.000 habitantes. 3.392 dos itambeenses vivem na zona rural e 19.714 na zona urbana.

cada bairro⁷ de Itambé, de modo a cobrir toda a área urbana, objeto desta pesquisa (Figuras 1 a 5).



Figura 2 – Imagem do centro da cidade com vista para o Hospital Municipal (no alto da imagem).

Foto do autor.

7 A divisão por bairros em Itambé nunca foi absorvida pela população. Toda extensão da cidade era compreendida como centro. Hoje a cidade está dividida oficialmente em nove bairros e alguns já vêm sendo assimilados pelos moradores.



Figura 3 – Vista da Praça da Bandeira, centro comercial da cidade de Itambé.

Foto do autor.

ABRIR PORTAS, QUEBRAR PAREDES... ENCONTRAR PERSONAGENS

Como um estrangeiro, passava meus dias a desbravar e descobrir novos caminhos. Olhando o vazio em cada praça, em cada rua. A cidade deserta com seus habitantes acomodados em suas casas e o tempo a passar, as paredes a ruírem, a vegetação a crescer, cobrindo fachadas, histórias e traços de uma vida. O desejo de fazê-la acordar e ocupar aqueles lugares silenciosos de vida. Uma grande mistura de história, de formas de viver aquele lugar e de perceber o tempo.

A cada dia, a rotina de ir e vir em busca de entrevistados se iniciava. Era preciso romper as barreiras construídas ao longo da história do município no tocante à falta de hábito dos moradores de ocupar os espaços públicos urbanos, de vencer o medo de sair de casa e enfrentar o desconhecido, o novo. Experimentar a vida e a relação com a cidade de outra forma. Para Serpa (2007, p. 9), o espaço público é “compreendido, sobretudo, como o espaço da ação política”, em que “a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica.” Este medo ou a falta de estímulos afastavam os moradores cada vez mais das praças e jardins da cidade. O medo está ligado a uma onda de reprodução do culto à violência, gerado pelos jornais e programas de televisão: estupro, roubos, assassinatos e vandalismo são assuntos que podemos ouvir em qualquer roda de conversa. Itambé, como qualquer outra cidade de seu porte, não está imune a estes problemas sociais. A população sente falta de estratégias e infraestrutura apropriadas para que se sinta livre e segura para ocupar estes espaços.



Figura 4 – Centro da cidade de Itambé-Bahia.

Foto do autor.

É o que proponha com este trabalho: estimular os moradores da cidade a ocupar os espaços públicos através de ações cênicas, encorajando-os a acessá-los física e simbolicamente. Nestas caminhadas pela cidade e através de minhas observações pude perceber que, apesar do medo que se instala

entre os moradores, grande parte dos itambeenses não só espera algo acontecer como está preparada para a mudança. Dar tempo ao tempo. Nesta etapa da pesquisa queria observar, deixar o tempo passar diante dos olhos e perceber qual a relação que une cada morador ao lugar que ele escolheu para viver.

É importante dizer que a valorização do acaso sempre esteve presente durante todas as etapas da pesquisa. Mas nem sempre os entrevistados surgiram desta forma mágica. Alguns eu fui encontrando por indicação de amigos que sabiam dos perfis que precisava, outros apareceram naturalmente, em eventos, reuniões e festas que eu frequentava, identificando, ali, um possível entrevistado; outros, ainda, surgiram de uma busca incessante, durante dias e dias de caminhada solitária pela cidade. Este exercício, de se perder em busca do inesperado, de parar para ouvir um silêncio guardado há anos e de fugir do passar das horas, também foi proposto por Martin-Barbero (2004), oferecendo outras possibilidades de estar na cidade e outras formas de mapas. Dessa forma, se perder e se achar em uma cidade pode tomar outras proporções e nos levar para descobertas que um simples mapa oculta: "O mapa que filtra e censura. Que reduz o tamanho do representado e deforma as figuras da representação, mentindo ainda que por omissão." (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 11) Este mapa não me interessava. Preferi trabalhar a imaginação. Ir e vir na intenção de preencher as vias públicas daquele lugar e aventurar-me. Optei pelo mapa noturno, aquele que procura re-situar o estudo dos meios desde a investigação das matrizes culturais, dos espaços sociais e das operações comunicacionais dos diferentes

agentes do processo. Um mapa que permite mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema, mas como enzima que estimula a descoberta. Foi assim que redescobri Itambé. Seguindo um fluxo que me libertava do lugar comum. Fazendo meu próprio mapa. Seguindo as direções que meu olhar tomava.

Este é um exercício muito utilizado em alguns processos de criação no teatro contemporâneo, sobretudo nos processos colaborativos, nos quais o ator também é escritor da vida de seu personagem. Ir atrás de seu personagem, da vida que você quer contar. Muitas vezes escolhemos nos perder em lugares a que só o personagem iria, para encontrarmos as sensações exigidas por ele. É possível, portanto, pensar em outra forma de estudar a cidade, unindo o teatro e o cidadão para recontar esta história. "A possibilidade de construir uma cultura 'na qual o passado seja útil e não coativo' passa pelo fato de 'assumirmos o futuro, pois ele já está aqui!'" (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 37)

A cidade precisa reconhecer sua história e ela está ali, embrenhada em cada rua, em cada praça, em cada canto escondido. Está no olhar, nas marcas do rosto, na poeira que cobre os muros, nos muros e portas, nas passagens, nos caminhos que nos levam para o interior profundo que podemos sentir quando estamos livres e abertos para o desconhecido.

Muitas pessoas se mostravam desconfiadas, por conta da perseguição política que existe na cidade e, por isso, não gostariam de se expor ou de expor seus pensamentos. Itambé é dividida em dois grupos políticos: Lambari e Tubarão, o que não necessariamente significa que um é de esquerda e

o outro de direita. São grupos opositores que dominam a cidade e que, muitas vezes, perseguem as pessoas que não seguem as regras do grupo que está no poder. Algo que já faz parte da história de Itambé desde seu surgimento, quando era governada por coronéis, e vem se reproduzindo até hoje:

Durante muito tempo, quem mandava e desmandava nas pequenas cidades interioranas eram os coronéis, que protegidos pelos politiqueros praticavam a chamada 'justiça por conta própria'. A lei era totalmente desnecessária quando vinha de encontro aos interesses de seus coligados e era constantemente alterada em benefício daqueles que estavam do seu lado. Fazer a lei ou alterá-la aos seus modos era normal e comum para os coronéis da região. (COSTA, 2005, p. 86)

Esta forma de governar continua até hoje. Então os entrevistados se dividiam entre os que tinham medo de conceder uma entrevista e revelar informações que pudessem lhes comprometer e os que se sentiam intimidados com a possibilidade de serem entrevistados, ou medo de não ter respostas para as questões. Sentiam-se envergonhados de achar que não sabiam nada sobre sua própria cidade. Por isso, tive muita dificuldade de fechar o quadro de entrevistados. Contudo, ter paciência para compreender esta resistência me fez também compreender o tempo e a realidade dos moradores e, aos poucos, o problema ia sendo resolvido.

CONTAR A HISTÓRIA DO PRESENTE

Itambé é uma cidade recente. Não encontramos obras de arte antigas ou modernas pelas ruas e prédios. Não temos em seu patrimônio nenhuma grande criação da arquitetura,

mas lá, nos planaltos, montanhas e vales desta região peculiar deste Estado chamado Bahia, nós encontramos pessoas dispostas a defender seu lugar, a aprender a conviver com a distância dos grandes centros urbanos, mas prontas também para saber como diminuí-la.

Pensando assim, os habitantes de Itambé, como os habitantes de qualquer cidade deste imenso fundo do caldeirão chamado Brasil, querem ter os mesmos direitos e deveres sem sair de onde estão. Eles querem continuar ali não de forma passiva, mas como agentes de uma transformação necessária. De acordo com o pensamento de Lefebvre (1991, p. 47), “a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.” Na definição de Lefebvre (1991, p. 56), cidade é a “projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano.”

Muitos dos itambeenses, principalmente os jovens, querem fazer parte da construção desta história, ou da recuperação de uma história aparentemente esquecida. Por isso, também, a importância de incluir jovens a partir de 15 anos dentro do quadro de entrevistados. Aliás, os jovens formam o maior número dentro desta amostragem: três homens e três mulheres com idades entre 15 e 24 anos. Assim, dividimos os saberes desta história entre os mais jovens e os mais experientes.

Depois de montado o quadro de entrevistados, era chegada a hora de ouvir os moradores e dividir com eles questões

que provocassem uma discussão sobre a cidade e a relação que estes moradores têm com ela. Cada morador foi entrevistado no lugar escolhido por ele, ainda na primeira abordagem quando foi aplicada a ficha de identificação. As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada um. Nesta etapa, o morador fazia o percurso de sua casa até o local escolhido de uma forma descompromissada. Como um passeio. Sem nenhum outro motivo aparente.

Andar e observar a cidade. Sentir-se como parte daquela paisagem. Diferente do que acontece todo dia, quando cada um tem que realizar suas atividades, gerenciar seu tempo e pensar nos problemas da vida. No dia da entrevista, nosso único objetivo era contemplar a cidade. Seguir um percurso dando tempo ao tempo e passear pelas ruas como se fosse a primeira vez.

Chegando ao lugar escolhido, uma explicação de como iria transcorrer a entrevista era necessária para que o entrevistado se sentisse mais à vontade. Nada poderia intimidá-lo: nem a câmera, nem o gravador de áudio, nem a minha presença, nem as pessoas que possivelmente passariam por nós. Assim, ao contrário de perguntas, optei por um roteiro de estímulos que pudessem fazer o entrevistado refletir sobre aquele momento, sem muito compromisso, com erro e acerto. Eu também evitava interferir durante a fala do entrevistado. Depois de um tempo de pura observação do lugar, eu começava pedindo que o morador fizesse um retrato falado dele ou dela, de pontos importantes em sua trajetória e traços importantes de sua personalidade. Uma forma de abrir o caminho para outros estímulos: o que ele ou ela sabia da história da cidade, o que aquele lugar representava

para ele ou ela, quais os sonhos que nutria, qual a relação com a cidade, o que mudaria na cidade se ele ou ela tivesse este poder, o que faz uma pessoa dizer que é itambeense, se existe alguma característica peculiar entre os itambeenses, quais as manifestações culturais na opinião de cada um, o que o(a) faz continuar morando na cidade e se participa de alguma atividade cultural ou social no município.

Um indivíduo e um lugar querido por ele. Deste encontro, surgiram várias reflexões acerca da cultura, da história e de laços que mantêm esta relação entre os dois. Este processo se repetiu 22 vezes em alguns lugares significativos da cidade.

Alguns entrevistados escolheram lugares afastados da zona urbana, lugares que privilegiam a beleza natural da cidade, como Marcos Costa,⁸ por exemplo, que escolheu o Morro do Bom Jesus. Uma bela montanha onde se encontra uma estátua de Cristo. Batizada pelo pároco da cidade, padre Juracy Marden, de Morro do Bom Jesus, é também um local de peregrinação para os fiéis da Igreja Católica, um lugar sagrado para eles. Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 103), o espaço sagrado

[...] organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, consequentemente transformando o espaço em lugar.

8 Todos os entrevistados no processo de pesquisa autorizaram formalmente a publicação de suas entrevistas e de seus nomes reais, não havendo portanto a necessidade de uso de abreviaturas ou nomes fictícios.

Marcos, um jovem rapaz de 34 anos, vive na cidade deste que nasceu e visita o Morro do Bom Jesus sempre que precisa refletir sobre as questões da vida. É casado e pai de dois filhos. Nós nos encontramos na frente de sua casa. Tínhamos um longo percurso até o topo da montanha. No caminho, além de trocarmos informações sobre o momento atual da cidade, íamos contemplando a paisagem, respirando aquele ar agradável. Ele se mostra muito inquieto, com desejo de falar tudo que estava guardado em sua memória.

Na cidade, muitos jovens na idade de Marcos já são casados, têm filhos e dividem as responsabilidades juntamente com os pais. É um costume os filhos se casarem e continuarem morando com os pais como forma de economizar, já que a maioria dos jovens na cidade não tem trabalho fixo.

Depois de mais ou menos 30 minutos de caminhada, chegamos a nosso destino. A visão de lá de cima é privilegiada. Podemos contemplar toda a cidade. Assim, começamos nosso exercício fenomenológico: sentados em uma rocha, procuramos um ritmo de respiração comum, deixamos nosso olhar livre e buscamos um vazio. Não um vazio em sua totalidade, mas um vazio nos sentidos, para estar aberto a transcender o próprio pensamento. Se deixar levar sem controle, sem preconceito. Só quando nos disponibilizamos a experimentar esta relação é que podem surgir os fenômenos.

Estar diante de um personagem e perceber suas sutilezas, suas particularidades, o que ele tem para dizer, o que ele pensa. Um ator que pretende chegar à alma de um personagem, em sua pesquisa de composição, lança mão de diversas técnicas, desde as mais profundas, que buscam entender a alma do personagem, seus desejos mais íntimos, até as

composições mais distanciadas do sentimento, que têm a forma, o exterior, como estímulo de criação. Eu libero meu olhar, meu pensamento, meus ouvidos. Disponibilizo-me ao que acontece na minha frente e, assim, a relação entre este indivíduo e seu lugar vai surgindo. Neste sentido,

[...] as coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23)

Ver a cidade ao longe, como um quadro, oferece a Marcos Costa (34 anos) várias possibilidades de reflexão. Para ele, a cidade surgiu de várias batalhas entre índios e brancos:

Naquela época tinha os coronéis e os índios. Os coronéis moravam no lado direito do rio e do lado esquerdo moravam os índios. Através disso, começaram os confrontos entre os coronéis e os índios. Daí, Itambé passou a se chamar Pedra Afiada. Os coronéis sempre foram muito agressivos com os habitantes; quando eles faziam algo errado ou desrespeitavam os coronéis, eles mandavam matar. Itambé era a cidade considerada mais violenta nesta época de coronéis.

A informação de que Itambé foi formada a partir de confrontos foi mencionada pela maioria dos entrevistados que sabiam um pouco mais da história da formação da cidade. Apenas um morador foi contrário a esta informação: Diego Reis (23 anos), que trabalha no museu da cidade. Foi neste museu que realizamos sua entrevista. Para ele,

a maioria das cidades surge de uma guerra, a emancipação vem fruto de uma guerra e a história de Itambé difere um pouco das outras cidades da região, porque a história de Itambé se forma do branco com o índio e não de uma guerra entre ambos, quer dizer, é o branco que vem dessa região aí do rio Verruga, com o índio que vem da região do rio Pardo e ambos aqui, no centro da cidade, fazem a pacificação de modo que quando se tem buscado resquício dessa morada indígena aqui, praticamente não se acha nada, nós experimentamos isso no Museu, porque praticamente não se tem, no território de Itambé, nada dos índios, porque a saída daqui não foi feita por guerra, mas por pacificação, por exemplo, eles recolheram tudo que era deles e de fato saíram para o homem branco poder construir as primeiras casas.

Uma contradição: já que não houve confronto, por que os índios não continuaram a viver na cidade em paz com os brancos? Pelo menos, um consenso: os índios fizeram, sim, parte da construção da cidade e ocupam um espaço importante na história e nas características de seus habitantes. No site mantido pela prefeitura municipal, o texto publicado se mantém longe da polêmica e traz uma versão mais neutra desta história:

O Povoado do Verruga⁹ nasceu entre 1860 e 1890, quando uma grande seca assolava o sertão baiano e muitas famílias se deslocavam para o litoral em busca de sobrevivência. Duas destas famílias ao descerem a Serra do Marçal ficaram deslumbradas com o vale verdejante que os encheu

9 Verruga foi como o povoado foi batizado. Nome de um dos rios que cortava a região. Hoje o rio Verruga se transformou em um esgoto a céu aberto. (PREFEITURA..., 2011).

de esperanças, dando fim a uma longa viagem que acabaria no Litoral. Essa região era território dos índios Pataxós e Mongoiós, tribos valentes que defendiam bravamente sua terra. Não se sabe com quais argumentos os senhores Manoel Balbino da Paixão e Manoel Raimundo da Fonseca, os chefes destas famílias, ainda lá na Serra do Marçal, negociaram com os índios a permissão para se instalarem.

Paulo Arruda (67 anos), morador relativamente familiarizado com a história da cidade, conclui bem este fato:

Nossa cidade no início era habitada pelos indos Pataxós e Mongoiós. Fugindo de uma época de seca, algumas pessoas chegaram e se encantaram com o local, pela quantidade de água. Só que os índios só permitiram que o povoamento acontecesse apenas de um lado do rio. Aqui o que valia era a força da arma, e, para não serem exterminados, os índios acabaram sendo expulsos.

Como este trabalho, em alguns momentos, se baseia na tradição oral de contar uma história, é a visão do morador que nos interessa, ou seja, como ele conta estes fatos importantes da cidade. Neste sentido, para a história oral,

[...] trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações. (ALBERTI, 2005, p. 19)

Neste caso, em que a história recente ainda não foi contada nos livros e que poucos estudos foram dedicados a este assunto, foi fundamental ouvir as versões dos moradores

sobre a história de formação da cidade, como uma maneira, também, de compreender quem é o itambeense de hoje, levando-se em conta os povos que formaram esta cidade.

Como aquela região, onde se formou a cidade, era ponto de parada dos tropeiros que a desbravaram, uma grande mestiçagem foi se estabelecendo ali, com a formação de famílias entre negros e índios, negros e brancos e brancos e índios. Andando pelas ruas silenciosas da cidade, percebo que esta mistura não repercute no modo de viver dos habitantes nem na cultura local. É uma mestiçagem que se restringe às características físicas, como nos traços do rosto, textura do cabelo e tonalidade da pele. São raras as famílias que herdaram, de seus antepassados, referências culturais. Esta é uma questão sempre presente em meus questionamentos: por que a cidade onde nasci não preservou dados ou particularidades daqueles que estiveram por ali durante sua fundação? Quem eram estes desbravadores? O que faziam, para onde foram e o que deixaram ali?

O fato de a cidade estar localizada na divisa entre Minas Gerais e Bahia fez dela uma cidade híbrida, mas de um hibridismo que não estimulou a valorização de suas características iniciais. O sotaque, por exemplo, traz nuances das duas regiões, sudoeste da Bahia e norte de Minas Gerais; a culinária também é outro exemplo: o que se come em Itambé fica entre o tradicional na mesa dos brasileiros, sendo feijão, arroz e carne, ou pratos da culinária ocidental, como lasanha, estrogonofe e pizza. A cidade não soube absorver do outro, dentro desta mistura, nenhuma especificidade.

No campo da culinária, só mais recentemente a população começa a experimentar outros sabores e a adotar alguns pra-

tos como favoritos e oferecidos pelos restaurantes caseiros existentes na cidade, como carne do sol com aipim, sarapatel de bode, galinha caipira, buchada, feijoada, caldos variados – tudo com um toque especial dado por cozinheiras, interessadas em ocupar este espaço no comércio local. Não é hábito entre os moradores fazerem suas refeições fora de casa, mesmo porque a cidade não oferece opções de restaurantes. Alguns donos de bares aproveitaram o fato de suas esposas serem boas cozinheiras e começaram a oferecer aos clientes a opção de almoçar ou jantar entre uma cerveja e outra, ali mesmo. De forma improvisada, estes bares vão se firmando também como restaurantes. Nesta mesma linha, alguns bares situados na rodovia que liga Vitória da Conquista ao sul do Estado, passando por Itambé, também estão oferecendo refeições, inclusive churrasco, um dos pratos mais consumidos na cidade, por conta da cultura agropecuária que é muito forte no município.

Assim, uma abertura em absorver pratos da culinária sertaneja vem sendo estimulada e recebendo toques especiais destas cozinheiras, como o queijo ralado no aipim e lâminas de gengibre para refogar o arroz.

Em suas manifestações culturais, a cidade precisa pensar esta hibridação como algo positivo na manutenção de tradições que vêm se perdendo:

A hibridação, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a *multiculturalidade* evite o que tem de segregação e se converta em *interculturalidade*. As políticas de hibridação serviram para trabalhar democraticamente com as divergências, para que a história não se reduza a guerras entre culturas [...]. Podemos escolher viver em estado

de guerra ou em estado de hibridação. (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 26-27, grifos do autor)

A população se divide entre recuperar uma tradição que vem se perdendo ou modernizar estas tradições como forma de atrair público para a cidade. É o caso do São João, uma das festas mais citadas pelos entrevistados como manifestação cultural e motivo de discussão entre os moradores.

O que está morrendo aqui é o São João. Não é mais aquele São João animado. A população participava ativamente do São João. Cada lugar, cada rua, todos participavam. Hoje é só um lugarzinho, lá na Praça San Filli, onde todo mundo se reúne. Então, concentrou mais, porque antes o São João envolvia toda a população, era comemorado nas ruas com enfeites juninos, bandeirolas. Hoje não, são poucas as pessoas que fazem até mesmo a fogueira. Centralizou tudo em um lugar só. São poucas as pessoas que fazem o licor, que fazem o bolo (Evandro Oliveira, 35 anos).

Evandro é professor de escola pública e se preocupa com o desenvolvimento da cidade, mas também com a manutenção das tradições existentes ali. Nossa entrevista foi realizada na antiga praça da televisão, uma praça que tinha um televisor instalado no centro e que promovia o encontro de todos os moradores que moravam em volta, mas que não existe mais. Com a queda dos preços dos eletrodomésticos, vários moradores puderam adquirir seus aparelhos, mas também o crescimento de atos de vandalismo na cidade fez com que a prefeitura tirasse a TV da praça. Evandro se mostrou revoltado com este fato e com algumas atitudes do poder público que constrói e destrói o que deseja sem consultar a comunidade.

Entre essas ações da prefeitura, destaco a construção de uma praça de eventos para a realização dos festejos juninos. Anteriormente, a festa acontecia na praça municipal com atrações musicais, em sua maioria constituídas de trios nordestinos e forrozeiros da região. Neste período, os moradores se sentiam estimulados a organizarem festas em suas próprias residências ou fazendas próximas da zona urbana da cidade. Com o passar dos anos, a festa foi sendo reformulada e novos costumes foram adotados, como a construção da praça San Filli, gastos com decorações temáticas, instalação de barracas de bebidas e contratação de grandes nomes do chamado forró eletrônico, o que tem agradado alguns moradores:

O São João, todo ano aqui eu participo, por sinal a gente brinca aqui, quadrilha, essas coisas. O São João um tempo atrás era nas casas, cada casa tinha um São João e agora não, já tem ali o evento pra gente, né? Começa e termina ali na Praça San Fili. Então é melhor agora, não precisa ninguém ir pra casa de ninguém, tá todo mundo lá misturado, não tem escolha, né? Todo mundo é uma pessoa só quando chega lá, eu achei melhor por isso. No meu pensar, é melhor agora por isso. Todo mundo é igual (Jandira Mendes, 65 anos).

Entre uma opinião e outra, entre uma transformação e outra, os moradores vão se adaptando. O fato é que nenhum debate com a população sobre a realização da festa é estabelecido. Cada administrador e cada prefeito que é eleito se sente no dever de dar sua contribuição no que diz respeito à sobrevivência desta tradição, que já atraiu muitos visitantes, gerando emprego e renda para a cidade.

Em sua tese de doutorado, Castro utilizou as festas juninas do Recôncavo Sul para analisar a espetacularização e a reinvenção do lazer festivo nos espaços urbanos de Cachoeira, Cruz das Almas e Amargosa, verificando que os eventos festivos estão cada vez mais mercantilizados e espetacularizados também em pequenas e médias cidades:

Esta prática festiva, antes relacionada à dimensão comunitária e às festas na casa de familiares e amigos, se ampliou e se tornou mais complexa envolvendo diversos agentes e espaços. A partir, sobretudo, dos anos 1970, esse novo desenho das festas do ciclo junino começou a ser esboçado a partir da iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e de segmentos dos governos dos Estados como Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, que passaram a investir na espetacularização das festas juninas como estratégia de projeção midiática e turística das cidades. (CASTRO, 2008, p. 3)

No meio deste embate, há quem espere que algo realmente seja pensado ou feito, no tocante ao bem estar dos moradores. No ano de 2010, a prefeitura municipal investiu alto na decoração e na contratação de bandas, mas esqueceu de investir na estrutura do evento; assim, por falta de geradores, a festa foi interrompida várias vezes com as constantes quedas de energia, o que causou desconforto e desânimo entre os moradores. Algumas pessoas, que experimentaram a boa fase da festa, descrentes de que algo sério possa ser feito, buscam alternativas em outras cidades, como fez Neide Borges (54 anos): “Itambé é uma cidade pequena que tem avanços e retrocessos. Não permite a nós, itambeenses, acesso à cultura e ao desenvolvimento. A gente busca nas cidades vizinhas.”

Não é só a cultura que faz com que os itambeenses deixem a cidade. Na área de geração de empregos a cidade vive dividida com a instalação da fábrica da Vulcabrás Azaleia. Muitos moradores questionam a vinda da fábrica para a cidade. A Azaleia é isenta de impostos municipais e recruta mão de obra barata em Itambé, além de levar, diariamente, cerca de 800 itambeenses para trabalharem na unidade industrial instalada em Itapetinga, município vizinho, o que esvazia ainda mais o fluxo de pessoas nas ruas da cidade.

Gildete Silva (23 anos), uma das entrevistadas que já sonhou em ser modelo, trabalha no pólo de Itapetinga como operadora de máquinas e ganha um salário mínimo por mês. Ela sai de Itambé às 14 horas e retorna às duas da madrugada do dia seguinte. Apesar do esforço, vê um ponto positivo nesta empreitada e se diz feliz com o emprego:

Trabalho para ajudar minha família. Meus pais moram num sítio bem perto de nossa casa. A gente vive com dois salários mínimos, não é muito, mas é suficiente pra a gente pagar nossas dívidas, resolver nossa vida. Se todos tivessem um emprego poderiam participar do desenvolvimento da cidade, através de sua dignidade conquistada.

O comércio, a educação, a saúde e o lazer também são responsáveis pela saída de moradores em busca de outras opções. Diariamente, mais de seis vans fazem o transporte de moradores da cidade que vão a Vitória da Conquista para fazer compras, ir ao médico, ao cinema, ao teatro, assistir shows musicais que não chegam à cidade, estudar, já que em Itambé as únicas possibilidades de cursos universitários são oferecidas pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – Ensino à distância (FTC/EAD), particular e à distância. Isto acaba

enfraquecendo o comércio local, tornando os moradores descrentes da possibilidade de a cidade tornar-se um dia mais independente economicamente.

EVENTOS E O COTIDIANO DA VIDA

Na cidade, o sábado é o dia no qual o comércio tem mais movimento, por ser o dia da feira. Itambé fica mais movimentada no sábado. É como se cada morador tivesse um motivo para ir à rua, ao centro, ao comércio. É na Praça San Filli que acontece a feira livre, o lugar mais importante de sociabilidade. É nela onde, pelo menos uma vez por semana, as pessoas se encontram. Nos dias de feira, a Praça San Filli exibe pequenas barracas onde os feirantes locais e moradores da zona rural aparecem para vender os produtos cultivados por eles mesmos em suas terras ou quintais. Para os pequenos agricultores, ir à cidade significa, além do comércio de suas mercadorias, saber das novidades, ficar a par dos acontecimentos que não são muitos.

Ali, as donas de casa aproveitam para saírem de suas rotinas diárias e trocaram ideias e informações sobre culinária e inflação, que, para elas, é medida pelo aumento ou baixa do preço do feijão. Encontrar-se com as amigas, reclamar da vida, dos maridos, dos filhos e do progresso que não chega, e, depois, voltar para casa e continuar a mesma vida. Enquanto as mulheres se equilibram para economizar o pouco que têm para as compras da semana, os maridos aproveitam para tomar uma cerveja, uma cachacinha, jogar dama, baralho, dominó, bilhar, ou, então, conversar com os amigos, esperando a hora do almoço. Para os homens, a conversa é sobre futebol

e agricultura, para aqueles que ainda têm um pedaço de terra como herança de um período de fartura.

A feira é um acontecimento que dura pouco. As donas de casa e os feirantes chegam cedo, com o nascer do dia. Entre nove e 10 horas da manhã, chegam os jovens e as pessoas que só foram ver o movimento. Entre 11 horas e o meio-dia, a feira começa a ser desmontada.

Os solteiros, rapazes e moças, aproveitam o dia da feira para trocarem informações sobre o que vai acontecer à noite, além de ser um motivo para saírem de casa e verem algum movimento no centro da cidade. É este o momento em que todos fazem o resumo da semana. O curioso é que estes núcleos não interagem entre si. Eles se reúnem por grupo: os jovens com os jovens, as donas de casa com as donas de casa e os pais de família com os pais de família. Quando fogem à regra, é somente para um rápido bom dia, para saber notícias da família e pronto. Cada um parte em busca de seu grupo.

Nas pequenas cidades do interior “o tempo não tem peripécias e parece quase parado. Não ocorrem nem ‘encontros’ nem ‘partidas’. É um tempo denso, viscoso, que rasteja no espaço.” (BAKTIN, 1998, p. 353) Às vezes eles nem percebem que tudo aquilo já havia acontecido na semana anterior e acontecerá da mesma forma na semana seguinte e que por aí vai seguir. Durante minha estadia na cidade, cultivei o hábito de ir à feira. Fui à feira em diversos horários. E este foi o lugar de encontro mais vivo que encontrei em Itambé.

De segunda a sexta a praça fica deserta. Construída em uma área limítrofe da cidade, o acesso à praça se restringe ou aos dias de feira ou aos eventos organizados pela prefeitura, por alguma associação ou pela igreja.

A praça San Filli foi o lugar escolhido por Tadeu Cerqueira (28 anos) como o local de realização de sua entrevista. Para ele, além de abrigar a feira, é nesta praça que acontecem os maiores eventos socioculturais da cidade:

Aqui foi onde eu comecei meu trabalho, uma coisa que pra mim é satisfatória, não pelo capital, mas pela arte. Uma praça que circula (sic) mais de cinco mil pessoas. A primeira vez que eu fiz um trabalho foi nessa praça. A comemoração dos oitenta anos de Itambé foi marcante para mim. Não foi fácil como não é fácil pra nenhum artista brigar pelo seu espaço. Aqui tem uma política de privilegiar uma só pessoa então é difícil ser reconhecido.

Na verdade, este local foi construído como forma de centralizar estes eventos. Mas, antes disso, era na praça municipal, a Praça Osório Ferraz, onde aconteciam estas manifestações. Esta praça é o ponto central da cidade e onde se localiza o prédio da prefeitura, a Câmara de Vereadores, o prédio dos Correios e onde habita a classe média de Itambé. É também um lugar de convergência de um público mais específico: os estudantes, alguns funcionários da prefeitura e idosos. Durante todos os dias da semana, quando a noite cai ou quando as aulas acabam, jovens de todas as idades delimitam seus espaços para se encontrar com os amigos, jogar conversa fora, paquerar etc. De um lado, os meninos; do outro, as meninas, e, no meio, onde está instalado um bar, ficam os boêmios da cidade, homens de meia idade que aproveitam a brisa da noite para tomar a cervejinha do dia. Quem estuda à noite, passa lá antes das aulas ou depois, quando o fluxo de pessoas já é menor. Entre 22 e 23 horas, a praça já está deserta. É preciso chegar em casa e encontrar os pais ainda acordados.

Para Paulo Arruda, a praça municipal perdeu seu caráter político, não sendo mais o único local da cidade onde manifestações e comemorações de datas cívicas acontecem. Com o deslocamento de muitos destes eventos para a Praça San Filli, a praça municipal ficou um pouco abandonada, na visão de alguns moradores: "A praça mais importante que a cidade tem. Aqui é o cartão de visita. Não deveria estar desse jeito, mas é a praça mais importante".

No momento de comparar as fichas de identificação dos entrevistados confirmo que a cidade dispõe de vários lugares de sociabilidade, mas que não são ocupados ou utilizados pelos moradores. Ao analisar os conceitos de uso e de apropriação na obra de Lefebvre, a pesquisadora Odete Seabra (1996) identifica que o uso do espaço abriga diferentes dimensões da existência humana. Ainda segundo a pesquisadora,

[...] a questão do movimento dialético entre a propriedade e a apropriação está formulada como momentos ínfimos que implicam o âmbito do vivido, lugar dos embates entre os diversos processos de institucionalização da vida, como princípios lógico-políticos. Estes embates se travam na textura fina da sociedade, e têm de subverter formas de uso, resolver costumes. (SEABRA, 1996, p. 72)

Pensando-se assim, a maioria dos espaços de sociabilidade de Itambé existe apenas como lugar de passagem e talvez por isso, na primeira abordagem, alguns entrevistados tiveram dificuldade em escolher um lugar especial que lhes despertasse algum sentimento para realizarmos a entrevista, justamente por não terem o hábito de utilizar aqueles espaços, mesmo sabendo da existência destas praças e jardins. Os lugares mais escolhidos foram o Morro do Bom Jesus, a praça municipal Osório Ferraz e a Praça São Sebastião, onde se localiza a igreja matriz (Figura 6).

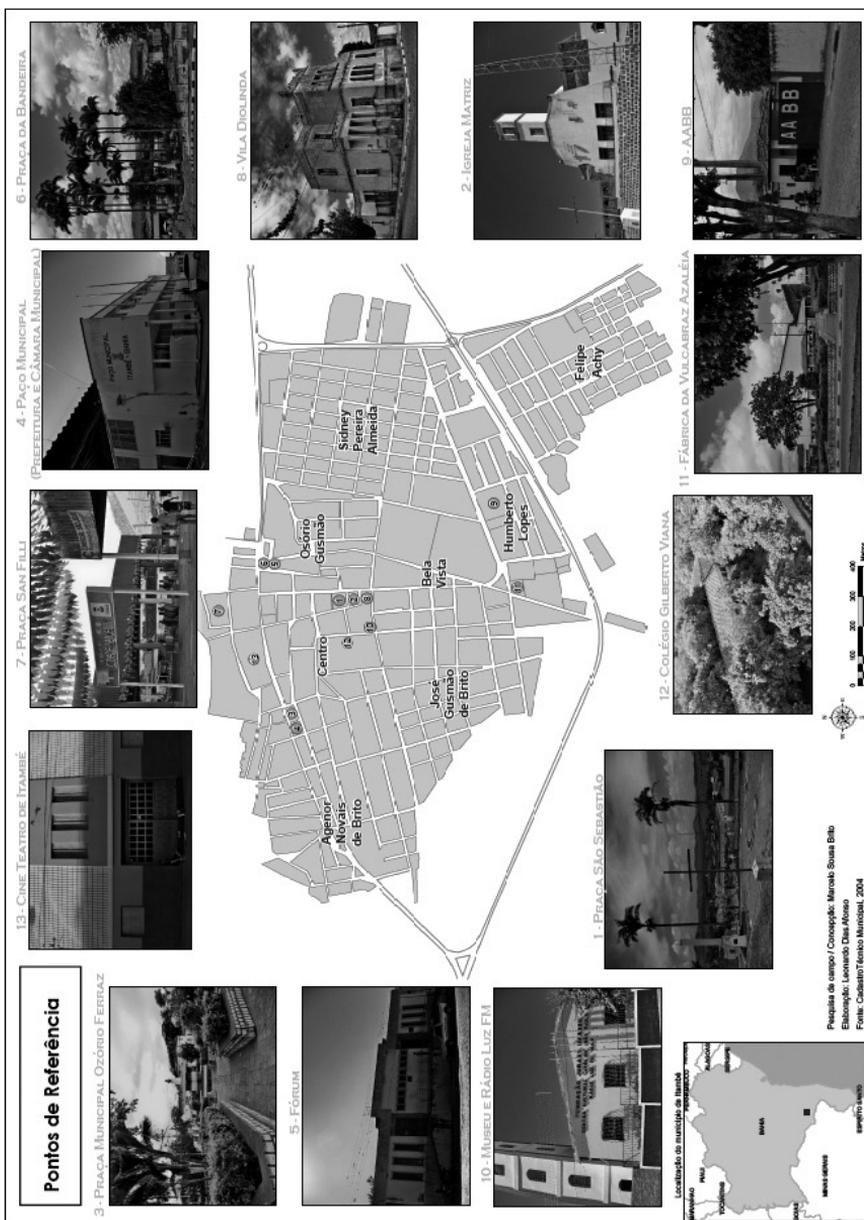


Figura 6 - Pontos de Referência.

Autoria: Leonardo Dias Afonso e Marcelo Sousa Brito.

Palco de grandes eventos artístico-religiosos, a praça da matriz e a própria igreja passam, neste momento, por uma grande reforma. A ideia é que o local volte a ser um ponto de encontro e de sociabilidade entre os moradores:

Essa praça simboliza minha religiosidade. Aqui tinha umas árvores com forma de estrela cadente. Mas tiveram que retirar por conta da raiz. O Green Peace de Itambé (risos) foi contra, mas arrancaram. Essa praça representa muito para mim, está em reforma juntamente com a igreja e vai ficar muito bonito. Eu, particularmente, gostaria que essa parte aqui, na frente da igreja, fosse uma concha acústica, ou um anfiteatro (Jorge Brandão, 39 anos).

A praça da matriz desperta muitas lembranças em alguns entrevistados. Mas por que a praça e não a igreja? Por que muitas pessoas vão especificamente para a praça e não para a igreja, já que grande parte da população é composta por católicos? Estar na praça é uma forma de estar quase dentro da igreja. E isso sempre aos domingos, um dia em que a cidade está mais parada do que de costume. Domingo é um dia da semana em que todos estão com o tempo livre para sentir o tempo passar, então a única possibilidade de encontro é se dirigir para a praça da igreja, a praça da matriz, como é mais conhecida. Na praça, as pessoas se encontram, conversam, flertam e o mais importante: são percebidas. Em Itambé, onde poucas atividades que favorecem o encontro são oferecidas, é importante ter uma religião ou ser associado a uma. Isto conta pontos para sua inclusão na sociedade, mesmo que seja só aos domingos e mesmo que você não entre na igreja. Estar na praça já é uma forma de compartilhar os mesmos princípios.

Por que estes lugares de sociabilidade têm seus momentos de ocupação e depois ficam desertos? Por que não os manter vivos, ocupá-los, invadi-los? Por que entregá-los ao silêncio e ao vazio, se são lugares queridos pelos moradores? Estas questões sempre estiveram presentes em meus pensamentos, como uma possível expectativa para o futuro da cidade.

Como se os personagens mudassem seus destinos e características, como se a mocinha recatada saísse de casa com outro ar ou como se a dona de casa, em vez de ir para a feira, fosse para a praça da prefeitura, a fim de saber através dos jovens o que acontece por ali e, assim, trocarem experiências, vivências.

Os maridos, no dia de feira, deveriam sair às compras, enquanto as esposas se encontrariam com as amigas para conversar e se divertir, à tarde, na praça da igreja, tomando uma cervejinha ou um guaraná, sem as preocupações habituais do dia a dia. Os jovens deveriam se aplicar mais, serem mais atuantes e se reunirem em grupos de músicos, de atores, poetas e dialogarem com estes lugares. Fazer um recital depois da missa, marcar um dia surpresa para um show de voz e violão na praça da prefeitura, um espetáculo de cordel na feira ou um show de repentistas.

Para Bakhtin (1998, p. 355), cronótopo é o centro organizador dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronótopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer que a eles pertence o significado principal gerador do enredo. Este conceito criado por Bakhtin (1998), para definir o lugar da ação de um romance literário, dialoga com nossa definição de lugar.

Os artistas vivem reclamando da falta de espaço para suas apresentações, os artesãos não têm onde comercializar seus produtos e a cidade fica entregue ao nada. Os habitantes precisam se sentir responsáveis pela utilização destes espaços e fazer com que este cronótopo, chamado de cidade do interior, surpreenda a todos com outros acontecimentos; que seus personagens rompam com o silêncio, ultrapassando as portas e saindo para as ruas, mas com outra intenção: manter viva e viver esta cidade a cada dia.

O fundamental é entender a história do lugar, fazer dialogar as gerações que ali vivem e reutilizar os espaços públicos disponíveis e que estão sempre abertos a outras formas de ocupação.

Várias mudanças aconteceriam no momento em que os habitantes entendessem esta dinâmica, assim, o cotidiano da cidade poderia ser alterado. O morador mudaria suas nuances e passaria a se comportar como um rico personagem dos romances. A partir daí, surpreenderia a si próprio, enriquecendo sua personalidade e a relação com o outro, colaborando para a transformação desta cidade, aparentemente desinteressante, em um lugar no qual tempo e espaço possam estar plenos de mistérios, surpresas e encantamentos.

É desta forma de ocupação que tratarei no segundo capítulo do livro, com o desejo de que o ser humano tenha, realmente, o poder de alterar seu destino e de interagir com o que se encontra à sua volta, possibilitando, assim, uma vida mais rica de acontecimentos.

Ação e discurso

o cidadão estimulando
a descoberta de novas
possibilidades de fazer teatro

Se aceitamos como tendências irreversíveis a massificação da sociedade, a expansão urbana e da indústria cultural, se as vemos – mesmo em suas contradições – com humor, é possível pensar de outra forma a função dos artistas.
(GARCIA CANCLINI, 2006)

Desde seu surgimento, o teatro estimula debates e discussões e provoca mudanças na sociedade e no ser humano. Neste percurso, vários artistas foram responsáveis pela transformação do fazer teatral, ao longo dos anos, como forma de aproximação com o público. Esta aproximação extrapola a tentativa de lotar as salas de espetáculo, propõe uma participação mais ativa do público e requer que o espectador reflita e absorva as informações que estão sendo apresentadas.

Lançar mão do teatro e colocar o cidadão no centro do debate é o maior desafio deste trabalho:

O teatro tem uma história específica, capítulo essencial da história da produção cultural da humanidade. Nesta trajetória o que mais tem sido modificado é o próprio significado da

atividade teatral: sua função social. [...] É irrecusável que, dentro de certos limites, formas artísticas acabam criando novas formas artísticas. (PEIXOTO, 1994, p. 11)

A partir do futurismo, iniciado em 1909, com a publicação do Manifesto Futurista, de autoria do poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti, as artes vêm se fundindo, se misturando e se reinventando, em busca de novas possibilidades de manifestações artísticas.

Os artistas que deram início a estes processos de transformação, como o próprio Marinetti, viviam um momento em que “a arte conceitual, que privilegiava uma arte das ideias em detrimento do produto, não podia ser nem comprada, nem vendida.” (GOLDBERG,¹⁰ 2001, p. 7, tradução nossa); era uma época de plena ebulição criativa e, neste período, qualquer ação, qualquer transgressão, era considerada arte, mas uma arte como provocação da própria arte. Este processo de transformação continua até hoje:

A arte moderna continua praticando essas operações sem a pretensão de oferecer algo radicalmente inovador, incorporando o passado, mas de um modo não convencional. Com isso, renova a capacidade do campo artístico de representar a última diferença ‘legítima’. (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 49)

É do ofício de artistas engajados a reinvenção e a experimentação com objetivos de manter viva sua arte e, neste processo de evolução, várias inquietações surgem: sair da sala de espetáculos e ir para a rua, deixar o teatro de rua e realizar performances, intervenções urbanas, abandonar

10 As citações da autora Roselee Goldberg foram traduzidas do francês para o português pelo autor deste livro. “L’art conceptuel – qui privilégiait un art des idées au détriment du produit, et un art ne pouvait être acheté ni vendu”.

o texto, improvisar, criar novas dramaturgias; tudo isso faz parte desta busca.

Aqui, vou defender a atualização de um termo já existente: a ação cênica. Para Stanislavsky, ação “propriamente dita é uma satisfação, interior e exterior, do desejo. O impulso pede a ação interior, e a ação interior exige, eventualmente, a ação exterior.” (STANISLAVSKY, 1972, p. 44) A ação é o próprio ato de estar vivo ou de se manter vivo. Já ação cênica, na definição do autor, é

[...] o movimento da alma para o corpo, do centro para a periferia, do interno para o externo, da coisa que o ator sente para sua forma física. A ação exterior em cena, quando não é inspirada, justificada, convocada pela atividade interior, só pode entreter os olhos e os ouvidos. Não penetrará o coração, não terá importância para a vida de um espírito humano em um papel. (STANISLAVSKY, 1972, p. 47)

Para esta pesquisa, ação cênica será compreendida como toda e qualquer forma de expressão, unindo ação e discurso, realizada por um ou mais indivíduos, no intuito de provocar o debate sobre o desenvolvimento cultural e social da cidade ou como uma maneira de estimular a ocupação dos espaços públicos de forma artística. Na ação cênica, o discurso nem sempre é emitido por quem está agindo; às vezes, o discurso vem da reação de quem presenciou a ação.

Para isto, basta que o morador sinta esta necessidade interior de expressar algo que interessa a este coletivo, sem a necessidade de ser um artista, sem a obrigação de estar fazendo teatro e muito menos de ocupar um edifício teatral.

O que é o espaço teatral hoje? Tudo. Uma esquina, um restaurante. Um ônibus, um galpão. Até mesmo um teatro tradicional.

Basicamente, duas hipóteses são possíveis: usar os espaços tradicionalmente reservados aos espetáculos ou negá-los, inventando quaisquer outros. Hoje, mais do que nunca, a escolha determina uma opção de profundas consequências ao nível da linguagem e da ideologia. (PEIXOTO, 1994, p. 30)

É a meta aqui é estar próximo do público. É se confundir com o próprio público, se diluir, se misturar. Quebrar paredes e barreiras que separam e distanciam quem age e quem observa esta ação. O importante é que, em algum momento, todos estejam agindo juntos.

É bom afirmar que classificações como performance, *happening*, teatro de rua ou intervenção urbana não são necessárias para este processo. O que proponho é a realização de ações cênicas como forma de estimular a participação do indivíduo na cena cultural de sua cidade unindo ação e discurso, sem necessariamente pensar na criação de uma obra artística.

A ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens. [...] a vida sem discurso e sem ação está literalmente morta para o mundo; deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens. (ARENDR, 2000, p. 189)

É preciso explicitar um pouco mais a escolha do conceito de ação cênica como norteador desta pesquisa. O silêncio sempre foi a melhor resposta que um itambeense podia emitir em situações de confronto ou quando sua integridade era comprometida. Esta é uma característica marcante, quando se trata da relação entre cidadão e governo na história de Itambé, o que é algo que vem sendo passado de geração para geração. Em seu livro *Quase um romance*, o itambeense Gilberto Costa (2005, p. 86) traduz bem esta realidade:

Desafiar o poder político era assinar um mandato de perseguição e injustiça, responsável por eliminar quase todos os adversários. A democracia, instrumento de liberdade, quando utilizado por todos, especialmente pelos menos protegidos, era mascarado pelo poder incondicional de poucos, que em nome próprio mascarava e disseminava ainda mais a injustiça.

Agir cenicamente era o único artifício que poderia fazer com que os habitantes de Itambé emitissem suas opiniões, utilizando o álibi de que estavam a serviço da arte. Pessoalmente, sinto que existe um medo que paira entre os moradores da cidade. Medo histórico, que os afasta dos espaços públicos, como praças e jardins, e que também os impede de agir como cidadãos. Um exemplo é o fato de alguns moradores, mesmo interessados em participar das ações, se recusarem a uma participação mais engajada, temerosos de perderem seus empregos ou serem vítimas de alguma perseguição política. Fazia-se necessário entender toda a diferença que envolvia aquele coletivo.

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem, ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. (ARENDDT, 2000, p. 188)

Com muita cautela e vivendo um dia após o outro, ia me readaptando a esta realidade, tentando viver este cotidiano sem julgar ninguém, esperando o momento certo de fazer os moradores sentirem a necessidade de agir. “Agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar,

imprimir movimento a alguma coisa.” (ARENDR, 2000 p. 189) Era esta atitude que me interessava: que a ação partisse dos moradores, que o desejo de agir fosse despertado em cada habitante de Itambé. Com o passar dos dias, com minha vida já estabelecida na cidade, comecei a perceber a dificuldade do cidadão itambeense para propor alguma ação. Muitas pessoas me sinalizavam o desejo de participar, mas depositavam em mim a tarefa de criar, organizar e definir papéis. Resolvi, então, esperar mais. Ir para a rua, conversar, trocar ideias, ouvir as pessoas, disponibilizar meu trabalho para qualquer atividade, a fim de aprofundar a minha relação com alguns articuladores das redes sociais da cidade, como artistas, professores, alunos e agentes de projetos sociais. Precisava unir forças e, como Milton Santos (1993, p. 79) defendeu,

[...] uma coisa é a conquista de uma personalidade forte, capaz de romper com os preconceitos. Outra coisa é adquirir os instrumentos de realização eficaz dessa liberdade. Sozinhos, ficamos livres mas não podemos exercitar a nossa liberdade. Com o grupo, encontramos os meios de multiplicar as forças individuais, mediante a organização. É assim que nosso campo de luta se alarga e que um maior número de pessoas se avizinha da consciência possível, rompendo as amarras da alienação.

Seguindo este pensamento, ministrei algumas oficinas para crianças, jovens e idosos assistidos por projetos sociais da cidade. Participei de bate-papos em escolas, fotografei vários eventos culturais, sociais e religiosos, e fui criando minha própria rede. O tempo que tinha para realizar o trabalho de campo era curto, em se tratando da complexidade do processo prático desta pesquisa. Então, adaptei várias vezes

a metodologia pretendida à realidade da cidade e de seus habitantes.

Por exemplo: a essa altura, há mais de dois meses na cidade, não podia ficar em casa esperando que um morador batesse à minha porta com uma ideia na cabeça, me propondo uma ação. Boa parte do processo de pesquisa de campo já havia sido realizada, como as 22 entrevistas e suas transcrições. Com minha rede criada e registrada (através de fichas de identificação que eu preenchia com alguns interessados) ia refletindo, a partir de conversas com os moradores, sobre o que poderia e com quem poderia começar a experimentar as ações.

Nas fichas de registro, pude perceber que os jovens da cidade se interessam muito pelo teatro e pela dança. Com a massificação da mídia e do culto ao corpo, grande parte das meninas se interessa pela carreira de modelo. Poucos são os jovens que tocam um instrumento e poucos são os músicos que se interessam em passar adiante essa prática. Todas estas constatações me preocupavam e exigiam de mim maior aproveitamento do tempo que dispunha na cidade. Era preciso estar conectado com o cotidiano dos moradores: o funcionamento do comércio, o horário das escolas e as atividades dos donos e donas de casa. Ainda tinha programado mais três meses de pesquisa de campo na cidade para poder dar conta de todos os caminhos necessários para chegar às ações. Outra constatação foi a de que os jovens só se interessam pelo teatro durante sua vida escolar; mencionada como atividade curricular,¹¹ dificilmente esta prática permanece quando o estudante conclui os estudos secundários.

11 Todas as escolas da cidade, principalmente as do ensino médio, desenvolvem atividades artísticas incluídas no calendário escolar, como gincanas, feiras cul-

Neste momento da pesquisa, em que todas as possibilidades de aproximação e identificação já haviam ocorrido, só restava acontecer à ação. Era como se a cortina fosse se abrir a qualquer momento. Algo precisava acontecer para romper este silêncio, para acabar com o medo da exposição dos moradores da cidade e fazer revelar sua própria história, seus próprios atos.

A conotação de coragem, que hoje reputamos qualidade indispensável a um herói, já está, de fato, presente na mera disposição de agir e falar, de inserir-se no mundo e começar uma história própria. [...] O próprio ato do homem que abandona seu esconderijo para mostrar quem é para revelar e exibir sua individualidade, já denota coragem e até mesmo ousadia. (ARENDDT, 2000, p. 199)

Com paciência para sentir o tempo de que cada um necessitava para externar esta coragem, as primeiras ações foram realizadas.

EU AJO, TU AGES

Novas ideias e novas possibilidades de ação surgiam a cada instante, a cada conversa com algum morador durante minhas caminhadas pela cidade. Aproveitando as visitas de amigos que vieram à cidade para saber um pouco mais do processo da pesquisa, amadureci com eles algumas ideias, alguns estímulos.

turais, quermesses e apresentações teatrais. A participação dos alunos nestas atividades, na maioria das vezes, é obrigatória, valendo acréscimo de pontos na média dos alunos em algumas disciplinas. É de costume, também, a contratação de profissionais para dirigir os alunos nas apresentações. Os monitores de teatro e dança dos projetos sociais da cidade, por exemplo, são os mais requisitados para assumirem o posto de diretor e coreógrafo destas apresentações.

Foi muito importante receber visitas de pessoas que viam a cidade e a pesquisa com um olhar distanciado, o que me ajudava a refletir com mais calma e prudência. Foram eles: Amós Heber, ator e cantor, parceiro artístico junto ao Coletivo Cruéis Tentadores,¹² e o criador de luz para espetáculos Jean Dauriac, francês que ama a Bahia e carrega uma curiosidade por meu trabalho,¹³ que estimularam a mim e a outros moradores da cidade a realizar a primeira ação.

Depois de dias de conversa e andanças pela cidade, convidamos Cláudia Santos, Thide Lira e sua filha Raiça Lira para discutirmos a possibilidade de ocupar a calçada da antiga Casa do Estudante de Itambé para uma tarde de leitura. Tudo foi pensado com o intuito de chamar a atenção dos passantes para a importância de dedicar um momento do dia à leitura, à informação, mas também para a necessidade de viver a cidade, de tornar público alguns hábitos de nosso cotidiano: aproveitar o clima agradável que a cidade oferece, o silêncio das praças e jardins, e unir o útil ao agradável

O ato de ler vem se tornando cada vez mais raro, principalmente entre os jovens que se interessam apenas pelos livros indicados nas escolas. Assim, deslocar um grupo de pessoas para passar uma tarde de leitura em público poderia, para

12 O Coletivo foi fundado em 2004, pelos artistas Marcelo Sousa Brito, Tatiane Carcanholo e Gabriela Leite, com o intuito de aglutinar profissionais de diversas áreas fazendo dialogar o trabalho destes artistas com a ocupação de diversos espaços na cidade. O foco é o deslocamento do corpo do intérprete na busca de novas sensações para a criação de novos textos e outras possibilidades de encenação.

13 Jean Dauriac é colaborador do Centre International de Création Théâtrale (CICT), dirigido por Peter Brook. Ele esteve em Itambé por uma semana para acompanhar algumas entrevistas. O seu interesse era perceber como o morador iria revelar sua história e a história daquele lugar, como este processo poderia ser utilizado na construção de um texto, de uma ação.

além de colocar a leitura como um prazer, estimular os habitantes da cidade a cultivar o hábito de ler, diminuindo distâncias e aproximando saberes. Deste modo, uma ação cênica pode ajudar a explicitar também “outros benefícios advindos de projetos culturais e artísticos [...] seriam uma melhoria geral da qualidade de vida, a garantia de diversidade cultural e a integração de grupos marginalizados socialmente.” (LOSSAU, 2009, p. 40)

Nesta ação, pudemos perceber como a leitura é um luxo para poucos. Entre as diversas reações que tivemos dos passantes, uma observação recorrente nos chamou atenção: a de que tínhamos uma vida boa, por estarmos ali, sentados e lendo, esperando o tempo passar. O curioso é que estas observações vinham, na maioria das vezes, de professores que acompanhavam seus alunos no final da aula.

Batizada de Calçada do leitor,¹⁴ a ação foi fundamental para começar este debate sobre a apropriação da cidade pela arte e pela cultura. Como um simples ato de ler em público e sentir prazer com este ato pode interferir alguns segundos no pensamento das pessoas que por ali passaram? Como os moradores que não externaram suas opiniões verbalmente viram aquela situação? Esta ação foi criada a partir de uma necessidade de agir que estava contida em nós. Tudo foi construído rapidamente, de acordo com a opinião e o desejo dos participantes. Aquele era o momento de começar, e, com o surgimento destas questões que repercutiram da ação, o desejo de continuar agindo e de interferir artisticamente no cotidiano da cidade ficou ainda mais presente. (Figura 7).

14 Realizada no dia 07.05.2010. Elenco: Thide Lira, Rayssa Brito, Claudia Santos, Marcelo Sousa Brito, Amós Heber, Jean Dauriac e Caio Vieira.



Figura 7 - Ação Calçada do Leitor.

Foto do autor.

Aquele era o momento de começar, e, com o surgimento destas questões que repercutiram da ação, o desejo de continuar agindo e de interferir artisticamente no cotidiano da cidade ficou ainda mais presente.

Trabalhar, estudar, lutar por um futuro mais digno. É assim o dia a dia dos moradores de Itambé. Nos finais de semana, a opção de diversão mais frequente é ir para os barzinhos beber cerveja e conversar com os amigos. A cidade oferece poucas oportunidades de lazer e cultura, levando jovens e adultos a aproveitarem a folga do fim de semana para se distrair nestes locais. A falta de opções culturais, tanto para o espectador como para quem quer desenvolver alguma atividade artística, motivou a segunda ação realizada.

Gildete Silva, uma das entrevistadas do projeto, trabalha 12 horas por dia na fábrica de calçados. Ela parou de estudar em função do trabalho, pois precisava ajudar financeiramente a família.

Desde criança, Gildete sonha em ser modelo, mas a vida sempre a afastou da carreira, apesar de já ter feito alguns trabalhos na área. Inspirado em seus sonhos, depois de entrevistá-la, resolvemos, ela e eu, programar um ensaio fotográfico. Ela viveria algumas horas a experiência de ser uma *top model*.

Passamos alguns dias refletindo sobre o tema do ensaio, que, claro, deveria ser transformado em uma ação. Andando pelas ruas da cidade, descobri uma obra da prefeitura em uma rua que faz importantes ligações na cidade, funcionando como acesso para algumas escolas. A obra já durava dias e causava alguns transtornos à população. Assim me veio

a ideia: esta obra precisa de um mestre mais eficiente para agilizar os trabalhos, daí surgiu o tema da ação: *Mestra de Obras*.¹⁵

Enquanto a modelo se preparava, conversamos muito sobre a atitude e a postura que deveria adotar. Decidimos que todo o percurso, da casa onde ela se produzia até o local da obra, seria considerado como uma passarela, na qual ela desfilaria sem dar atenção aos comentários ou aos olhares dos moradores.

Sáimos de casa às 11 horas da manhã, horário de maior movimento, pois os estudantes já começam a sair das escolas. Eu desempenhei os papéis de fotógrafo, segurança e produtor. Esta ação foi transformadora para Gildete, que, através desta exposição, foi confrontada com situações, às vezes constrangedoras, que uma modelo pode passar, como comentários maldosos a respeito de seu porte físico: “com essa barriga, até eu posso ser modelo”, “ela está mais para uma baranga”, “eu conheço ela, agora vai ficar mais metida ainda”. E Gildete impávida, ouvindo tudo e continuando seu trabalho, como havíamos combinado, sustentando seu personagem. Até que chegamos no canteiro de obras e ela dominou a cena. (Figuras 8 e 9)

15 Realizada no dia 17.06.2010. Elenco: Gildete Silva e Marcelo Sousa Brito; participação especial dos trabalhadores da obra.



Figura 8 - Gildete Silva na Ação Mestra de Obras.

Foto do autor.

Com tantos homens trabalhando debaixo de um sol escaldante, eis que chega uma linda mulher, toda produzida e maquiada, e começa a interagir com eles. Às vezes supervisionando o trabalho, outras vezes ajudando os pedreiros.

Uma relação entre eles foi sendo criada e quem passava por ali era obrigado a parar para compreender o que acontecia

de verdade. E de baranga ela passou a ser tratada como realmente deveria ser. Câmeras de celulares eram apontadas para ela, pedidos de autógrafa, pessoas querendo saber de onde ela era, de que país, que língua ela falava e onde, em que revista, as fotos seriam publicadas. A esta altura, até os pedreiros já estavam dentro da ação, compondo a cena, obedecendo às ordens da mestra.



Figura 9 - Gildete Silva na Ação Mestra de Obras.

Foto do autor.

O fato de a modelo desfilar simplesmente pelas ruas não foi suficiente para o público acreditar nela; foi preciso que ela agisse com mais verdade, com mais intensidade, para ganhar a cumplicidade das pessoas dentro deste jogo. Valorizar os estímulos exteriores foi a saída para que Gildete crescesse discurso à ação e vida à personagem.

Sem imaginação não pode haver criatividade. Um papel que não passou pela esfera da imaginação artística nunca se tornará atraente. O ator precisa saber aplicar sua fantasia a toda espécie de temas. Deve saber como criar em sua imaginação uma vida verdadeira com qualquer material que lhe seja dado. (STANISLAVSKY, 1972, p. 19)

O choque vivido pela modelo nos primeiros momentos de exposição, durante os quais sua presença alterava a paisagem, lhe deu artifícios para que ela dominasse aquela situação com coragem e força, levando o trabalho até o final.

Os princípios difundidos por Stanislavsky (1972), principalmente em sua obra *A criação de um papel*, são muito importantes para fazer refletir sobre as ações cênicas. Como princípios básicos do teatro, ele prega que o sentimento é o que provoca a ação e que as ações existem em função de um sentimento ou de vários sentimentos. Estes princípios foram importantes no momento de conversar com os moradores sobre o papel de cada um nestas ações. No caso de Gildete, foi fundamental fazer com que ela exercitasse sua imaginação acerca do que é o dia a dia de uma *top model* para se colocar na pele de uma, sem preconceitos e sem medo dos preconceitos dos quais ela poderia vir a ser vítima:

Qualquer tipo de preconceito constitui um dos obstáculos mais perigosos para a recepção de impressões novas e puras.

Os preconceitos bloqueiam a alma. [...] O preconceito é criado pelas opiniões que os outros nos impigem. (STANISLAVSKY, 1972, p. 4)

Claro que, aqui, os princípios criados por Stanislavsky (1972) serão vistos como referencial, e não como método, principalmente por não se tratar de atores de teatro, mas sim de atores do cotidiano de uma cidade. O desafio é romper o preconceito, tanto de quem assiste uma situação inesperada, como também de quem se expõe. Este é um princípio básico para o surgimento de uma ação cênica.

A cada dia, um número maior de moradores se interessava pelo trabalho e já começava a incluir a realização das ações nas rodas de bate-papo da cidade. Todos queriam saber, de fato, o que estava acontecendo. Muitas pessoas me paravam na rua para fazer perguntas e o assunto ia se espalhando pela cidade. Alguns veículos de comunicação da região já haviam noticiado a pesquisa, como a Rádio Luz FM de Itambé e a Band FM de Vitória da Conquista, além da própria divulgação feita por mim, através de ações pontuais, como participação em debates com alunos de escolas públicas, palestras sobre o ofício do artista para jovens assistidos por projetos sociais da cidade e cartazes informativos espalhados por lugares de circulação de pessoas, como escolas e repartições públicas.

Mas era preciso que esta divulgação fosse mais impactante e chegasse a todos. A cidade só é vista na mídia com assuntos ligados à violência e à corrupção. Nunca uma equipe de televisão havia estado na cidade para retratar suas qualidades ou as virtudes de seu povo. Como a equipe de colaboradores já havia crescido, resolvemos arriscar e organizar uma ação para atrair as câmeras da TV de maior audiência

na região, no intuito de mostrar outra realidade de Itambé. Assim surgiu Câmera AÇÃO!!!¹⁶ (Figura 10).



Figura 10 – Câmera Ação!!! Na foto, da esquerda para a direita, os atores Thadeu Campos e Hugo Camizão.

Foto do autor.

16 Elenco: Gabriel Coelho, Beatriz Silva, Luziene dos Santos, Mariane Souza, Anna Cristina, Queila Chaves, Jamille Chaves, Gabrielle Sena, Gianna Barbosa, Hugo Camizão, Thadeu Campos, Zizi Ferreira, Rayssa Brito, Thide Lira, Maruzana Gusmão, Adriana Nolasco, Tainá Dias, Harison de Melo, Joelton de Jesus, Lucas Pereira, Jeferson Cardoso, Jhelony Cerqueira, Emilia Santos, Thaise Meira, Ageu Santos, Alessandro Viana, Jociele Andrade, Adalberto Neves, Gustavo Coelho, Catielle Ferreira, Larissa Silva. Agradecimentos, equipe da TV Sudoeste.

A reportagem-ação foi realizada na Praça Municipal (Praça Osório Ferraz). Várias pessoas compareceram para ocupar este espaço com alegria, cor, vida e arte. A ideia era experimentar todas as possibilidades de ocupação de um espaço público, como piquenique, leitura, jardinagem, tomar um cafezinho, ler um jornal, folhear uma revista, conversar com os amigos, realizar ações para preservação e manutenção deste espaço, se manifestar politicamente, protestar e refletir também sobre a realidade das pessoas que são excluídas ou que se excluem da apropriação do espaço público.

Depois da realização desta ação, a repercussão da pesquisa foi intensa na cidade. Também a preparação do espaço da praça para a ação cênica chamou a atenção dos transeuntes. No dia marcado (22.07.2010), reuni alguns estudantes e fomos cedo para a praça municipal cuidar de nosso cenário. Varrer a praça, conversar com alguns moradores que nos dariam suporte, como, por exemplo, ceder suas casas para que pudéssemos guardar o material, ou para que algum participante pudesse usar estas casas como cenário. Tivemos que lavar o antigo chafariz para que algumas crianças fizessem um piquenique. Esta foi a etapa da ação cênica que mais repercutiu. Moradores lavando o chafariz da praça municipal: o que estava por trás deste ato? Para nós, significava simplesmente deixar limpo um local que ia ser usado por nós mesmos, mas, para os funcionários da prefeitura, significou uma afronta ao departamento de limpeza pública, e, para os moradores, significou um protesto ao descaso do poder público pela cidade.

A curiosidade das pessoas que paravam por ali aumentava na medida em que novos participantes iam se juntando ao

grupo. Com a chegada da equipe da TV Sudoeste, que já havia sido avisada e confirmado presença por meio de sua produção, é que a ação foi de fato iniciada.

A praça já estava habitada, ocupada e cheia de vida. Todos os participantes com seus adereços e seus diferentes propósitos movimentavam aquele lugar: crianças se divertindo em um piquenique, garotas regando as plantas como se estivessem no jardim de suas casas, rodas de estudantes lendo em grupo, artistas de rua realizando performances e ativistas reclamando o direito à cidade, empunhando placas com dizeres Quem vê cara não vê coração e usando máscaras como forma de mostrar que a cidade é para todos, que a cidade é ainda maior do que a praça municipal. Aliás, esse núcleo lançou um olhar crítico sobre a própria pesquisa, que centralizou a maioria das ações na praça da prefeitura. Isto porque esta praça é o ponto de maior circulação de pessoas, por ser o lugar mais central da cidade e por ligar a prefeitura ao centro comercial de Itambé.

A segunda etapa desta ação se deu com a exibição da reportagem, no telejornal do meio-dia. A cidade inteira assistiu. Era uma felicidade geral, um orgulho estampado no rosto de cada participante que se viu na TV. Nas ruas, os moradores comentavam com prazer o fato de a cidade ser retratada na televisão como uma cidade tranquila e agradável, que propicia a realização de atividades culturais transformadoras. Muitos agradeciam o fato do projeto de pesquisa estar proporcionando esta movimentação na cidade e se dispunham a participar das próximas ações. Os habitantes de Itambé começavam a se movimentar e a aceitar o convite para invadir a cidade com ação e discurso.

A CIDADE EM MOVIMENTO

Neste tópico, apresento os trabalhos que necessitaram de reuniões, ensaios e uma produção mais apurada.

Uma das ações mais importantes foi realizada no mês de junho, durante as festividades de São João. Com o intuito de aproveitar a presença de filhos da cidade que moram em outras localidades e que neste período passam as férias em Itambé, resolvemos, eu e alguns amigos, preparar algo que revivesse alguma tradição dos festejos juninos que havia ficado no passado. Assim, nasceu a ação Quem vai se casar?¹⁷ (Figuras 11 e 12)

O casamento na roça é uma tradição que os itambeenses sempre cultivaram: tanto como encenação realizada por alunos nas festas juninas das escolas, mas também como cerimônia de casamento de alguns casais que resolvem se unir deste modo. Organizar uma festa com fartura de comidas e bebidas típicas ao som de um bom forró pé de serra é o sonho de muitos noivos e noivas, tanto da zona rural como da zona urbana.

Já com a cidade movimentada para o São João, convidei Rita Alves, que já havia casado uma filha na fazenda da família, durante o São João, para nos ajudar. O convite se estendeu para suas filhas. Foram convidados também membros da comunidade de São José Operário e a entrevistada pela pesquisa Jandira Mendes, que já havia externado o desejo de participar de alguma ação ligada aos festejos juninos.

17 Elenco: Cíntia Gusmão, Samile Alves, Susele Alves, Rita Alves, Jandira Mendes, Manoel Dias, Grazielle Lemos, Amélia Sampaio, Marcelo Sousa Brito e Dejalmir Melo.



Figura 11 - Ação: Quem vai se casar? Na foto, Dejalmir Melo, Grazielle Lemos e Jandira Mendes ao fundo.

Foto do autor.

No primeiro encontro, várias pessoas compareceram com o desejo de discutir o São João de hoje na cidade e as mudanças que este festejo sofreu, perdendo um pouco de suas características principais, que era de reunir os filhos da terra em suas casas, ruas e praças para viverem dias de festa e de reencontro, quando toda a cidade se transformava em uma grande família, como descreve o morador Evandro, no primeiro capítulo, e para quem houve, também, um monopólio do desenvolvimento econômico.

Cada participante emitia sua opinião ou lembrança dos festejos juninos de sua infância, ou relembrava um São João marcante em sua vida, emitindo opiniões que eram comparadas com as respostas dos entrevistados da pesquisa quando questionados sobre as manifestações culturais da cidade.

Enquanto isso, nós íamos definindo os personagens: o noivo, a noiva, os pais da noiva, os pais do noivo, a amante, o padre, o bêbado, as beatas etc.

Para esta ação, dois ensaios foram realizados. O mais importante nestes encontros era a discussão gerada em torno do assunto. Todos queriam, de alguma forma, opinar sobre a situação atual da festividade mais importante da cidade. Era consenso entre todos que a modernização da festa afastou muitos filhos da cidade que moram em outras localidades.



Figura 12 – Ação: Quem vai se casar?

Foto do autor.

O fato é que alguns moradores não participam mais da festa, que deixou um pouco de lado o encanto que era característico deste festejo. Então resolvemos voltar ao passado, mas com a vontade do presente, de manter viva esta tradição. Fomos às ruas, imbuídos do desejo de resgatar esta ludicidade adormecida. Desse modo,

[...] a cultura de massa poderia adquirir novos significados, extrapolando a adjetivação de standardizada, rudimentar, conformista e alienante, para ser entendida como uma chance para o resgate do sentido lúdico dos encontros e da festa. (SERPA, 2007, p. 115)

Pensando assim, na manhã do dia 26 de junho de 2010, 12 pessoas compareceram para a caracterização que misturava o rural com o urbano, já que, hoje em dia, não existe muita diferença entre um e outro na forma de se vestir. As mulheres usavam vestidos longos de festa e chapéu de palha na cabeça e os homens trajavam calça e camisa bordados com alguns remendos coloridos. Já a noiva usava um vestido branco, curto e cheio de babados coloridos, e um buquê de flores colhidas na casa vizinha.

O cortejo seguiu o percurso acompanhado por um carro de som tocando Luiz Gonzaga, passando pela Praça São Sebastião, seguindo para a Praça da Bandeira, entrando na Alameda e chegando na feira livre, localizada na Praça San Filli, local onde se realizam os festejos juninos. Durante todo este percurso, vários moradores iam se infiltrando e acompanhando o cortejo com muita animação. (Figura 13).

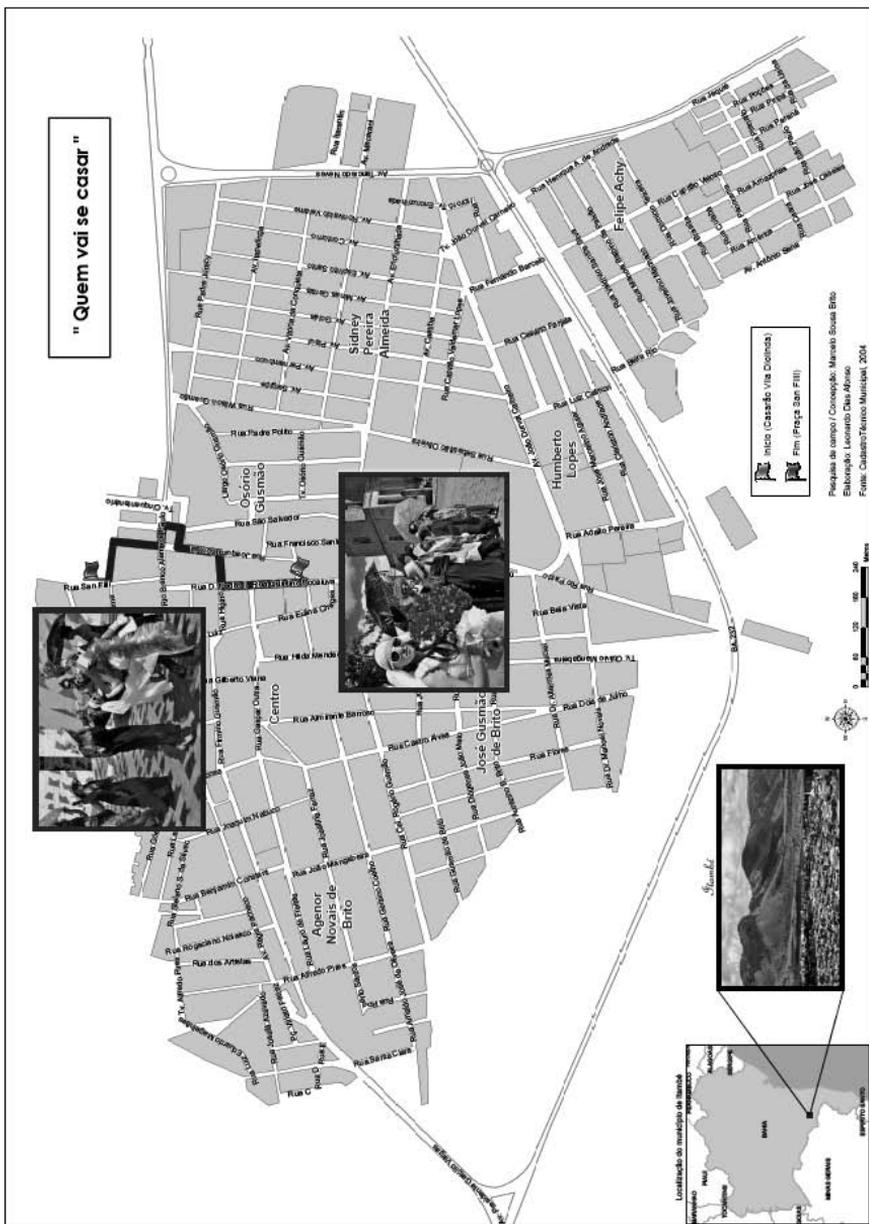


Figura 13 - Percurso da Ação Quem vai se casar?
 Autoria: Leonardo Dias Afonso e Marcelo Sousa Brito.

Para finalizar a ação, retornamos ao ponto inicial, revivendo outra tradição: passar de casa em casa perguntando se São João havia passado por ali; se a resposta fosse positiva, era o sinal de que todos estavam convidados a entrar para comer e beber com aquela família. Neste dia, passamos nas casas dos moradores Vera Amorim e Amaury Gusmão, que receberam a equipe com mesa farta. Conversando com os participantes da ação, era consenso à alegria que este evento proporcionou, estimulando em todos o desejo de reviver esta tradição todos os anos, agregando mais participantes, circulando por outros pontos de Itambé e visitando um maior número de moradores, levando a festa para toda a cidade.

Castro (2008, p. 34), em sua pesquisa sobre a espetacularização e a reinvenção do lazer festivo no espaço urbano, dedicou boa parte de seu estudo à importância da casa nestes festejos. Era nas casas, onde tudo começava e onde todos se encontravam sob o calor da fogueira:

A fogueira acesa na porta da casa era um indicativo de que naquela residência comemorava-se o São João e, portanto, se oferecia comidas e bebidas típicas para degustação tanto de pessoas com estreitas ligações familiares ou afetivas como também para visitantes que fazem parte do círculo de amizades dos donos da casa. [...] As comidas típicas, oferecidas até os dias de hoje, correspondem ao que era produzido em meados de junho: amendoim, milho, laranja, além de uma diversidade de pratos preparados com milho, como pamonha, canjica, bolos, entre outros, além do licor de jenipapo e maracujá.

Quem vai se casar? lançou mão do imaginário popular ligado aos festejos juninos para que um cortejo de pessoas saídas de um casamento fictício pudesse levar cor e alegria para as

ruas da cidade. Ali, todos os elementos de um festejo junino estavam presentes: o casamento, a quadrilha, a música, a alegria, a interação com os moradores e o encontro de gerações em função de uma tradição tão importante para os moradores de Itambé.

ALIMENTAR O PRESENTE, CULTIVAR O FUTURO

Com o passar dos dias em Itambé, novas questões surgiam e me inquietavam. A cada ação realizada, novos debates se estabeleciam, gerando discussões aprofundadas sobre os temas abordados. Um dado importante que sempre surgia nas conversas era a quantidade de jovens e idosos existentes na cidade.¹⁸ De um lado, adolescentes em idade escolar, sem muitas oportunidades de lazer e informação, vivem a angústia de não saber o que fazer no futuro, qual rumo tomar, para onde ir. Na cidade, os únicos cursos superiores são oferecidos por uma Universidade privada e funcionam à distância, com apenas uma aula presencial por semana, coordenada por um tutor que supervisiona todas as disciplinas. Para cursar uma Universidade pública, o itambeense deve se dirigir a Vitória da Conquista. O comércio local não oferece opções de emprego e as garantias de um futuro digno ficam cada vez mais escassas, o que faz com que vários pais programem a data de saída de seus filhos da cidade.

18 Nesta pesquisa foram ouvidos seis jovens (homens e mulheres) com idades entre 15 e 24 anos. Nesta faixa etária, segundo o censo de 2000, Itambé possui 3.111 habitantes. Entre os moradores com idade superior a 65 anos, foram ouvidos dois moradores (um homem e uma mulher). Nesta faixa etária foram contabilizados 1.066 habitantes, também segundo dados do censo 2000.

Do outro lado, se encontram os idosos que muito fizeram para o desenvolvimento da cidade, que tanto trabalharam e hoje deveriam estar desfrutando de uma aposentadoria digna. Não é o que acontece. Muitos continuam a passar por problemas financeiros e continuam sendo responsáveis pelo sustento da família, inclusive pelo sustento da família dos filhos.

Destes questionamentos surgiram as ações que serão descritas neste tópico. O desejo aqui era estimular a criação, propor possibilidades criativas e possibilitar a participação dos moradores neste processo: “Quase nunca pensam em criar as condições para esse povo chegar à criação, mas apenas em cultivar novos espectadores e admiradores, quer dizer, novos públicos, novos consumidores.” (COELHO, 2008, p. 10-11)

Pensando nisso, resolvi investir em outra abordagem. Em junho, durante os festejos juninos, recebi a visita do bailarino e coreógrafo Dejalmir Melo, que interpretou o noivo na ação *Quem vai se casar?*

Sentia a necessidade de discutir com esses jovens o que eles pensavam sobre o futuro, mas ali, em Itambé. Assim, convidamos algumas pessoas interessadas na dança para participarem de um *workshop* com Dejalmir. Este encontro era apenas um pretexto para discutirmos o que eles estavam planejando para o futuro deles. Quais os anseios, os medos, as preocupações, as certezas, as dúvidas e o mais importante: qual o papel da arte no futuro deles?

Para Coelho (2008, p. 25), perceber e distinguir são pontos básicos do ato de cultura e estes pontos são mantidos até hoje, independentemente de todas as transformações e evoluções que a arte e a cultura passaram e vêm passando.

Perceber as necessidades desta geração e distinguir o desejo que eles têm de construir um futuro digno fazia parte da elaboração desta ação.

Na cidade, são oferecidas algumas oficinas de arte (teatro, dança, artesanato, música) em projetos sociais do governo federal que assistem jovens até 18 anos. Com o intuito de afastá-los da marginalidade e das drogas, são oferecidas aulas três vezes por semana para meninos e meninas que frequentam a escola e que são beneficiados pelo programa Bolsa Família. A questão é que esta parte da população não se sente atraída com a forma pela qual estas atividades são oferecidas e muitos deles participam dos cursos quase que por obrigação.

Segundo Sarlo (2005, p. 65), este conflito relacionado ao medo gerado pela violência urbana é material e cultural e, diante da complexidade que o envolve,

[...] o problema não pode ser solucionado por meio da repressão e nem tem uma solução meramente econômica. Quando a 'nova violência' se instala, suas causas são sociais. Por outro lado, porém, enfrentá-la não significa simplesmente liquidar essas causas – elas adquiriram, neste ínterim, significados, e tiveram reflexos culturais.

A fim de entendermos a repercussão que a exposição a esta nova violência gera nos jovens, passamos a abordar mais o assunto em nossos debates. Dejalmir passou uma semana na cidade, observando o cotidiano dos moradores e conhecendo um pouco da cultura local.

Para o laboratório, conseguimos atrair, além de alguns frequentadores destes projetos sociais, alguns participantes do grupo de dança de rua da cidade: o grupo Hitmu's.

Nos primeiros encontros, fazia-se necessária uma discussão, ou melhor, um momento de ouvir o que cada um tinha a dizer, o que eles esperavam de um futuro próximo. E eles esperam muito; esperam tudo. Os jovens de Itambé querem o direito de ser artistas, o direito ao estudo e o acesso à cultura. Eles querem ser livres para escolher ficar ou sair da cidade, mas, para isso, eles vão ter que lutar muito para construir outra realidade.

Ainda segundo Sarlo (2005, p. 26), o direito de viver na cidade é garantido em uma rota paralela à do direito de cidadania. Assim, era para fazer com que cada morador descobrisse o direito a esta cidadania que surgiu a motivação principal para investirmos em uma ação criadora com os adolescentes da cidade.

Desta discussão, surgiu o primeiro estímulo para o laboratório. Com coreógrafo e dançarinos juntos, foi dada a partida para uma improvisação, na qual os dançarinos puderam contar um pouco de suas histórias de vida, através da realização de ações cotidianas. Cada um, no seu momento, relatou fatos e características importantes de sua vida e de sua personalidade. Depois, relataram pontos que os ligam com as festividades da cidade – os festejos juninos, por exemplo –, mas também com as atividades culturais. O desejo do coreógrafo era, além de proporcionar um processo criativo, traçar um panorama das diversas formas de se envolver com a dança:

A visão da dança como modo de vida, fazendo uso das atividades cotidianas tais como andar, se alimentar, tomar banho, se tocar tiveram origem nas obras de bailarinos e bailarinas avanguardistas como Loie Fuller, Isadora Duncan, Rudolf Von Laban e Mary Wigman. (GOLDBERG, 2001, p. 139, tradução nossa)¹⁹

19 “La vision de “la danse comme mode de vie, faisant appel à des activités quotidiennes telles que marcher, s’alimenter, se baigner ou toucher” a ses racines

Utilizar o próprio referencial de cada um como forma de aproximar ainda mais a relação daquelas pessoas com a dança era o objetivo deste exercício. Naquele momento, estávamos diante de pessoas que carregavam em seus corpos marcas de uma história recente. Toda exposição de uma vida através de relatos e dados importantes para podermos traduzir a história daquele grupo. Chegar a um significado destes dados era necessário e os relatos servem para isso. (SARLO, 2005) Neste exercício, não buscávamos a verossimilhança dos fatos nem um consenso entre o grupo, mas a força e as marcas que estes fatos causaram nestes meninos e meninas.

Ninguém parece confiar muito na força do que relata; ninguém parece confiar muito nas marcas que os fatos relatados podem deixar nos leitores. Debilitada pela abundância, a história talvez esteja começando a ausentar-se, para deixar em seu lugar o exercício da competição pela verossimilhança do detalhe. (SARLO, 2005, p. 150)

A partir daí, um processo de parceria na criação se estabeleceu entre o coreógrafo e os participantes. Partindo de um trabalho individual para o coletivo, esses relatos iam se dissolvendo e passando do relato oral para o relato corporal, propiciando que células coreográficas nascessem a cada repetição.

Juntos, concluímos que este grupo de jovens percorreria as ruas do centro da cidade, levando a história de um bando de jovens ávidos por aventura, amor e liberdade. O desejo maior deste grupo era o de ser livre para escolher seu próprio futuro. E parecia que aquele era o momento de dar

dans l'oeuvre des danseurs et danseuses avant – gardistes comme Loïe Fuller, Isadora Duncan, Rudolf von Laban et Mary Wigman”.

ouvidos a estes jovens, que ansiavam por mais oportunidades do que aquelas que seus pais tiveram: o direito à informação, à cultura, ao lazer, ao emprego e à renda. (Figura 14)



Figura 14 - Ação: Urbanos.

Foto: Romuel Soubiraus.

A ação, batizada de Urbanos,²⁰ aconteceu no dia primeiro de Julho de 2010 e percorreu todas as ruas do centro da cidade, ao som da música *Aquarius*, da trilha sonora do filme *Hair*. A cada repetição, fogos de artifício eram disparados, anunciando a chegada do bando que mostrava a disposição que a juventude tem para realizar seus sonhos e vencer o medo (Figura 15).

Esta ação exprimiu uma troca de sensações entre um coreógrafo, que teve a oportunidade de realizar grande parte de seus sonhos, e jovens que sonham e desejam que a dança faça parte de suas vidas, do futuro de cada um.

Levar a público o desejo dos jovens não é uma tarefa muito difícil, mas: como traduzir o desejo e os sonhos de pessoas que já viveram um pouco de quase tudo? Como estimular moradores com mais de 65 anos de vida a agirem cenicamente?

20 Elenco: Juaci Borges, Queila Chaves, Nykolas Mendes, Loiziano Vieira Emerson Mendes, Caiene Oliveira, Luciana Lima; coreografia, Dejalmir Melo; direção, Marcelo Sousa Brito e Dejalmir Melo. A trilha foi extraída do filme *Hair* de Milos Forman, composta por Gerome Ragni e James Rado.

Para mim, era muito importante passar alguns momentos com estas pessoas que trabalharam muito para o desenvolvimento da cidade. Escolhi como grupo de trabalho um coletivo de idosos que frequentam um projeto social dedicado a pessoas da terceira idade (como eles preferem ser chamados).

Durante minhas caminhadas pela cidade e minhas visitas a reuniões e eventos, já havia observado a disposição e a energia desse grupo de senhores e senhoras. A cada encontro, surgiam várias possibilidades de ações para serem realizadas com eles, mas nunca aparecia uma oportunidade. Até que entrevistei Jandira Mendes (65 anos), e um laço de amizade surgiu desta entrevista, o que facilitou meu acesso ao grupo, que se reunia três vezes por semana em lugares distintos da cidade. Depois da entrevista realizada, aceitei o convite de Jandira para participar de algumas reuniões do coletivo de idosos, nas quais pude entender um pouco mais a dinâmica dos encontros deste grupo:

Nossas reuniões acontecem na AABB,²¹ no CSU e no CRAS. No CSU, a gente borda, né? Na AABB, a gente só dança forró; gosto muito daqui, por isso; tem muita atividade pra nós da terceira idade, porque, você veja, antigamente, as pessoas quando ficavam da minha idade, ficavam jogadas, né? E, agora, não; as pessoas tão tudo evoluídas; a gente passeia, a gente brinca, a gente tem encontro, a gente namora. Graças a Deus, tá muito bom pra nós.

21 A Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) recebe os idosos toda sexta-feira para atividades de recreação. O Centro Social Urbano (CSU) desenvolve atividades, como artesanato e palestras sobre a vida na terceira idade, às segundas e quartas-feiras. Já o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) recebe o grupo para festas e comemorações.

A fotografia foi uma das estratégias utilizadas, por mim, para facilitar a aproximação com alguns grupos, incluindo este de pessoas de terceira idade. Como algumas pessoas não me conheciam – como eu não desenvolvia nenhum trabalho fixo na cidade, não era professor, educador nem monitor dos projetos sociais –, minha presença sempre despertava estranhamento. Então, pegava minha câmera e ia fotografar essas reuniões e eventos, trazendo uma função e uma justificativa para minha presença. Isto ajudou muito a me aproximar das pessoas. Todos queriam saber onde as fotos seriam publicadas ou para quem eu estava fotografando ou se eu podia presentear-los com uma fotografia.

Com o grupo da terceira idade, o que ajudou, também, foi o fato de ter uma entrevistada entre eles, possibilitando me aproximar mais daqueles senhores e senhoras. Na segunda reunião que frequentei, já estava bem íntimo deles. Pedi para gravar alguns depoimentos, nos quais cada um contaria um pouco de sua história.

Minha intenção era desenvolver o mesmo exercício realizado com os jovens dançarinos, só que agora o relato seria para o grupo, como forma de uma apresentação para a câmera: eles deveriam contar para mim e para os colegas quem eles eram, de fato.

De acordo com Arendt (2000, p. 191), esta revelação de quem alguém é está implícita tanto em suas palavras quanto em seus atos, e era esta relação entre a vida e o discurso que buscava naqueles encontros. Quais foram os atos realizados por aquelas pessoas na construção e no desenvolvimento daquela cidade?

Intrigava-me o fato de pessoas da mesma faixa etária, mas de classe social diferente, não participarem destas reuniões. O que faziam os senhores e senhoras da classe média da cidade para passar seu tempo? Será que eles tinham o próprio grupo fechado entre eles? Não tive tempo para descobrir, mas o que é visto na cidade é que, geralmente, existe uma segregação de classes e os grupos não se misturam. O que pude perceber, em minhas conversas com alguns moradores, é que o lazer dos idosos de famílias de classe média da cidade se localiza mais no ambiente familiar (no qual alguns desempenham atividades domésticas para passar o tempo), ou nas reuniões com amigos nas calçadas das casas para jogar cartas, dominó ou para conversar. Por conta do tempo, me centrei neste grupo de idosos, no qual a maioria dos participantes recebe uma aposentadoria modesta e não teve a oportunidade de estudar.

Diante dos relatos de vida sofrida daquelas pessoas, da luta pela sobrevivência e da batalha diária para educar e alimentar seus filhos, resolvi render-lhes uma homenagem. A ação, neste caso, seria levar a público o poder que estas pessoas têm, a sabedoria de vida de cada um e a disponibilidade de se adaptar ao tempo e às suas mudanças. Expor as marcas do tempo, mas com leveza, com prazer de viver e de estar vivo. Celebrar a vida destes moradores detentores de uma importância que nem mesmo eles percebem. A importância de saber sobreviver ao tempo. Muitos deles sofridos e machucados pelo destino, mas todos fortes e esperançosos. Felizes e espertos. Prontos para o futuro. Foi assim que cada um me recebia a cada encontro: com o desejo de participar e colorir um pouco mais a rotina diária deles. E vontade é o que não faltava! Nada intimidava aqueles jovens senhores e senhoras.

Depois de três encontros, chegamos ao formato da ação *Chá para todos*.²² Como era também uma homenagem, resolvemos que iríamos tratá-los com todo o carinho que eles mereciam. Percebi, quando frequentei alguns eventos sociais e culturais na cidade, que os participantes de projetos sociais servem de *marketing vivo* para os projetos da Secretaria de Ação Social.

Em todos os eventos, jovens, adultos e idosos são convidados a apresentar algum resultado destas oficinas e passam horas e horas à disposição da organização destes eventos, sendo usados, de certo modo, como uma espécie de cartão postal de uma boa administração que diz prezar pelo social. Às vezes, alguns participantes são escolhidos como porta-vozes do grupo e convidados para emitir depoimentos elogiosos à administração e ao projeto social do qual que eles fazem parte; mas, na hora em que o evento acaba, tudo volta ao normal, no retorno para casa.

Chá para todos surgiu da necessidade de festejar a vida destas pessoas, de valorizar a sabedoria de cada um deles. Definido o formato, partimos para a produção. O chá deveria acontecer *comme il faut*, com todos os requintes de chá das cinco inglês, mas com sabores familiares a eles. Eles tinham

22 Elenco: Talita Freitas, Ademi de Jesus, Manuelina Mendes, Maria Gerônia Alves, Ana de Jesus, Alice Maria, Eunice de Jesus, Josefina Ramos, Isaura de Jesus, Idalina Silva, Maria Vitória Campos, João Balbino, Nelson Alves, Manoel Reis, Manoela Rocha, Neuza Flores, Jesuína de Jesus, Romuel Soubiraus, Thide Lira, Jorge Campos, Cristiano Gusmão, Marcelo Sousa Brito, Lucia Borges, Vilma Silva, Josuel Alcântara, Anete Reis, Abel Bonfim, Lucinete Mendes, Tamires Santos, Letícia Chiachio, Núbia Souza, Claudete Reis, Altenice Maciel, Sandra Das, Maria Lopes, Ana Lucia de Queiroz, Hilda Gomes, Rosalvo Ferreira, Laudelino Evangelista, Jandira Mendes, Valdemar de Sousa, Olinda de Jesus, Arlindo Almeida e Alcebiades de Oliveira. Agradecimentos: Secretaria de Ação Social, AAB e Centro Social Urbano.

que sentir prazer em estar ali, e não estranhamento. Para isso, foram realizados dois ensaios durante os quais transformamos sua sala cotidiana de encontros em um salão de chá improvisado. O grupo foi dividido em três mesas, com dez participantes por mesa. Distribuímos jornais, revistas, jogos, para que eles pudessem passar o tempo. Simplesmente sentir o tempo passar. Ao fundo, uma música para preencher o silêncio das primeiras horas de trabalho, até que eles relaxassem e começassem a conversa (Figura 16).



Figura 16 – Ação: Chá para todos.

Foto do autor.

O objetivo era proporcionar uma tarde de prazer, na qual todos estariam ali para cuidar e dar atenção a eles; para servi-los. Todos os monitores que trabalham no projeto *Terceira idade em ação* foram convidados a participar. A função deles era a mesma que a minha: servir.

Esta foi a ação que necessitou de uma produção mais apurada e com mais gastos. Conseguimos, com a parceria dos funcionários do Centro Social Urbano (CSU), um dos locais onde acontecem as reuniões do grupo, mesas, cadeiras e utensílios para servir os biscoitos, bolos e salgadinhos. Os próprios funcionários do CSU se responsabilizaram pelo preparo dos três sabores de chá (canela, maracujá e maça) e, também, pelas torradas e patês. Coube a mim encomendar os biscoitos finos, solicitar o aparelho de chá na Secretaria de Ação Social e fazer toda a direção de arte do que seria um salão de chá em praça pública.

Muitas pessoas compareceram para ajudar: alguns atores que já haviam participado de ações anteriores como Thide Lira, Cristiano Melo Gusmão, Romuel Soubirau; também a participação do diretor do CSU, Jorge Santos, e de suas funcionárias, Neuza Pedreira Flores e Nice Meira, foi de grande importância.

No dia marcado, datado de 30 de Julho de 2010, dividimos o trabalho em três bases: na Praça Osório Ferraz, a equipe de produção de arte arrumava o local; no CSU, outra equipe preparava os chás; e, na sede da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), outra equipe revisava os últimos detalhes com o elenco da ação.

Com tudo pronto, o combinado era de que o grupo chegaria à praça, com todos vestidos elegantemente para um chá, e se dirigiria para o palanque/coreto, onde instalamos o salão: lá, eles seriam recebidos como ilustres convidados por uma equipe de prestativos garçons.

Este foi um momento de grande emoção. Os senhores e as senhoras do tempo chegando à praça e sendo recebidos com honras por pessoas pelas quais eles nutriam muito respeito, afinal, eram os monitores e diretores do projeto através do qual são assistidos que estavam ali, literalmente, para servi-los, e para servi-los bem. Um brinde à memória da cidade materializada nas marcas do tempo vivido por aquelas pessoas. Viver o presente como um ponto entre o passado e o futuro:

Nunca como hoje a memória foi um tema tão espetacularmente social. [...] Trata-se, também, da recuperação das memórias culturais, da construção de identidades perdidas ou imaginadas, da narração de versões e leituras do passado. O presente, ameaçado pelo desgaste da aceleração, converte-se, enquanto transcorre, em matéria da memória. (SARLO, 2005, p. 96)

E neste exercício com o tempo, uma troca de papéis aconteceu. A praça parou para ver e tentar compreender o que estava acontecendo. Que festa luxuosa era aquela? Por que não foi divulgada para todos os moradores? Por que não foram distribuídos convites? Por que pessoas tão importantes na cidade estavam ali servindo aqueles idosos, que aparentemente não tinham nenhuma importância na sociedade?

E a cerimônia do chá acontecia para a alegria de todos. Os homens, com a maior elegância, comendo, bebendo, conver-

sando com os amigos e paquerando. As mulheres, aliás, estavam especialmente deslumbrantes, naquele dia (Figura 17).



Figura 17 – Ação: Chá para todos.

Foto do autor.

E os minutos passavam, as horas também, e a sensação de dever cumprido tomava conta de todos, diante da luz dos olhos de cada um e do agradecimento sincero frente a um ato que não necessitava de agradecimentos. Todos nós saímos daquela praça muito mais fortificados. Prontos para continuarmos com o trabalho e com esta invasão de vida pelas ruas, praças e casas, pelo cotidiano desta pedra afiada chamada Itambé.

Praticar o conceito de ação cênica defendido neste projeto (Figura 18) trouxe um novo ritmo ao cotidiano daquelas pessoas, levando em conta que pôr a arte a serviço do urbano não significa, de modo algum, enfeitar o espaço urbano com objetos de arte (LEFEBVRE, 1991, p.134), mas, sim, enchê-lo de vida, estimular as relações entre as pessoas, favorecer o encontro e fazer circular ideias. Um direito de todo cidadão.

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à *obra* (à atividade participante) e o direito à *apropriação* (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 1991, p. 135, grifos do autor)

Agir cenicamente, na busca de uma cidade aberta para o fazer artístico, e pensar a cidade a partir da relação de cada morador com ela, para, assim, construir um texto que traduza esta imagem coletiva do lugar foram o passo seguinte desta pesquisa e que venho a expor no próximo capítulo.

Descobrir a cidade através do texto ou como escrever a própria história

Vivemos numa sociedade dividida em classes, onde as ideias dominantes são as ideias das classes dominantes. Mas o pensamento subalterno também produz sua cultura, dentro de contradições específicas: o processo criativo mantém o esforço do homem em sua batalha pela libertação ou pela cotidiana luta pela construção de uma nova sociedade. (PEIXOTO, 1994)

Uma mudança foi iniciada na segunda metade do século XX, no que diz respeito ao ato de escrever para teatro. Muitos autores começaram a questionar a relação que o teatro, feito até então, mantinha com as pessoas e com a sociedade e passaram a valorizar o ser humano, suas histórias e o cotidiano inseridos no convívio social.

Autores alemães e franceses, como Michel Deutsch, Jean Paul Wenzel, Michel Vinaver e Rainer Werner Fassbinder, deram início a este processo de mudança que veio a se chamar

teatro do cotidiano, que nada mais era do que um teatro próximo das pessoas:

O teatro do cotidiano não representa tanto uma ruptura com 1968 quanto poderíamos imaginar. Ele retoma algumas preocupações da época, mas de maneira mais consciente e realista. Diretores e atores queriam fazer um teatro que pudesse ser mostrado em todos os lugares, inclusive fora de teatros oficiais e de instituições. (RYNGAERT, 1998, p. 54)

Dentro desta nova possibilidade de chegar ao texto, nem tudo foi consenso entre essa geração de autores. Deutsch divergia de como o autor deveria se posicionar e censurava a sedução pelo populismo e pelo naturalismo, além de condenar o total envolvimento do autor com o cotidiano observado. Vinaver pregava um envolvimento mais distanciado, para não correr o risco de contar anedotas sem perspectiva. Mas o ponto mais importante era não sucumbir ao conforto de uma posição que os promovesse a observadores da vida dos outros. (RYNGAERT, 1998) O que eles propunham de importante era fazer a política penetrar novamente na esfera do privado, para falar de coisas essenciais. (RYNGAERT, 1998) Definindo o que é política, Hannah Arendt distingue a esfera privada da esfera pública, definindo a primeira como reino da necessidade e a segunda como o da liberdade. Para ela, “a política trata de convivências entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças.” (ARENDR, 2002, p. 21-22)

Na concepção de uma ação cênica, o cotidiano da cidade e a história das pessoas que ali vivem são contados e escritos

pelos próprios moradores. Eles são os autores dos próprios textos:

Esta é também a razão pela qual o teatro é a arte política por excelência; somente no teatro a esfera política da vida humana é transposta para a arte. Pelo mesmo motivo, é a única arte cujo assunto é, exclusivamente, o homem em suas relações com outros homens. (ARENDR, 2000, p. 200)

Estimular e valorizar o poder criador dos cidadãos de Itambé foi uma das metas mais significativas do processo aqui proposto. Transmitir confiança a cada morador para que os fenômenos que iriam trazer à tona a história da cidade acontecessem, fazendo, assim, com que o indivíduo agisse cenicamente, em função do desenvolvimento cultural do lugar. "É difícil optar pela ação, deixar que as pessoas inventem seus fins e o modo de chegar até eles! É preciso uma confiança no processo, uma disposição para pagar para ver, que não se tem todos os dias." (COELHO, 2008, p. 18)

Estes fenômenos surgiram a partir do encontro entre um morador e um lugar escolhido por ele, e foi a partir da análise destes fenômenos que nasceu o texto base para a construção da ação cênica – maior do que este projeto propôs e que irei analisar neste capítulo.

Após a fase de observação e da produção do depoimento, outra fase foi iniciada com a participação de alguns moradores, no intuito de obtermos respostas a esses questionamentos. Alguns assuntos voltaram a ser debatidos, na intenção de transformar o depoimento no texto que contaria a história da cidade e de seus habitantes. Nestes depoimentos, extraídos das entrevistas realizadas, os moradores puderam expressar e revelar seus sentimentos de mudança e trans-

formação, bem como sua visão acerca da situação atual da cidade.

Quando questionados, por exemplo, sobre a participação em atividades políticas, sociais e culturais na cidade, apenas dois moradores disseram que não participavam ativamente destas atividades, apesar de já terem participado no passado. Mais de 50% responderam que sim, que atuavam como agentes do desenvolvimento da cidade. Os restantes responderam que não participam mais, mas que já participaram muito e que estavam cansados. Uma única entrevistada justificou a sua não participação:

Não participo de nada, por questões políticas. Para quem tem um ponto de vista muito forte, um caráter forte, personalidade forte, querer desenvolver um projeto aqui é difícil. Eu acho que se eu tiver capacidade para alguma coisa eu vou compartilhar com alguém, não quero que o que eu consegui desenvolver seja assinado por outra pessoa. Seria como alguém plagiar uma música minha. E aqui, quando você tem um projeto, as pessoas querem camuflar sua autoria. Mas se precisarem de mim para um trabalho ético eu estou aqui. (Thide Lira, 39 anos)²³

Assim, me concentrei em localizar as pessoas que se mostravam disponíveis a continuar lutando; esse foi, também, o critério utilizado para a escolha dos moradores para participarem da última etapa da pesquisa que consistiu em analisar os depoimentos, criar e encenar o texto. Outro critério importante era o desejo de, depois do texto concluído, participar também da encenação deste texto. Foram convidados

23 Thide Lira, além de ter sido entrevistada da pesquisa, também participou do processo de construção e encenação do texto.

10 moradores, entre eles professores, agentes culturais e monitores de projetos sociais e culturais da cidade. Depois do primeiro encontro, quando foi explicado como se desenvolveria esta etapa, apenas seis moradores confirmaram a participação e continuaram no processo.

Este elenco traça um desenho de como vivem os artistas da cidade. Cada um traz em sua história de vida uma passagem pelo fazer artístico. Thide Lira nasceu em uma família de mulheres artistas, sendo irmã de uma das atrizes precursoras do teatro em Itambé, Marina Lira, que faleceu no auge da carreira. Thide, além de ter trabalhado como atriz, também enveredou pela dança. Hoje está desempregada e presta serviço como *promoter* de festas e eventos na cidade. Cintia Gusmão foi atriz do Grupo Astral, professora de dança e bailarina, sendo hoje responsável pela Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), de Itambé, e professora de Educação Física. Thadeu Campos teve uma breve passagem pelo teatro, em Itambé e em São Paulo, e hoje é proprietário de um *trailer* de lanches na cidade. Cristiano Melo Gusmão, que também fez parte do Grupo Astral, hoje é aderecista, figurinista, maquiador e dirige espetáculos para as escolas da cidade, além de ser educador de projetos sociais. Daniele Rodrigues teve algumas experiências como atriz na cidade e hoje trabalha como educadora de projetos sociais. Hugo Camizão começou a carreira de ator em Itambé e hoje estuda e trabalha com teatro no Rio de Janeiro. Com exceção de Hugo, que deu continuidade aos estudos ligados ao teatro, os outros participantes tiveram que se ocupar de outras atividades como meio de sobrevivência, deixando o teatro em segundo plano em suas vidas. (Figura 19)



Figura 19 - Elenco da Ação A cidade sou eu. Da esquerda para a direita Cris Melo Gusmão, Cintia Gusmão, Hugo Camizão, Daniele Rodrigues, Thadeu Campos e Thide Lira.

Foto do autor.

Nestes encontros, além de retomar os assuntos mais abordados nas entrevistas, alguns exercícios foram realizados com o objetivo de ativar a memória de cada um, acionando fatos importantes de suas ligações com a cidade. No início,

cada um lia um depoimento e depois todos fechavam os olhos e, em silêncio, associavam aquele depoimento à sua própria experiência; ainda depois, juntos, discutíamos o que havia de diferente e de semelhante entre o depoimento lido e as experiências contadas. O exercício se repetiu por seis vezes, para que cada participante pudesse contribuir com seu ponto de vista.

Para Stanislavski (1972), toda circunstância, todo fato, por menor que seja, é importante, quando se deseja analisar um texto. Assim, cada acontecimento relatado no depoimento era discutido exaustivamente entre os participantes, tendo como base suas próprias experiências e vivências relacionadas ao fato em questão. Isso é possível,

[...] quando nosso novo teatro se interessa pela História, tece vínculos explícitos entre o passado e o presente, formula correspondências pela escolha dos personagens porta-vozes ou se interessa pelo passado por intermédio de um microcosmo cujas ações se desenrolam no presente. (RYNGAERT, 1998, p. 118)

Esta cadeia de associações ativava a memória dos participantes e, com tempo disponível para refletir o que ligava cada um com aquele lugar, vieram à tona informações e sensações que só aquele morador vivenciou, abrindo possibilidades para a criação de uma dramaturgia do lugar. Do encontro entre o morador e o lugar escolhido, do depoimento produzido por ele a partir deste encontro, é que o morador teve o poder de se manifestar e de se posicionar em função de um lugar mais digno, de uma relação mais íntima entre ele e a cidade que habita. Para Carreira (2008, p.75),

[...] a noção da cidade como objeto cultural tem um papel-chave na modulação desta abordagem. É possível tomá-la como

uma fala, uma narrativa que define o que somos. O teatro de invasão seria então uma nova escritura da cidade. O ator que invade a rua e incomoda o transeunte está deformando as linhas que definem a cidade e desta forma exige que nosso olhar suponha uma nova escritura que sustenha o fenômeno espetacular .

Abordar a história de outro ponto de vista, mais lateral e mais subterrâneo (RYNGAERT, 1998, p. 52), possibilita, aqui, a valorização de uma dramaturgia mais orgânica e mais próxima do público, fazendo dialogar informações e pontos de vista comuns a um coletivo, tendo o teatro como veículo para acessar e divulgar essas informações.

Chegar a esta dramaturgia só é possível quando o autor (no caso deste trabalho, o próprio morador), libera seus sentidos e disponibiliza seu corpo para sentir e captar todas as informações que aquele lugar guarda. Ler um depoimento e refletir sobre ele, deixando o silêncio nos invadir para que novas sensações surjam, é um dos princípios para estabelecer este diálogo entre o ser e o lugar, dando espaço para que os fenômenos aconteçam, através do mundo da percepção,

[...] isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixarmos viver para nele penetrar. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 1)

Todas estas questões e etapas contribuíram no processo de busca de uma imagem coletiva da cidade, aqui considerada a matéria prima para a criação do texto, fazendo dialogar as imagens individuais.

Estas imagens, reveladas pela percepção de cada um sobre o lugar vivido por ele, chegam cheias de sentidos e experiências de vida. O sujeito que percebe seria aqui comparável ao sábio que julga, estima, conclui (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16), contribuindo para a construção desta dramaturgia, como proposto aqui.

As sensações reveladas neste encontro do morador com o lugar foram analisadas como parte dos depoimentos. Desde o texto expresso pela fala, como os sentimentos expressos pelo gesto, pela pausa, pelo silêncio, pelo brilho nos olhos, pela intensidade da fala, foram vistos e considerados como gestual. Afinal, o ser não é formado apenas pelo que aparece, o que não aparece também é o ser. (SARTRE, 2005)

A CIDADE COMO PALCO

Profissionais ligados às artes cênicas começam a ocupar este imenso palco aberto a todas as possibilidades de intervenção artística. Várias companhias teatrais e encenadores no Brasil e no mundo já experimentam realizar suas criações em espaços alternativos. Muitos, inclusive, criam seus espetáculos pensando na cidade como palco para estes acontecimentos. Essa busca por um novo espaço para abrigar as encenações pode ser relacionada com as provocações de Antonin Artaud e seu Teatro da Crueldade. Com sua obra *O teatro e seu duplo* (2002), Artaud criou um tratado-manifesto de como o teatro seria concebido, escrito e interpretado segundo seus princípios. Como seus experimentos ficaram mais divulgados no

campo da teoria, somente 30 anos depois é que começaram a florescer produções inspiradas nas teses artaudianas.

O cansaço diante das práticas conhecidas, e talvez um questionamento de um brechtianismo que começava a afundar-se no academicismo, criaram um clima propício à (re)descoberta do Teatro da Crueldade. [...] As tentativas do Living Theatre nos Estados Unidos e, a seguir, na Europa, as buscas de Peter Brook na Inglaterra e de Jerzy Grotowski na Polônia constituem sem dúvida os empreendimentos mais rigorosos e bem sucedidos sob esse aspecto. (ROUBINE, 1998, p. 100)

No Brasil, surge, em 1991, a Companhia Teatro da Vertigem. Juntamente com o encenador Antônio Araújo, a companhia transformou vários lugares mortos em lugares vivos, através de suas montagens.²⁴ Uma companhia que já é contemporânea na sua forma de criar o texto, atribuindo aos atores grande parte de sua criação, por meio de improvisações, vivências e diálogos, a partir de suas experiências, impõe, também, o tão necessário diálogo entre texto contemporâneo e espaço. E esta necessidade de habitar um espaço por meio da dramaturgia contemporânea já estava presente desde as primeiras reflexões sobre o tema entre todos os componentes da companhia e os escritores convidados para dar forma às ideias:

Isto está ligado diretamente à questão do tema, o que a gente está discutindo com o trabalho. O que acontece tanto no Paraíso, quanto no Jó e agora com o Apocalipse também, é que o tema pede, sugere e inspira um espaço. A partir daquilo que estamos querendo discutir, tratar ou ressaltar. No caso

24 *O paraíso perdido* (1992) ocupou uma igreja; *O livro de Jó* (1995) foi encenado em um hospital; *Apocalipse 1,11* (2000) em um presídio desativado; e sua mais recente montagem *BR-3* (2006) percorreu as águas poluídas do rio Tietê em São Paulo. Em 2012 o grupo estreou o mais recente espetáculo *Bom Retiro 958 metros* fazendo público e atores percorrerem 958 metros do bairro paulistano.

do *Jó*, o desejo de trazer o tema da peste num primeiro plano nos trouxe ao hospital. Eu não tenho nada contra o palco italiano, mas eu acho que cada espaço traz um sentido, um registro emocional de memória, de história do lugar. O trabalho dialoga com as sensações que o próprio espaço proporciona. (ARAÚJO, 1998, p. 16)

Para o grupo paulista, é questão de honestidade com a arte encontrar os lugares ideais para abrigar aquelas histórias, mesmo que fora de um edifício teatral. Neste processo, os atores exploram as possibilidades de trajetórias narrativas, adaptando a cena ao espaço, apropriando-se da arquitetura do lugar, sua materialidade, suas dimensões e sua atmosfera, liberando o imaginário explorado na sala de ensaio para alcançar uma comunhão entre texto e espaço.

O *Vertigem* ocupou vários espaços com sua dramaturgia contemporânea, sempre dialogando com as angústias e os anseios de seus componentes, em relação às suas funções no mundo em que vivem.

Depois de três produções realizadas em espaços alternativos, revelando os traços da história que os textos necessitavam, o grupo resolveu dar outro passo e invadir a cidade, ou melhor: as cidades. Para o projeto *BR-3*, elenco e dramaturgo partiram rumo ao descobrimento de outro Brasil, deflagrando um processo por eles denominado percurso para dentro. Brasilândia, bairro da periferia de São Paulo; Brasileia, cidade localizada no extremo do Acre, e Brasília, capital da nação, foram os lugares escolhidos como base de construção da dramaturgia deste novo espetáculo, encenado no rio Tietê, em São Paulo. Nestes lugares, o grupo coletou informações, fez registros, desenvolveu oficinas e trocou experiências com as comunidades locais:

É preciso dizer que o projeto nunca pretendeu a reprodução fotográfica ou documental desses três locais. Sempre foi, muito mais, a maneira como nossa sensibilidade e nossa imaginação foram provocadas pelo espaço, [...] o modo como esses espaços nos atravessaram. (FERNANDES; AUDIO, 2006, p. 17)

Quase como um teatro sagrado, revelado por Peter Brook (1970, p. 104), em *O teatro e seu espaço*, este tipo de processo vem explicitar e analisar a função do ser humano como agente transformador da sociedade. Um teatro que trabalha com o invisível, mas o invisível que contém todos os impulsos escondidos do homem ,

O teatro é a arena onde pode ocorrer uma confrontação viva. A atenção concentrada de um grande número de pessoas cria uma intensidade singular – devido a isso, forças que operam o tempo todo e governam o dia a dia de cada um podem ser isoladas e percebidas com maior clareza .

Brook, em toda sua carreira, não concebeu um espetáculo em função do espaço, apesar de ter apresentado suas encenações em diversos tipos de edificações, desde grandes e luxuosos teatros como também em espaços alternativos, como ruínas e arenas milenares. Mas Brook (1970, p. 9) pensa o palco como um lugar, e cabia ao encenador e ao elenco encher aquele lugar de vida, história e reflexão. Se isso não acontecesse, o teatro estaria morto, já que, “[...] no teatro, toda forma, uma vez nascida, é mortal; toda forma tem que ser reconcebida e sua nova concepção trará as marcas de todas as influências que a cercam. Neste sentido o teatro é relatividade.”

E isto independe de onde acontece a encenação, o que não quer dizer também que o teatro seja um modismo. Toda mudança, ou toda junção de referência, e toda mistura de

influência têm que surgir de uma necessidade viva, urgente e com responsabilidade com a arte e com o público.

O teatro contemporâneo precisa cada vez mais da cidade como palco, e a cidade se abre cada vez mais a estas experimentações; assim,

[...] as interações entre o teatro e a cidade, entre espaço cênico e espaço urbano, podem desencadear ações e movimentos no campo da cultura, fundamentais para a invenção de novas formas de sociabilidade, ao estabelecer uma via direta de comunicação e de interação entre os diversos segmentos da sociedade. O caráter simbólico que emerge de certas regiões, sítios ou monumentos urbanos pode contribuir para o revigoramento de uma cidade, região, bairro, comunidade, ou seja, lugares que emanam a identidade de um povo. (CARDOSO, 2008, p. 92-93)

O diretor e pesquisador teatral André Carreira criou e desenvolveu com seu grupo (E)xperiência Subterrânea,²⁵ criado em 1995, na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, o conceito de teatro de invasão. Neste processo, a cidade é o grande estímulo para a aplicação de uma dramaturgia do espaço. Nas experiências do grupo, que trabalha com teatro de rua, a busca é de uma ressignificação dos espaços hostis das cidades, transformando a funcionalidade dos lugares e o cotidiano de seus habitantes.

Para Carreira (2007, p. 71), a ideia de invasão não está, necessariamente, ligada a um ato de rebeldia, e se assemelha com a ação cênica como proponho neste trabalho. Ou seja, dar voz e espaço para que o cidadão aja cenicamente não

25 Entre os espetáculos montados pelo grupo se destacam: *Álbum sistemático da infância* (1997), *O líquido tátil* (2002) e *A casa tomada* (2006).

significa que este seja, necessariamente, um ato político ou de rebeldia. Neste sentido,

[...] é possível dizer que estas relações se estruturam como um exercício de leitura da cidade como dramaturgia. A tomada de consciência desse fenômeno implica na reorganização da nossa noção de teatro de rua e de suas repercussões potenciais como fala que irrompe no espaço vivencial das ruas.

Se a cidade é um texto dramático, uma encenação invasora será sempre lida como uma releitura da cidade. Ler a cidade como dramaturgia significa utilizar a lógica da rua percebendo que o fluxo de energia dos usuários é fundamental na formulação das possibilidades de significação das performances teatrais invasoras.

Aqui, nesta pesquisa, o termo invasão surgiu por dois motivos: primeiro, porque, em se tratando de Itambé, os moradores não fazem uso dos espaços públicos de convivência na cidade. Propor uma invasão destes espaços foi uma provocação. Em segundo lugar, é também uma referência ao teatro de invasão, proposto por André Carrera.

Mas, de fato, tomei emprestado apenas o termo invasão, já que não tratarei de teatro de rua nem de experimentos de um grupo profissional, mas, sim, de moradores, cidadãos comuns dispostos a interferir cenicamente na cidade.

AGIR COLETIVAMENTE

Esta fase, na qual estabelecemos uma intimidade entre o grupo e o processo a ser seguido, durou, aproximadamente, 10 dias, com reuniões e discussões sobre os depoimentos. Foram apresentados ao elenco 22 depoimentos extraídos das entrevistas realizadas. Cabia ao grupo escolher 12 rela-

tos, que seriam transformados em texto para a última ação cênica do projeto. Destes 12 depoimentos, apenas seis fizeram parte do texto final.

Começava, assim, um processo colaborativo de criação e entendimento do que cada um gostaria de falar sobre a cidade. Como cada depoimento foi produzido individualmente, ou seja, cada morador foi entrevistado separadamente, optamos por trabalhar com um formato de monólogos. Cada um escreveria seu próprio discurso. A partir desse momento, não seria mais identificada a autoria²⁶ do depoimento, que já começava a fazer parte de um texto de autoria coletiva:

Essas escritas coletivas colocam os discursos revolucionários, as alegrias e as inquietações do povo na boca de cidadãos comuns que se debatem com os acontecimentos que vivem ao vivo, mas que a dramaturgia vincula a nosso presente. (RYNGAERT, 1998, p. 118)

Atualizar dados históricos por meio de experiências vividas pelos próprios moradores era a tarefa que tínhamos pela frente. Como Itambé tem uma história relativamente recente, não foi difícil chegar a nosso ponto de partida: o que todos queriam, ali, era discutir o fato dos grupos políticos existentes na cidade contribuírem para o atraso que Itambé vive em relação às outras cidades da região.

Pensando nisso, voltamos aos depoimentos para buscar informações que pudessem ilustrar essa discussão e encontramos

26 Nesta fase, nem os participantes souberam quem havia produzido os depoimentos. Depois de transcrever as entrevistas, foram excluídas as informações muito pessoais que pudessem identificar os entrevistados. Foram suprimidos também as perguntas e os nomes dos entrevistados. Este material que chegou às mãos do elenco é o que chamo de depoimento.

dois trechos: um que estava relacionado ao passado, quando os coronéis ditavam as ordens:

Naquela época tinha os coronéis e os índios. Os coronéis moravam no lado direito do rio e do lado esquerdo moravam os índios. Através disso começaram os confrontos entre os coronéis e os índios. Os coronéis sempre foram muito agressivos com os habitantes: quando eles faziam algo errado ou desrespeitavam os coronéis, eles mandavam matar. Itambé era a cidade considerada mais violenta nesta época de coronéis.²⁷

E outro que relatava a situação política da cidade nos últimos anos:

Itambé é uma cidade pequena que tem avanços e retrocessos. Não permite a nós, itambeenses, acesso à cultura e ao desenvolvimento. A gente busca nas cidades vizinhas. É uma cidade boa para morar, é calma. As relações entre as pessoas são vividas dentro de uma normalidade, mas tem problemas nas questões políticas. A cidade é dividida em dois grupos políticos. Esses dois grupos ao invés de ajudar o desenvolvimento, eles oferecem justamente o atraso. Itambé com tudo que tem de bom como uma cidade pequena, existe esta parte negativa que é essa briga exacerbada pelo poder e com isso a cidade perde o equilíbrio econômico, político e social.

Ao analisar estes dois depoimentos, percebemos que estas questões políticas são uma herança dos tempos do coronelismo na cidade, visto que a maioria dos políticos é composta

27 Os trechos do texto final da encenação são citados aqui em itálico e com mesmo tamanho de fonte do texto do livro, para distingui-los das citações diretas das entrevistas e da bibliografia que embasa esta pesquisa.

por familiares dos antigos coronéis. Um monopólio político que perpassa décadas:

Os coronéis sabiam de sua influência nos mais diversos setores da cidade, do Estado e do País. Seus filhos, além de esbanjarem arrogância e prepotência, ainda se davam ao luxo de tornarem-se advogados, juizes e carrascos da cidade. Acreditavam, assim como estes e todos os seus parentes, que este estágio de funcionamento nunca passaria, e que seu poder seria acrescido gradualmente no decorrer do tempo, como se a sociedade e a história fossem atrelados aos seus currais e pudessem ser controlados como seus animais de estimação. (COSTA, 2005, p. 87)

Como trazer à tona assuntos tão delicados para aquela população? Como falar de política em uma sociedade que foi acostumada a não tocar nestes assuntos, ou, pelo menos, não contrariar a posição dos governantes? Falar de política em Itambé significava elogiar e/ou aceitar as decisões tomadas pelo grupo que administra a cidade. Resolvemos, então, balancear os conteúdos dos depoimentos, variar opiniões e procurar, também, descrições que mostrassem os atrativos que a cidade oferece, para criar contrapontos, como pode ser conferido no trecho abaixo:

A cultura de Itambé é uma cultura muito forte, onde a gente quer no meio religioso, quer no meio artístico, quer no meio político, onde Itambé chega deixa um destaque e eu acho que a grande característica da cidade é isso; o meio cultural tá muito forte aqui. Na construção do museu, do acervo do museu, experimentamos ver muito essa coisa do regionalismo, da força da expressão artística do povo. Itambé é uma terra que quer na dança, no teatro, no artesanato, em todas as expressões, nas várias áreas das atividades culturais; Itambé se destaca e tem várias

particularidades, aqui nenhum artista se repete, nenhum artista se copia. Traz o seu toque.

A intenção era trazer para o debate temas que pudessem estimular o público a pensar a cidade, a refletir sobre a cidade, a partir dos estímulos dos atores. Então, buscamos variar ao máximo as opiniões e temas, sem nos preocupar com a veracidade dos fatos. Mesmo o grupo discordando desta variedade cultural, descrita no depoimento acima, resolvemos que caberia ao público este julgamento. Outro depoimento escolhido trazia sugestões de ações para atrair turistas para a cidade:

Mas muitas pessoas só pensam em si, só pensam em seu futuro, sem notar que o futuro está ligado ao passado. Nós precisamos valorizar o que a cidade tem de bom, divulgar a cidade, sua beleza natural propicia esportes radicais, vôo de asa delta, por exemplo. Os rios. Limpar os rios e fazer um balneário. Muitas cidades da região não têm esta natureza bonita assim.

A partir da análise destes depoimentos, chegamos à conclusão de que, além do texto ser construído a partir de monólogos, era importante trazer vários temas, bem como as contradições que estes temas sugerem para que um debate fosse estabelecido entre atores e público, trazendo de volta o princípio do conceito de ação cênica para esta última etapa da pesquisa. Ou seja, unir ação e discurso: "Esses monólogos apresentam pontos de vista múltiplos sobre a mesma realidade, recebida ou vivida de modos diferentes" (RYNGAERT, 1998, p. 94), interpretados por atores-cidadãos que fazem parte daquele coletivo, daquela localidade. Esta fusão de

informações facilitaria a participação do público como peça-chave, aproximando elenco e plateia em uma só sintonia.

Em tal caso, precisávamos buscar nos depoimentos mais provocações, mais trechos que possibilitassem o debate. Depoimentos nos quais o “cotidiano aparece como o lugar da confrontação que emerge da luta entre o permanente e o mutável; entre o racional e o irracional.” (CARLOS, 2005 p. 23) Na medida em que esses depoimentos eram identificados, a imagem de uma cidade dividida começava a povoar nossas reflexões. Dividida em todos os sentidos: geograficamente, porque as pessoas que moram no centro não transitam por espaços públicos de outras áreas da cidade; socialmente, pois um grande número de desempregados vive à margem da sociedade; culturalmente, já que aqueles que têm um poder aquisitivo maior podem se deslocar para cidades próximas em busca de lazer, informação e eventos culturais variados e politicamente, pois, como vimos, Itambé está partida entre duas facções políticas: os Lambaris e os Tubarões.

Itambé é uma cidade pequena, não é uma cidade nova. De certa forma fica desfavorecida geograficamente por estar perto de Vitória da Conquista que é uma cidade maior, com comércio forte, com desenvolvimento bem maior. Tudo que se precisa o povo se desloca para Conquista. Perdeu para Itapetinga que era distrito de Itambé e hoje se desenvolveu mais. Itambé perde por conta da politicagem que existe aqui, onde existem dois grupos e um fica no poder e favorece aqueles que votaram nele. Em função disso nunca é pensado o desenvolvimento da cidade. A gente perde muito com a desonestidade dos políticos. Mas é uma cidade acolhedora, um povo às vezes sofrido, mas que nunca desiste.

Os textos começavam a surgir e uma identificação dos atores com os depoimentos lidos se iniciava. Após o décimo dia de trabalho, decidimos que cada ator escolheria dois depoimentos para trabalhar: seis atores, cada um com dois textos,²⁸ o que significou 50% dos 22 depoimentos produzidos nas entrevistas. Esta identificação partia de características opostas entre o ator e o personagem. Por exemplo, Cintia Gusmão é uma mulher forte, que se posiciona politicamente na cidade, cobrando seus direitos e os direitos dos portadores de deficiência física através da APAE; assim, ela escolheu textos que trouxessem oposições às suas características. Um dos textos escolhidos por ela trazia a esperança e o otimismo de uma senhora de 65 anos:

Graças a Deus, Itambé é tudo de bom pra mim, tenho meus amigos aqui, gosto de todo mundo, não tenho um inimigo aqui em Itambé e sempre tô levando a vida assim.

Tem muitas atividades pra nós da terceira idade porque, você veja, antigamente, as pessoas quando ficavam da minha idade, ficavam jogadas, né? E, agora, não; as pessoas tão tudo evoluídas; a gente passeia, a gente brinca, a gente tem encontro, a gente namora, graças a Deus, tá muito bom pra nós. Quando uma pessoa fala (mal) de Itambé pra mim, eu me sinto mal, eu não gosto que fala (mal) de Itambé pra mim, eu não gosto. Foi aqui que eu arrumei a minha vida, porque nem casa eu tinha e aqui eu já tenho minha casinha, ruim, mas eu tenho, então pra mim aqui é uma benção de Deus. Tudo que eu tenho hoje eu agradeço a Itambé.

28 No texto final, apresentado no apêndice deste livro, aparece apenas um personagem para cada ator, por conta do pouco tempo de ensaio, mas cada ator ficou com um segundo texto coringa, para futuras apresentações.

Thadeu Campos, ao contrário de Cíntia, não se envolve muito com as questões relacionadas à cidade. Para ele, não vale muito à pena se desgastar com políticos desonestos, o que não quer dizer que não se preocupe com os assuntos relevantes para o conjunto da sociedade. Por isso, um dos textos escolhidos por Thadeu é o de um morador marcado por sua luta por melhorias na cidade e por mais ética na política municipal:

Eu comecei a entender que as pessoas valem pelo que elas são e não pelo que elas têm. Eu sempre dei valor ao "ser" em detrimento do "ter". Nós temos que admitir que o "ser" é permanente e o "ter" é altamente passageiro. De uma hora para outra você pode deixar de ter. Tudo que você produzir de intelectual e espiritual, vai ficar. Eu sou por excelência esquerdista, num bom sentido. Se a minha barriga tá cheia e a sua tá vazia, eu me preocupo com sua barriga, porque amanhã a situação pode inverter. Eu mudaria muita coisa, muita coisa precisa ser mudada aqui. Principalmente a capacidade de se vender que o itambense tem. Eu não tenho preço.

E, assim, o retrato da cidade e das pessoas que ali vivem ia sendo traçado pelo grupo. Todos carregavam a esperança de que estes depoimentos transformados em texto e defendidos por atores-cidadãos pudessem gerar um debate jamais visto/vivenciado por eles. Um debate no qual tudo poderia ser dito, toda reflexão seria bem vinda e o mais importante: todos teriam a liberdade de expor seus sentimentos sem medo de repressão ou perseguição, já que, ali, o único interesse que moveria todos os agentes seria o amor e o carinho que todos têm pela cidade.

Quando eu olho para uma pessoa e digo "este aqui é de Itambé, esse aqui é de fora" é o jeito, a maneira de falar. Aquele povo pacato, que não questiona. Aquele povo que aceita; um povo bom, bonito. Porque não é falando, não, Itambé, se a gente for olhar algumas cidades aqui, Itambé tem uma população muito bonita, bem vistosa fisicamente, mas também tem pessoas que têm uma capacidade enorme, que têm uma mentalidade muito grande pra evoluir. Um povo que aceita e não vê maldade em nada. A característica pra definir o povo de Itambé é ser um povo bom.

Diante da aproximação e do distanciamento de cada morador em relação a estes temas, ou em relação à sua própria cidade, daríamos outro passo na busca dessa arte cidadã que é a ação cênica, compreendendo que "a cidade seria a obra perpétua dos habitantes." (CARLOS, 2005, p. 33)

A CIDADE SOU EU

Viver a cidade, conhecer cada rua, cada praça, os espaços de sociabilidade, as pessoas que ali vivem. Fazer da cidade sua própria casa. Participar de tudo que envolve o cotidiano deste lugar e assim fazer de cada dia um novo dia, uma nova experiência:

O contato cotidiano com o outro implica na descoberta de modos de vida, problemas e perspectivas comuns. Por outro lado, produz junto com a identidade, a consciência da desigualdade e das contradições nas quais se funda a vida humana. [...] O indivíduo toma consciência de seu direito de participação nas decisões como decorrência da vida na cidade. (CARLOS, 2005, p. 87)

A cada nascer do sol, a vida na cidade se reinventa. Como um ritual que se repete todos os dias, os habitantes de uma cidade estão sempre, ou quase sempre, preparados para a batalha diária. Assim também é o teatro: um cotidiano de repetições, ensaios, idas e voltas em busca de uma perfeição, de um acerto que nem sempre chega. Mas essa busca tem que existir sempre.

Batizar a última ação cênica do processo de A cidade sou eu foi a metáfora encontrada para traduzir essa relação entre o morador e o lugar que ele habita. Realizar esta ação nas dependências do casarão Villa Diolinda²⁹ possibilitou a materialização desta metáfora através da qual a cidade está dentro de cada um de seus moradores (Figura 20).

29 O casarão Villa Diolinda foi construído em 1935 por Rogério Gusmão, fazendeiro, filho ilustre da cidade e um dos patriarcas de uma das famílias mais importantes de Itambé. Este casarão povoa o imaginário dos habitantes da cidade que acreditam na existência de fantasmas dos antigos moradores. Localizado em uma de suas áreas mais importantes, nos fundos da igreja matriz, já pertenceu a várias famílias. Durante a pesquisa de campo a Villa Diolinda foi meu local de hospedagem.



Figura 20 – O casarão Villa Diolinda.

Foto do autor.

Estávamos certos de que o cuidado, a atenção e o afeto que temos por nossa casa são os mesmos que devemos ter por nossa cidade.

A decisão de realizar a ação no Villa Diolinda surgiu, primeiro, como uma alternativa espacial. Encenar nas ruas e praças da cidade, como era a proposta inicial, ia exigir da equipe um cuidado maior com a produção. Como éramos apenas sete pessoas envolvidas, não teríamos condições de coordenar e organizar a tempo este evento. Estávamos em agosto, período

em que a cidade comemora sua emancipação política, por conta disso a cidade estava toda envolvida nestes festejos, o que também dificultaria nossa encenação. Então, resolvemos levar a sério nossa metáfora e transformamos o casarão em uma cidade.

Não havia lugar melhor pra falar de Itambé do que o Casarão Villa Diolinda, que tem história viva em suas paredes. A localização geográfica, num ponto alto, ajudou bastante na composição das cenas. Com seus janelões abertos para as montanhas e ruas de Itambé, parecia que nossa visão varria cada lugarzinho da cidade. É como se Itambé fosse condensada naquele espaço, e enquanto acompanhávamos as cenas nas várias partes do Casarão estávamos também passeando por Itambé, seus habitantes e suas vidas. (Hugo Camizão³⁰)

Com essa escolha, muitos detalhes iam sendo agregados à proposta. Os personagens, por exemplo, foram construídos como uma mostra simbólica do que vem a ser um itambense. A grande casa-cidade teria um guia para receber os visitantes (o público) que haviam chegado de uma excursão para conhecer essa pequena e charmosa cidade. O guia, além de apresentá-los à casa-cidade, também apresentava seus moradores-personagens.

Bem vindos, senhoras e senhores, sejam muito bem vindos! Vamos entrando. A tranquilidade da cidade é incomparável, não só a tranquilidade física, falando de não ter barulho nem nada, mas digo a tranquilidade de espírito. Itambé está dentro do Nordeste, dentro da Bahia e dentro da região

30 Depoimento dado pelo ator sobre o processo de construção do texto e ocupação do casarão, alguns meses após a realização da encenação.

sudoeste da Bahia. Itambé é muito bem favorecida quando o assunto é paz e boa convivência. As dificuldades na cidade não são o bastante para eliminar essa tranquilidade, essa paz. Outra coisa que me motiva a estar aqui é o povo. O itambeense é um tipo de gente, que eu acho, assim, em lugar nenhum no mundo a gente vai encontrar. (Vai falando e guiando o público pela casa, subindo a escada até a parte superior onde os outros atores já estão alojados, como se fossem, ao mesmo tempo, parte de um museu e habitantes da cidade). De fato, eu indo a São Paulo, eu percebi que o povo de Itambé tem um prazer de viver. O povo de Itambé, apesar de suas diferenças, as suas particularidades, o povo de Itambé tem uma maneira de acolher que é exclusiva. Em Conquista, que tá aqui a alguns quilômetros, a realidade é totalmente diferente; nós temos outro ar naquela cidade, em Itapetinga também, e aqui em Itambé é diferente. As pessoas chegam aqui, ficam sete dias e dizem a mesma coisa, que o povo de Itambé tem um acolhimento diferente. Não é só aquele acolhimento positivo, gostoso; é mais que isso: é uma coisa que chega a ser família. O povo de Itambé é um povo muito solidário, que sente muito o que o outro sente. Por favor, entrem e confirmem vocês mesmos.

Um ritual de reconhecimento se instalava ali. Os moradores-turistas dentro de sua própria cidade e os personagens-moradores dentro de sua própria casa-cidade. Ao analisar teatro e ritual na obra de Artaud, Cassiano Sydow Quilici chegou a definições esclarecedoras sobre as viagens feitas por Artaud em busca de uma identidade perdida através de um teatro sagrado. Segundo ele, Artaud defendia que:

O rito permite recuperar a ideia da ação teatral como um 'acontecimento' que envolve e inclui artistas e público, instau-

rando uma nova realidade, que deve desestabilizar os padrões de percepção e as representações já cristalizadas. O teatro ritual se opõe ao teatro como espetáculo, rompendo a “distancia” que institui o espectador ‘voyeur’. (QUILICI, 2004, p. 46)

Só assim, através do ritual, pudemos envolver o público com os assuntos apresentados, transformando a casa-cidade em um teatro-arena, onde ação e discurso foram compartilhados e produzidos por todos. Para Peter Brook (1970), é neste momento que o teatro acontece. No momento em que todos, atores e público, se envolvem em uma mesma atenção, compartilhando o mesmo pensamento, mas isto não quer dizer que todos comungam a mesma opinião; todos estão ali em busca de um confronto de pensamentos

Começava, aí, um embate em busca da imagem desta cidade, ou seja, sobre o que Itambé significava para cada um. A ação foi apresentada duas vezes. Na primeira apresentação, o público foi composto, em sua maioria, por formadores de opinião da cidade, professores, agentes culturais e pessoas importantes na história cultural de Itambé. Nesta primeira experiência, a recepção foi mais contida, com divergências de opinião moderadas – talvez esta tenha sido uma forma de evitar confrontos mais contundentes, ou talvez para não desviar o foco do evento. Na verdade, o público sentiu um pouco de estranhamento naquele formato, na liberdade de se movimentar e de se posicionar que lhes foi oferecida. Somente no final da apresentação é que eles externaram seus sentimentos e impressões. Para alguns, diante do realismo da ação, a dificuldade foi entender que se tratava de personagens, e não da opinião dos atores que estavam ali interpretando os textos. Então, eles precisaram de um pouco mais de tempo para compreender que todos ali participavam de um

mesmo coletivo, atores e público, com o objetivo de refletir a cidade que eles habitam, a partir de uma troca de opiniões, emoções e relatos de outros moradores.

Quando o espectador presencia uma dessas trocas emocionais e intelectuais, é como se testemunhasse uma conversa. Participa em silêncio da troca de sentimentos e se deixa emocionar com as experiências dos dois. Mas só quando esse intercâmbio prossegue entre os atores é que os espectadores no teatro podem compreender e indiretamente participar do que se passa em cena. (STANISLAVSKY, 1984 p. 215)

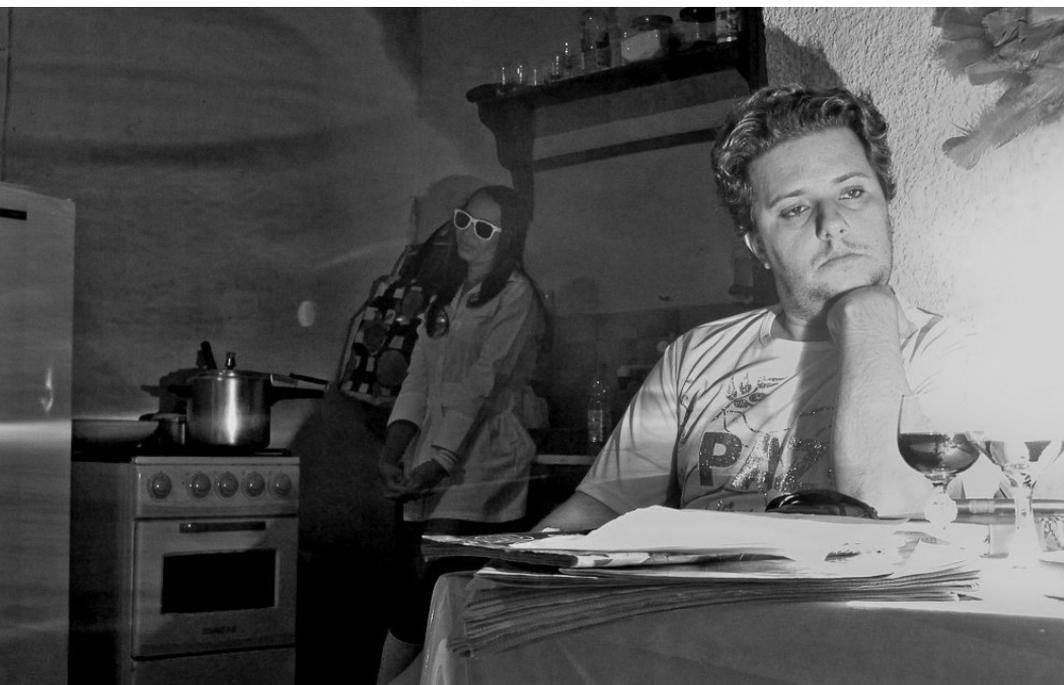


Figura 21 – Os atores Cris Melo Gusmão e Thide Lira na Ação A cidade sou eu.

Foto do autor.

Stanislavsky criou seu método de criação de personagens e se tornou uma referência no teatro ocidental, mas, na ação cênica, o que se pretende é uma participação direta do público; seja em silêncio ou externando suas opiniões, é preciso que quem participa deste evento esteja inteiramente conectado com o que está acontecendo. Na segunda apresentação, por exemplo, o público foi mais heterogêneo, composto por estudantes, amigos e parentes dos atores, além de dois entrevistados da pesquisa, que iriam ouvir seus depoimentos na voz dos atores pela primeira vez, e da presença de um morador que resolveu retornar para participar mais ativamente. É importante precisar que os entrevistados não sabiam que os depoimentos deles iam estar no repertório e nem os atores sabiam que haveria entrevistados no público.

Em entrevista realizada durante o processo, o ator Cristiano Gusmão sintetizou sua participação e como ele, enquanto morador, percebia os assuntos abordados nos textos:

Por entender as pessoas, por ouvir as pessoas, por saber a visão que elas têm a respeito de cultura, de educação, de política, me facilitava o entendimento. Saber o que as pessoas pensam, o que elas querem, que mudança elas querem provocar na sociedade é muito importante. O que me intrigou em todos os textos é que muitas pessoas apontavam problemas, mas não apontavam soluções para resolver esses problemas. Foram poucos os textos que apontavam soluções para os problemas culturais, sociais, políticos e até religiosos, que a gente sabe que tem, como o preconceito, por exemplo. As religiões às vezes proíbem o desenvolvimento cultural como se fosse algo maléfico para seus fiéis. Um adolescente evangélico, por exemplo,

não pode cantar, ou dançar, ou fazer teatro na escola. Isso dificulta este desenvolvimento. Falar de cultura é falar do seu povo e isto independe de religiões ou posicionamento político.

Neste dia, o elenco já havia se apropriado completamente da proposta e os textos iam sendo ditos de forma mais natural, mais orgânica, contribuindo para que o público se sentisse parte daquele conjunto. A cada momento em que alguém se sentia provocado, o debate era estabelecido como se tudo fizesse parte integrante de um único texto. Outro fato importante é que, com a apropriação que os atores tinham desenvolvido com o texto, houve mais liberdade para que eles também se manifestassem como cidadãos, extrapolando o próprio texto e a própria encenação. Um metateatro se instalava ali, quase um distanciamento brechtiniano. Quase, porque os atores não deixavam claro quando estavam dizendo o texto da ação ou da encenação e quando estavam externando suas próprias opiniões.

Como exemplo desta simbiose, relato um fato importante e delicado, ao mesmo tempo, relacionado às religiões. Na amostragem, as religiões dos entrevistados se constituíram como critério de escolha e apareceram com ênfase em algumas entrevistas. Assim, alguns depoimentos que tratavam de religião foram escolhidos pelos atores e em alguns momentos as opiniões extrapolaram o próprio texto:

Eu amo a minha família, sou evangélica, gosto muito da religião a qual eu sigo, creio nos propósitos dela. Eu sonho em ver meu marido na minha Igreja, na minha religião. Aqui em Itambé, no calendário de eventos da cidade, tem o Dia do Evangélico, que já faz parte do calendário. Acontece

na segunda quarta-feira do mês de março. Uma data em que todos os evangélicos se reúnem.

O fato do dia do Evangélico ser mencionado, por uma das atrizes, como parte do calendário de eventos da cidade, foi o suficiente para os católicos se manifestarem durante a apresentação. Outro ator, durante a encenação, para defender seu personagem católico, afirmou:

No desenvolvimento da cidade, eu envolvo sempre a expressão religiosa junto, porque não tem como, no interior da Bahia, você deixar de colocar a expressão religiosa como cultural, e aqui em Itambé, então, eu destacaria no mês de janeiro a festa do padroeiro,³¹ quando nós vemos um belíssimo desfile com as 46 comunidades que nossa paróquia tem; na verdade um desfile alegórico, porque tem carros e tudo que cada comunidade traz.

Em Itambé, têm surgido, cada vez mais, como em todo lugar do país, novos templos religiosos de origem pentecostal, e isto tem abalado o monopólio da Igreja Católica. Talvez, por isso, tenha surgido essa discussão. Mas não foram somente política e religião que provocaram debates. A violência nos bairros periféricos e a situação da educação e da cultura também estimularam a reflexão de todos:

Tem partes na cidade que são violentas. Lá pr'aqueles bairros, lá, no Paraguai, do outro lado da pista, ou na periferia da cidade; por aqui, não, mas nos bairros mais afastados tem violência. Graças a Deus, até esta data, nunca

31 São Sebastião é o padroeiro de Itambé e de outras cidades brasileiras como Ilhéus e Rio de Janeiro. Todo dia 20 de janeiro as comunidades eclesiais de base se mobilizam para organizar a procissão e a festa de São Sebastião, a maior festa da comunidade católica da cidade.

aconteceu nada onde eu moro, mas em outros bairros eu tenho medo.

O texto anterior, dito por um personagem durante a encenação, provocou a revolta de um morador/espectador, proprietário de um ponto comercial no bairro citado, o Paraguai.³² Segundo o morador, que se manifestou durante a apresentação, os habitantes de Itambé têm muito preconceito com o que está fora do centro, afirmando que a violência está por toda parte, e não somente nos bairros periféricos. Para ele, o medo já faz parte do cotidiano dos itambeenses. Diante da indignação do morador, a atriz Thide Lira diz um texto de sua personagem, que também se preocupa com a segurança na cidade:

Se eu pudesse mudar alguma coisa na cidade, eu acabaria com a violência, assim, para que as pessoas não tivessem medo de sair nas ruas como tá hoje. Antes você saía 10, 11 horas da noite e não tinha medo. Hoje, 10 horas da noite você já tá com medo de sair na rua. Eu tentaria mudar um pouco o índice de violência daqui de dentro da cidade.

Para finalizar a análise do que chamo dramaturgia do lugar, vou reproduzir um trecho³³ no qual é possível perceber como uma ação/encenação, que envolve o público em seu conjunto, realizada em um local vivo e cheio de história, pode produzir um texto a cada dia.

32 O nome oficial do bairro é Felipe Achy.

33 No texto acima, esclareço ao leitor: quando aparece morador (a) é porque o texto foi dito por uma pessoa (homem ou mulher) do público; personagem, é porque o texto foi dito por um ator/atriz como parte integrante da ação/encenação; e, quando aparecer ator-atriz, corresponde a uma opinião particular do ator ou da atriz, uma interferência voluntária na hora do acontecimento. A reprodução deste texto é uma transcrição da filmagem do segundo dia de apresentação.

Personagem:

Fazer cultura aqui, a gente fala 'fazer', porque a gente não desenvolve uma cultura, porque você tem que sobreviver do pouco que tem e fazer daquilo muita coisa. Tem grupo de dança, de teatro, que eu admiro, porque eu não sei como sobrevivem nesse marasmo daqui. Felizmente, são pessoas que batalham mesmo, saem, ganham prêmio. Mas eu queria estar mais a par do que acontece. Às vezes, acontece uma coisa na cidade que você vai saber três dias depois, justamente por você estar desligado dali, estar excluído.

Nós temos manifestações excelentes que as pessoas acham que é antigo, que é passado, e a gente tem cultura na nossa cidade que permanece: tem reisado, bumba-meu-boi que permanece, mas deveria ser mais desenvolvido, ser mostrado mais.

Atriz:

O que eu acho é que o artista aqui tem que se livrar da ditadura estabelecida pela política municipal, ser livre, porque, enquanto o artista for empregado da prefeitura ou depender da prefeitura para realizar seu trabalho, vai ser sempre dependente desse sistema.

Personagem:

Por conta da religião, eu me afastei de todo movimento cultural. Também porque todo movimento cultural na cidade é movido pela política. Ou é a favor dos mais fortes ou a favor dos mais fracos. Você não tem motivação para ser uma pessoa da cultura na cidade. Livre. A cultura aqui é escrava.



Figura 22 – Elenco e público da Ação A cidade sou eu, realizada no casarão Vila Diolinda.

Foto: Romuel Soubiraus.

Ator:

Gente, cuidado! Vocês estão exagerando, não podemos avaliar a situação da cidade com este rancor político. Claro que temos problemas na educação, na saúde, na cultura, na forma de administração, mas estamos aqui. A gente também é responsável por isso, o que a gente tá fazendo para mudar?

Moradora:

Eu posso falar? (Silêncio geral) Bom, eu sou de São Paulo e moro aqui, vim morar com minha mãe. Eu já estou pra ficar louca de tanto me oferecer para colaborar com a cultura local, dar aula de artesanato, trabalhar com teatro, organizar eventos, mas as pessoas aqui não têm tempo nem pra conversar na rua, pra te ouvir. Eu fico impressionada, querendo saber o que o itambeense faz que ocupa tanto o seu tempo. É como se não quisesse se envolver com nada.

Personagem:

Eu gosto de trabalhar partindo da minha personalidade, gosto de pesquisar, pena que não tenho tempo, não tenho mesmo, nem tempo nem organização. Tenho várias pesquisas iniciadas: um livro sobre as comunidades eclesiais de base, já fiz a biografia do padre, a mini, minibiografia. Eu me construo como professora. Não sou totalmente moderna, eu fico entre o tradicional e o moderno, e penso que, dentro deste processo de transformação de cada pessoa, da sociedade, de cada ser humano, eu me coloco como moderada no processo de organização do saber, do trabalho. Também faço trabalho social com a Fundação Padre Juracy e a Pastoral da Criança. Eu gosto de construir, transformar.

Personagem:

Se eu fosse falar sobre Itambé pra uma pessoa, eu, infelizmente, falaria que Itambé é uma cidade com muitas rixas políticas, onde um prefeito entra, constrói, o outro vem e destrói, e acho que é por causa disso que não vai pra frente, que,

ao contrário deles ampliarem aquilo que o outro começou, não, eles perdem tempo destruindo aquilo que o outro construiu. É uma cidade bonita, porém, muito desmatada, as pessoas não se preocupam com a questão do lixo, do meio ambiente, onde a gente tinha aqui diversos tipos de madeira que hoje estão em extinção, a gente tinha dois rios limpos, hoje, também, totalmente poluídos.

Morador:

E não me envolvo com política por isso, acho um absurdo esse atraso. A gente vive aqui ao Deus dará.

Personagem:

Se eu pudesse, eu encheria a Câmara de uma meninada boa, cultural. Trocava os políticos por crianças. As crianças têm ideias boas. Não tô falando de recém-nascidos, tô falando dos jovens que pensam. Mudaria a mentalidade das pessoas.

Personagem:

Foi aqui que eu consegui educar meus filhos, botei em casa, trouxe pra casa e hoje em dia, graças a Deus, todo mundo é formado, dou graças a Deus por isso, então eu gostaria de falar isso aqui, que, pra mim, Itambé, quando uma pessoa fala mal de Itambé pra mim eu me sinto mal, eu não gosto que falem mal de Itambé pra mim. Eu não gosto, porque pra mim, foi aqui que eu arrumei a minha vida, porque nem casa eu tinha e aqui eu já tenho minha casinha, ruim, mas eu tenho, então pra mim aqui é uma benção de Deus, Deus me ajudou e foi aqui que eu consegui. Tudo que eu tenho hoje eu agradeço a Itambé.

A escrita deste texto continua a cada dia que pensamos a cidade, seja ela qual for, com o pensamento de um cidadão que age e que se posiciona e se relaciona com seu lugar, como concluiu a atriz Cíntia, em seu depoimento no final do processo:

O texto que apresentamos foi de suma importância para mim, pois retrata a vida da nossa cidade que é ou desconhecida ou escondida. Muitas informações não me surpreenderam, pois conheço a realidade da cidade, sei que vivemos em torno de uma política onde só é privilegiada uma minoria. Vivemos uma verdadeira ditadura. Foi pouco tempo no processo, mas foram dias superválidos. Viajei! Muitas recordações, um filme passou pela minha cabeça. Uma ideia extraordinária essa, nos fez sentir no palco novamente com sua visão inovadora sobre o Teatro. Adorei! Que tal fazermos novamente?

Amar e defender a cidade foram os sentimentos que os itambeenses mais expressaram durante a realização desta pesquisa. Mesmo diante do descaso do poder público e da falta de perspectivas, os moradores de Itambé continuam depositando e investindo esperança no futuro deste lugar querido por eles, fazendo interagir cidadania e cultura como propunha Milton Santos (1993, p. 61):

[...] cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. [...] A cultura é que nos dá a consciência de pertencer a um grupo.

Depois de meses envolvido neste projeto, estimulando reflexões, debates e encontros, portas e janelas foram e, acredito, serão abertas para que os moradores desta pequena cidade se sintam donos dela, responsáveis por ela, possuidores do futuro desta cidade que somos todos nós.

Reflexões Finais

Concluir um trabalho é sempre uma tarefa difícil. Buscar respostas e chegar a um consenso: tudo isso se faz necessário quando olhamos para trás e percebemos que um longo caminho foi percorrido e que um grande passo foi dado.

Para a escrita desse livro, foi preciso fixar residência em Itambé durante seis meses. Dias intensos, cheios de dúvidas e descobertas. Somente no final dessa fase, retornando a Salvador, é que comecei a escrever, colocando no papel essas dúvidas e descobertas. Resolvi voltar ao começo, ao início de tudo, quando tive a ideia de propor esta pesquisa. Depois de escrever o último capítulo, coloquei o livro *L'oeil et l'esprit* (2002), de Merleau-Ponty, na minha mala e retornei à Itambé. Queria novamente me perder por aquelas ruas e liberar meu olhar e meus sentidos.

O estímulo à percepção das coisas simples que tornam a vida um ato profundo. É esta forma de olhar que me aproxima da fenomenologia, e foi a fenomenologia que me fez dar tempo ao tempo. E aqui estou eu, de novo, em Itambé, liberando meu olhar para todas as cores e texturas que cruzam meu caminho. Todos os quadros, respostas, conquistas e faltas.

Uma das propostas desta pesquisa foi discutir a cidade através da arte e da cultura, mas, especificamente, através do teatro, com a criação do conceito de ação cênica, que tem como princípio estimular o cidadão a agir cenicamente, contribuindo, assim, para o desenvolvimento sociocultural do lugar onde vive.

Mas o morador está realmente disposto a exercer seu papel de cidadão? Esta foi a questão que eu sempre me fazia. É preciso compreender que, mesmo que por um momento, o cidadão não se sinta estimulado a se posicionar artisticamente no meio em que ele vive; é necessário que a cidade esteja aberta a estas manifestações.

O que pude perceber em Itambé é que alguns itambeenses estão cansados de lutar e de ver sua cidade entregue a políticos corruptos. Muitas famílias preparam seus filhos para viverem em outros centros urbanos, onde as condições de vida são mais favoráveis. Outras famílias vivem entre Itambé e cidades próximas, como Vitória da Conquista e Itapetinga, na busca de um futuro mais promissor para seus filhos.

Formar o quadro de entrevistados exigiu-me tempo e paciência. Os moradores, além de intimidados em participar de uma pesquisa acadêmica, tinham medo do que a repercussão desta entrevista poderia gerar em suas vidas. E este medo aparecia nas respostas dos moradores que aceitaram participar. Tanto o medo de represálias como o medo de se envolver, simplesmente. Mas, depois da confiança conquistada, a coragem vencida o medo, e a história daquele lugar ia sendo contada por estes moradores guerreiros que amam tanto aquela pequena cidade.

Sentimentos como insatisfação, revolta, esperança e tristeza surgiam a cada estímulo dado. E a fenomenologia estava ali, me ajudando a ganhar a confiança dos moradores, abrindo o olhar de cada um, para que eles pudessem compreender os fenômenos que os ligam àquele lugar. Se fechar em si para compreender o outro.

Neste caso, se fechar significa se abrir; perceber com outros olhos o que está diante de si. Como uma paisagem, um lugar, que ao mesmo tempo é tão familiar, pode despertar sensações novas e provocar descobertas? Este encontro, entre o morador e um lugar escolhido por ele, produziu informações necessárias para a continuidade da pesquisa e a descoberta do que o itambeense quer para o futuro da cidade.

Para acionar todas as informações desta pesquisa, seria necessário um pouco mais de tempo. O interessante seria realizar diversas formas de entrevista e de encontro entre o morador e o lugar que ele escolheu dentro da cidade. Mas o itambeense, como qualquer ser humano, hoje em dia, tem pouco tempo livre, e agendar uma entrevista exigiu-me muita habilidade. Com alguns entrevistados, foram necessárias várias negociações para que pudesse realizar, no tempo previsto, a entrevista. Por este motivo, resolvi me concentrar apenas na entrevista base, que buscava informações sobre quem era este indivíduo e a sua relação com a cidade.

Destes encontros, várias sensações foram selecionadas para as etapas seguintes. Muitos entrevistados se disponibilizaram de tal forma que, ao se perceber a emoção com que eles narravam suas histórias, já fazia daquele encontro uma conquista. Perceber no brilho do olhar e na serenidade da

fala que aquela cidade realmente fazia parte da vida daquele morador produzia um texto que dificilmente seria acionado sem ajuda destes exercícios de contemplação. Disponibilizar um tempo do seu dia para pensar, refletir, observar um lugar que traz alguma lembrança e narrar essas sensações sem preconceitos, sem julgamentos, vale mais do que um simples desabafo. Este era um momento democrático para que cada morador mostrasse suas particularidades. Toda esta pluralidade, registrada nestes encontros, foi abrindo espaço para que o teatro, através da ação cênica, fosse invadindo, aos poucos, as ruas da cidade e a vida das pessoas.

Um dos focos importantes desta pesquisa e deste livro é expandir o debate sobre a utilização da cidade como palco. Hoje em dia, é possível identificar, nos cadernos de cultura dos principais jornais do país, a utilização de termos como lugar, não-lugar, geografia da cena e intervenção urbana para descrever processos criativos ou concepções cênicas, mas o que percebo é que muitos destes artistas se apropriam destes termos sem se aprofundar no que eles realmente significam. Como um modismo, as possibilidades se esgotam, por falta de um maior conhecimento. Isto se deve, talvez, à falta de bibliografia na área das artes cênicas, que se utiliza destes termos vindos de outras áreas, como a Geografia. Alguns casos que merecem destaque neste campo foram citados aqui nesta pesquisa, como os exemplos do grupo Teatro da Vertigem e do diretor André Carreira, com seu teatro de invasão.

Claro que existem outros exemplos, mas decidi me centrar no Brasil e, mais especificamente, nestes dois casos. Diferentemente do Teatro da Vertigem e do teatro de invasão,

proposto por Carreira, a ação cênica é realizada pelo próprio morador da cidade, independentemente de ser artista ou não; o mais importante é que ele – o morador – exerça seu papel de cidadão. O teatro está ali apenas como veículo para acionar estes desejos e levá-los para as ruas e lugares da cidade de forma artística.

Por isso, também, a importância de trazer para este debate autores como Hannah Arendt, Angelo Serpa, Marc Augé, Henri Lefebvre, Ana Fani Alessandri Carlos e Maurice Meleau-Ponty com sua fenomenologia da percepção. Referências importantes para quem deseja estudar a relação do indivíduo, o lugar onde ele vive e todos os fenômenos que este encontro pode despertar.

E o fenômeno que esta pesquisa buscou por parte do cidadão foi o direito à ação. Possibilitar ao morador o direito de agir cenicamente, em função do desenvolvimento cultural de sua cidade. E isto foi conquistado em sete ações pontuais – apenas porque não me interessava analisar a repercussão das ações e seus desdobramentos, mas sim o efeito que estas ações causavam em seus participantes e nas pessoas que as presenciaram.

Mesmo com dificuldades para agrupar pessoas, pelo mesmo motivo da dificuldade de formar o quadro de entrevistados – ou seja, o tempo ou a falta dele –, foi possível realizar ações importantes para a finalização desta pesquisa: tanto ações individuais, como a *Mestra de obras*, que abordava o sonho e o desejo de uma moradora em ser modelo, como ações coletivas com jovens que também sonhavam em ser artistas, em seguir a carreira de bailarinos, na ação *Urbanos* ou na

ação *Quem vai se casar*, que fizeram com que moradores revivessem uma tradição importante na cidade que vem sendo esquecida, a exemplo do casamento na roça. Mas também ações provocadoras, como *Câmera AÇÃO!!!*, na qual moradores ocuparam a praça municipal para as lentes da TV Sudoeste, chamando a atenção para o que Itambé tem de positivo – além de reclamar o direito de ocupar os espaços públicos da cidade, que estão abandonados e sem estrutura para receber bem os moradores. Ou, ainda, a ação *Calçada do leitor*, que foi a primeira a ser experimentada e na qual foi reclamada uma melhor assistência à educação. Vários jovens abandonam a cidade para estudar em outros municípios, pelo fato da cidade não oferecer uma unidade pública de ensino superior.

A penúltima ação, *Chá para todos*, foi, para mim, a mais significativa, pois foi nela que pude proporcionar um encontro de gerações, além de reunir, em um mesmo espaço, pessoas de classes sociais e graus de escolaridade variados. O que antes seria uma homenagem aos idosos, se transformou em uma celebração à vida e à liberdade. Ali, naquele salão de chá, em plena praça municipal, todos eram iguais e diferentes, ao mesmo tempo, mas todos se respeitavam e se aceitavam como parte integrante daquele todo que é Itambé. Depois desta fase, que, para mim, funcionou como um reconhecimento da minha terra natal e para compreender como os habitantes de Itambé se relacionavam entre si e com a cidade, parti para a etapa final: a construção e a encenação do texto que contaria a história do povo e da cidade.

Foram dias de discussão tendo como base as entrevistas realizadas no início da pesquisa. Nestes encontros, as reflexões

giravam em torno de como tornar mais leves assuntos tão polêmicos. Como a maioria do elenco mantém uma relação cordial com a administração atual, e o objetivo do trabalho não era levantar falhas de ninguém, decidimos, em consenso, que o texto traria várias opiniões, vários pontos de vista, deixando a tarefa de “juízo” para o público. Então, todos os assuntos relacionados à corrupção, à violência, à segurança pública, à educação, à cultura e ao desemprego foram levados à cena, mesclados com ponderações dos atores e abrindo espaço para que o público emitisse suas reflexões, caso alguém se sentisse ofendido.

Esta foi apenas mais uma das situações delicadas que vivi durante esta pesquisa. Não era minha intenção provocar rupturas entre os moradores da cidade, como também não queria deixar, com o fim do projeto, um problema para os envolvidos no processo. Com isso, tive, em vários momentos, que usar da diplomacia para me adaptar à realidade atual dos itambeenses, estes que precisam se equilibrar para sobreviver aos problemas gerados por um histórico político que preza o silêncio e a submissão.

Com a presença do público, durante as duas apresentações da ação cênica *A cidade sou eu*, estas questões ficaram mais evidentes, já que os assuntos abordados não ficaram apenas sob a responsabilidade dos atores. O público presente, protegido pelas paredes do casarão Vila Diolinda, se sentiu à vontade para emitir seus desgostos, prazeres e esperanças relacionados à cidade que eles tanto amam. Esta atitude possibilitou que o elenco se sentisse mais confiante.

Apesar do medo de se expressar, ficou claro que o itambeense busca a liberdade de pensar e agir e que os moradores

da cidade lutam por um futuro mais digno, no qual o cidadão seja respeitado e seus direitos à educação, à cultura e ao bem estar sejam garantidos. E eles, os itambeenses, estão prontos para esta batalha. Esta pesquisa apenas abriu esta porta no caminho deles. Uma porta que continua aberta e contribuindo para que outras também se abram. Apesar de estarem afastados dos grandes centros urbanos, onde tudo se concentra, sobretudo informação e oferta cultural variada, a esperança é que Itambé volte a valorizar a cultura e seus artistas. Uma cidade onde todos possam viver livres e prontos para o futuro.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARAÚJO, Antônio. Um deus e um diabo na terra de nós. *Cenário: Teatro Cultura e Lazer*, São Paulo, n. 12, p. 12, 1998.

ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *O que é política?* 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARTAUD, Antonin. *Le théâtre et son double*. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BAKTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction – Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BRITO, Marcelo Sousa. *Pedra afiada: um convite para o teatro invadir a cidade*. 2011, 111f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) Escola de Teatro – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

_____. A cidade como palco. *Discutindo arte*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 58-61, 2005.

BROOK, Peter. *O teatro e seu espaço*. Petrópolis: Vozes, 1970.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

- CARDOSO, José Ricardo Brügger. Inter-relações entre espaço cênico e espaço urbano. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck (Org.). *Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2008. p. 79-96.
- CARREIRA, André. Teatro de invasão: redefinindo a ordem da cidade. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck (Org.). *Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2008. p. 67-78.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de. *Dinâmica territorial das festas juninas em Amargosa, Cachoeira e Cruz das Almas-BA: especificidades entre a espetacularização e a reinvenção do lazer festivo no espaço urbano*. 2008. 341f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- COELHO, Teixeira José. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COSTA, Gilberto. *Quase um romance*. Itambé-BA: Gráfica Colograph, 2005.
- FERNANDES, Sílvia; AUDIO, Roberto (Org.). *Teatro da Vertigem: BR-3*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 2006.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed., 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.
- GOLDBERG, Roselee. *La performance: du futurisme à nos jours*. Paris: Éditions Thames & Hudson, 2001.
- GRUPO de teatro experimental. *(E)xperiência subterrânea*. Florianópolis, [2011]. Disponível em: <<http://experienciasub.com/>>. Acesso em: 12 jul. 2012.
- HUSSERL, Edmond. *A Idéia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico, 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm>. Acesso em 29 set. 2012.

_____. *Censo Demográfico, 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em 29 set. 2012.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LOSSAU, Julia. Arte no espaço público: sobre as relações entre as perspectivas artísticas e as expectativas das políticas de desenvolvimento urbano. *GeoTextos*, Salvador, v. 5, n. 1, p. 37-57, jul. 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Introdução – Aventuras de um cartógrafo mestiço. In: *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 9-42.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'oeil et l'esprit*. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

_____. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PEIXOTO, Fernando. *O que é teatro?* 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PREFEITURA municipal Itambé: trabalho e cidadania, [2011]. Disponível em: <<http://www.itambe.ba.gov.br/index.asp?link=cidade/cidade.html>>. Acesso em: 29 set. 2012.

QUILICI, Sydow Cassiano. *Antonin Artaud: Teatro e Ritual*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.

RINALDI, Miriam. Os atores do Teatro da Vertigem. In: Vários autores. *Teatro da vertigem: Trilogia Bíblica*. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 44-54.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A linguagem da encenação teatral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 2. ed. São Paulo, Nobel, 1993.

- SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SAWITZKI, Manoela. Um divisor de águas. *Revista Bravo: para entender o teatro brasileiro*, São Paulo, n. 1, p. 50-51, 2010.
- SEABRA, Odete. A insurreição do uso. In: MARTINS, José S. (Org.). *Henri Lefebvre e o retorno da dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 71-86.
- SERPA, Angelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.
- STANISLAVSKY, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- _____. *A preparação do ator*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço & lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Apêndice

“A cidade sou eu”

O público é recebido por um personagem-morador ao chegar à casa-cidade. Ele se encontra sozinho, refletindo questões pessoais e relacionadas à cidade.

PERSONAGEM 01

Eu sou um menino precoce, não envelheci ainda, continuo uma criança. Sou amigão demais. Se eu tiver interessado em uma mulher, independente dela ser casada ou não, se eu ficar amigo do marido dela, eu não terei nada com ela. Porque eu respeito muito minhas amizades. Eu perco a piada, mas, não perco o amigo, eu sou diferente. Eu detesto ser mal interpretado. Eu sou muito do trabalho, sou muito família, caseiro e sou muito fiel. Sou flamenguista. Eu herdei isso de meu pai aos oito anos de idade. Tudo que eu sou ele que deixou pra mim, tá aqui dentro de mim. A facilidade de interpretar, de comunicar, de fazer amizade. O tom da voz, a força da voz é do meu pai. A minha mãe foi uma heroína, criou a gente. Eu vim para Itambé com quatro anos, meu pai abandonou minha mãe com quatro filhos. A droga esteve na minha mão, eu salivei, mas, não usei. Eu não uso nada, sou limpo. Sou uma pessoa abençoada por Deus. Hoje eu não

sei o quê que eu sou. Sou muito eclético. Sou católico apostólico romano, mas, eu vou na igreja evangélica, eu vou no terreiro. Eu não tenho medo de nada. Já salvei muitas vidas.

Como vocês podem perceber Itambé é uma cidade pacata. Está com essa onda de crack, mas não é com todo mundo. Itambé estava às margens do rio Verruga. Para colonizar uma terra tinha que ser às margens de um rio, neste período ainda não se chamava Itambé, se chamava Verruga. Mas, Itainbé que é pedra afiada, no Tupi, para ter uma sonoridade melhor, passou a se chamar Itambé. Mas Itambezinho de açúcar, como eu costumo chamar, está no meu coração. O morador, principalmente o eleitor de Itambé, ainda é muito jurássico. A gente precisa trocar os políticos, pensar em pessoas jovens. Mudar. Temos que pensar nos professores do futuro, nos médicos, nos políticos. Temos que trabalhar o pensamento desses jovens.

A praça da igreja matriz simboliza minha religiosidade. Lá tinha umas árvores que formavam uma estrela cadente. Mas tiveram que retirar por conta da raiz. O *Green Peace* de Itambé (**Risos**) foi contra, mas arrancaram. Essa praça representa muito para mim, está em reforma juntamente com a igreja e vai ficar muito bonito.

Eu participava muito das atividades culturais aqui, mas como sou "sofressor" (**risos – se corrige**), professor, não tenho mais tempo. Mas aqui ainda tem Bumba-meu-Boi, artesanato, muito menino tocando teclado, arrocha. Tem o grupo "Hitmus", de Cida, que roda a região, Zizi Ferreira, o rock só tem a Alarme Falso. Padre Valmir que é cantor.

Tem muita coisa boa aqui, agora, se eu pudesse mudar algo, primeiramente eu encheria a Câmara de uma meninada boa, cultural. Trocava os políticos por crianças. As crianças têm idéias boas. Não tô falando de recém-nascidos, tô falando dos jovens que pensam. Mudaria a mentalidade das pessoas.

(Pausa)

O que me mantém ligado à cidade é minha família. Diariamente eu vou na casa da minha mãe. Eu não renego ninguém. Eu tenho que sofrer, penar, alegrar com os meus. Trabalhando menos eu poderia fazer mais. Sou de uma família de dons artísticos, a gente poderia se unir, criar uma associação para trabalhar aqui.

Eu ainda sonho em fazer Mestrado, trabalhar em uma Universidade para aproveitar mais o meu tempo. Gostaria de ir aos Estados Unidos, falar inglês fluentemente.

Prestem atenção em uma coisa: Se você beber a água do Rio Verruga ou você morre ou você se apaixona. Quem mora aqui, ama essa cidade.

Vamos entrar?

A porta da casa-cidade se abre e outro personagem morador recebe o público.

PERSONAGEM 02

Bem vindos, senhoras e senhores a Itambé! A tranquilidade da cidade é incomparável, não só a tranquilidade física, falando de não ter barulho nem nada, mas digo a tranquilidade de espírito, Itambé está dentro do Nordeste, dentro da Bahia

e dentro dessa região sudoeste da Bahia, quer dizer, Itambé é muito bem favorecida quando o assunto é paz, boa convivência e alegria de viver. Vamos entrando. As coisas que eu apontaria como negativas ou pelo menos de dificuldades na cidade, não são o bastante para eliminar essa tranquilidade, essa paz. Outra coisa que me motiva a estar aqui é o povo. O itambeense é um tipo de gente, que eu acho assim, em lugar nenhum no mundo a gente vai encontrar. De fato, eu indo a São Paulo eu percebi que o povo de Itambé tem um prazer de viver. O povo de Itambé, apesar de suas diferenças, as suas particularidades, o povo de Itambé tem uma maneira de acolher que é exclusivo. Em Conquista que tá aqui a alguns quilômetros, a realidade é totalmente diferente, nós temos outro ar naquela cidade, em Itapetinga também, e aqui em Itambé é diferente. As pessoas chegam aqui, ficam sete dias e dizem a mesma coisa, que o povo de Itambé tem um acolhimento diferente. Não é só aquele acolhimento positivo, gostoso, é mais que isso, é uma coisa que chega a ser família. O povo de Itambé é um povo muito solidário, que sente muito o que o outro sente. Aproveitem então, para curtir os momentos que vocês viverão aqui. A casa-cidade é de vocês!

O público chega ao primeiro andar da casa-cidade ao som de Daydreamer (Adele) enquanto os personagens-moradores ocupam os vários cômodos do lugar.

PERSONAGEM 03

Eu nasci em São Paulo. Cheguei em Itambé no ano de 1989. Gosto muito da cidade porque é uma cidade tranquila, apesar

de não oferecer tudo aquilo que a gente precisa na questão de saúde, na questão de educação. Mas foi aqui que eu conheci meu grande amor, meu marido, que me deu uma filha linda. Eu amo a minha família, sou evangélica, gosto muito da religião a qual eu sigo, creio nos propósitos dela. Amo minha família, meu pai, minha mãe, eles batalharam muito pra gente chegar onde chegou. Todos nós somos formados, né? Foi por isso que meus pais vieram pra cá, porque São Paulo não oferecia o custo benefício que eles precisavam pra conduzir a gente na educação. E é uma família muito unida. A gente consegue tudo dando as mãos. E é isso.

Eu sinto muito confessar, mas se eu fosse falar pra uma pessoa como é Itambé, infelizmente eu diria que Itambé é uma cidade com muitas rixas políticas. Onde um prefeito entra, constrói, o outro vem, destrói, e acho que é por causa disso que não vai pra frente, que ao invés deles ampliarem aquilo que o outro começou, não, eles perdem tempo destruindo aquilo que o outro construiu. É uma cidade bonita, porém, muito desmatada, as pessoas não se preocupam com a questão do lixo, do meio ambiente, onde a gente tinha aqui diversos tipos de madeira que hoje estão em extinção. Tínhamos dois rios limpos, hoje estão poluídos.

Ficar no jardim do hospital e observar a cidade faz um bem enorme. É um lugar que me faz pensar, refletir, me faz sentir mais calma, me faz realmente falar da vida. Dá pra sentir a brisa **(faz gestos com mão como se fosse o vento)**. É um lugar que você olha e sente coisas que te trazem paz.

(Muda de tom)

Olha, eu participo da igreja. A gente trabalha na questão do evangelismo. Agora de outra organização não participo, não. Minha igreja, a igreja Batista, tem uma escola onde a gente prepara as crianças assim, ensinando um ofício, algo profissional como bordar, fazer crochê, essas coisas que possam fazer com que elas tenham alguma renda. A escola tem cursos abertos também para os pais, algumas das atividades são destinadas para os pais dos alunos. Isso aproxima mais a escola da comunidade.

Bem, de acontecimentos na cidade só me lembro do Sete de Setembro, do Cinco de Junho, que eles inventam uma caminhada ecológica, do meio ambiente. Tem uma semana dedicada ao meio ambiente, mas infelizmente neste período acaba por poluir e sujar mais ainda a cidade porque distribuem água e os estudantes acabam mostrando que não entenderam realmente o significado da passeata, sujando mais o caminho por onde eles vão passando. Tem também o Dia do Evangélico que já faz parte do calendário. Acontece na segunda quarta-feira do mês de março. Uma data em que todos os evangélicos se reúnem.

(Silêncio – muda o tom)

A questão do meio ambiente me preocupa muito. Sem dúvida. Eu fico preocupada com o quê que a gente vai deixar para os outros que estão vindo. Tem tanta coisa que eu fazia na infância que não existe mais: brincar nas ruas, por exemplo, tomar banho de rio, ouvir o canto dos pássaros. Eu fico preocupada com minha filha. Ela não vai ver nem o que eu tô vendo. Eu gostaria de encontrar alguém que pudesse me ajudar na questão da despoluição dos rios, das matas.

Ajudar-me na questão de conscientização das pessoas. Eu não sei, realmente, eu não sei como conscientizar. A gente não pode abrir a cabeça da pessoa e colocar lá, né? A gente poderia ir trabalhando desde pequenininho, em casa, na escola. Acho que isso funciona: despertar o senso de cidadania desde criança.

Meu marido é a única coisa que me prende a Itambé! Meu marido é muito itambeense, ele não que sair, de jeito nenhum! É tanto que pra minha filha estudar, quando chegar a hora de fazer uma faculdade, quem vai levar é o tio, entendeu? Eu tenho vontade de sair, pra poder trabalhar na minha área, mas meu marido é muito itambeense.

Eu não trabalho aqui porque a questão política me impede de ser mais atuante. Não dá oportunidade. A questão ambiental ainda é muito **(pensa numa palavra)** problemática. A gente acaba entrando em choque. Quem tá trabalhando, realmente, sai prejudicado por aquela pessoa que não está deixando a gente trabalhar. Já procurei e não encontrei ajuda, nem pra fazer minha monografia. Foi muito difícil pra fazer minha monografia, porque eu não tinha material, não tinha quem pudesse responder minhas questões. Foi difícil. Eu fui tendo que pesquisar, assim, foi quase dedutivo, sabe? Perguntava a um morador antigo, pedia informações e foi através disso.

Eu sonho ver meu pai e minha mãe um dia mais descansados sem esse estresse de ficar trabalhando, lutando tanto pra ver a felicidade dos filhos, assim, se desgastando tanto. **(Decidi-da)** Eu sonho em ver meu marido na minha Igreja, na minha religião. Eu sonho em ver minha filha, bem estruturada, uma

moça decidida, cabeça feita. Eu sonho em fazer Mestrado e sonho atuar aqui na cidade na área de educação ambiental. Eu queria ver minha cidade assim podendo oferecer saúde pra população, educação. É triste a gente ver algumas pessoas que tentam fazer a faculdade e a cidade não oferece, quando oferece é particular e quando é particular é à distância. É triste a gente ver isso. Muitas pessoas desistem do sonho porque ele se torna caro.

Olha, eu não sou muito de falar não, mas, a questão da tranquilidade me faz fazer parte deste lugar, a tranquilidade que a cidade oferece. A cidade me transmite tranquilidade. Isso, talvez, faça, desta cidade, uma cidade especial.

PERSONAGEM 02 (*Continua sua cena*)

Eu não nasci em Itambé. Nasci em Itapetinga. Meus pais são de Itambé e desde cedo eu comecei a desenvolver, a viver minha vida toda dentro da igreja e no meio artístico. Pra mim foi um momento muito bom da minha vida, já que, acho que quando a gente começa, com a arte, desenvolvendo os trabalhos artísticos, a gente faz com expressão mesmo da arte, dá um novo vigor na vida da gente, dá um sentido maior. E quando isso se mistura à religião, no caso a Igreja Católica, eu acho que dá um sentido mais profundo e completo. Então hoje eu posso dizer que eu sou fruto do meio artístico e religioso. Tudo que eu busco é em função dessas duas coisas: da religião e da arte na minha vida. E o que eu destacaria assim, como característica minha, eu acho que é a sinceridade. Eu procuro sempre ser uma pessoa sincera, às vezes isso me custa, porque é difícil dizer a verdade, sobretudo a verdade

sobre si mesmo, dizer uma coisa pra você mesmo, dizer: olha é assim que funciona! É difícil. Então todos os dias pra mim é uma luta, é uma batalha comigo mesmo, com as pessoas. Acho que pra gente sobreviver com o ideal, defender aquilo que a gente acredita, a gente precisa ser muito verdadeiro. Outra coisa que eu procuro sempre é ser carinhoso com as pessoas. Eu procuro valorizar o que os outros pensam, respeitar as diferenças, respeitar o quê que a pessoa traz de si para os outros e acolher isso com muita verdade porque eu acho que cada um vem de um mundo, cada um tem sua formação. É isso que eu sempre coloquei na minha cabeça: cada pessoa tem sua formação, tem seu ideal. Cada pessoa foi formada na sua vida de uma maneira e não exatamente foi da minha maneira então eu não posso impor.

(Pausa)

O que eu sei sobre a história de Itambé, é aquilo que, buscando nos livros de história, seja nas pessoas mais antigas na cidade, seja nas pessoas que têm influência histórica, é que a cidade de Itambé ela basicamente vem de uma formação, vamos dizer assim, de uma formação pacífica. Eu vou explicar: a maioria das cidades que a gente conhece surge de uma guerra, a emancipação vem fruto de uma guerra e a história de Itambé ela difere um pouco das outras cidades da região, porque a história de Itambé se forma da do branco com o índio e não de uma guerra entre ambos, quer dizer, é o branco que vem dessa região ai do rio Verruga, com o índio que vem da região do rio Pardo, e ambos, aqui no centro da cidade, fazem a pacificação de modo que quando se tem buscado resquício dessa morada indígena aqui, praticamente não se acha nada, praticamente não se tem no

território de Itambé nada dos índios, porque a saída daqui não foi feita por guerra, mas por pacificação, por exemplo, eles recolheram tudo que era deles e de fato saiu para o homem branco poder construir as primeiras casas. Eu só não entendo por que os brancos não podiam viver em harmonia com os índios. Por que um tinha que liberar o espaço para o outro?

Itambé, apesar de ser uma cidade com essas turbulências políticas, é uma cidade que tem uma outra maneira de viver. Então o que eu sei sobre a história de Itambé é que de fato Manoel Balbino da Paixão e Manoel Raimundo da Fonseca fundaram a cidade de Itambé. Eles participaram dessa pacificação e começaram, de fato, a construir as casas com suas famílias que vieram da região de Vitória da Conquista, de Caetitê, dessa região, e quando se instalaram aqui a cidade começou a ser governada por coronéis que mandavam. Quem de fato tinha influência nas terras, dinheiro, influência política, mas até então não era um poder político propriamente fixado. De lá pra cá Itambé tem se destacado na Bahia e onde quer que seja pela questão artística e cultural. A cultura de Itambé é uma cultura muito forte, tanto no meio religioso, quanto no meio artístico, ou no meio político, onde Itambé chega deixa um destaque, e eu acho que a grande característica da cidade é isso. No acervo do museu encontramos muito essa coisa do regionalismo, da força da expressão artística do povo. Itambé é uma terra que quer na dança, no teatro, no artesanato, em todas as expressões, nas várias áreas das atividades culturais, Itambé se destaca e tem várias particularidades, aqui nenhum artista se repete, nenhum artista se copia. Traz o seu toque.

Eu sempre senti falta de um museu na cidade. Eu considero como o núcleo mesmo do que é a expressão cultural de Itambé, já que lá estão reunidas, pelo menos em parte, um pouquinho de cada expressão artística da cidade. O que falta é a população frequentar mais, se interessar.

Desde os meus doze anos, eu venho me engajando e participando desse meio cultural artístico da cidade, sobretudo em dança e teatro, mas também na parte de artes plásticas, já que quando eu tenho tempo livre eu pinto também, eu componho. De tudo eu gosto de fazer um pouco. É outra característica de Itambé também. Na verdade eu acho que um artista ele vem completo. Quando ele entra para essa realidade de Itambé, ou quando ele sai daqui pra fora, ele percebe isso, porque ele sai meio que completo, porque de tudo ele conhece um pouquinho, acho que essa característica é forte. A gente vem numas parcerias na verdade tentando levar à frente, cada vez mais, essa realidade cultural da qual a gente não tem como se livrar porque tá no sangue, tá na gente.

Eu envolvo sempre a expressão religiosa junto, porque não tem como, no interior da Bahia, você deixar de colocar a expressão religiosa como cultural e aqui em Itambé então, eu destacaria no mês de janeiro a festa do padroeiro, onde nós vemos um belíssimo desfile com as quarenta e seis comunidades que nossa paróquia tem, na verdade um desfile alegórico, porque tem carros e tudo que cada comunidade traz. Em fevereiro eu destacaria a expressão do carnaval, apesar de desde a década de cinquenta pra cá ter desaparecido. A gente sabe que aqueles blocos que existiam, historicamente a gente houve falar, a gente sabe que não tem acontecido nestes

últimos vinte, trinta anos pra cá. Em junho com certeza é a festa de São João que é considerada a maior expressão regional de Itambé nesse período. A cidade é cartão postal neste quesito, pessoas de varias regiões vêm práqui. Em agosto nós temos o aniversário da cidade que é outro ponto forte. Setembro, com certeza, o desfile da independência, o Sete de Setembro, as escolas participam, levam seus adereços, suas crianças.

Ah! (**alonga o ah**) agora o que me incomoda em Itambé de cara, com certeza, é o preconceito das pessoas! Porque Itambé, assim, embora não tenha como um itambeense que se preze dizer: "eu não aceito cultura", porque não tem como, a cidade respira isso, apesar de sua dificuldade, de sua pouca condição financeira. A gente aqui torce o umbigo para fazer as coisas bem feitas. A gente às vezes não tem dinheiro, mas tem criatividade. Bola uma coisa e faz acontecer. Nós estamos vivendo uma nova era relacionada a essa questão do preconceito, seja ele racial, ou sexual. Enfim, os diversos níveis de preconceito a gente percebe que está acabando, mas, assim, em Itambé existe uma coisa, o preconceito eu diria, tem dois níveis: ele é histórico e tradicional. O histórico é porque a cidade já vem de um respaldo de uma pressão em termos de política, a cidade vive às custas da política. E tradicional porque é uma coisa que vai passando. Uma criança nasce hoje ela já vai enfrentar um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete primeiros anos de vida, na família, na escola aquele clima de que existem os maiores. Na verdade, a gente está submisso e se submete à vontade deles. Em todo lugar tá assim, mas em Itambé é uma coisa muito forte. E as pessoas precisam cada vez mais deixar esse preconceito e

perceber que o outro é outro mundo e esse mundo precisa ser respeitado. Como eu disse no início, cada um traz uma formação de vida, cada um passou por uma experiência diferente de vida. A gente devia respeitar isso e se adequar a isso.

(Muda de tom)

Eu acredito muito na corrente do bem. Quando você começa a expor a sua ideia, a sua proposta de melhoria, tanto municipal, quanto familiar, mundial, universal. Na verdade, eu acho que tudo merece melhoria, tudo! Tudo deve passar por um processo de melhora, conhecimento e avanço. Eu acho que quando você começa a falar isso para o outro, colocar isso cada vez mais na vida do outro, seja nas suas ações diárias, seja no convívio, nas palavras, eu acredito muito na verbalização daquilo que você quer mostrar. Eu acho que quando você diz as coisas, quando você fala, quando você expressa mesmo o que sente isso imprime um caráter maior. Eu procuro fazer a minha parte assim, mostrando a realidade que eu acredito. Se cada um fizer sua parte na escola, na sociedade, na família, nos meios de comunicação, tudo pode mudar. Aqui nós temos um meio muito poderoso que é a rádio, a gente sabe que o alcance é muito grande, as pessoas ouvem a rádio. Então, quando você começa a encher as pessoas com essas coisas boas, dizendo como é a vida, como ela deve ser vivida, como é viver bem com o próximo, você já tá com meio caminho andado. Eu acredito muito nessa divulgação do bem.

Eu tenho muitos sonhos em minha vida, tenho sonhos pessoais, aqueles que eu já comecei alcançar, por exemplo, eu sempre quis trabalhar em algo que ajudasse o próximo e

isso, graças a Deus, o Senhor me concedeu. Vocacionalmente falando, eu ainda não sei o que o Senhor quer de mim. Eu sei que eu vou chegar lá. Eu não me apego nos sonhos daqui trinta, quarenta anos, acho que são consequências. Eu me apego aos sonhos imediatos. Itambé é a cidade do meu sonho. Tudo que eu aprender aqui ou lá fora, a minha experiência de vida, vou tentar traduzir isso em melhorias para a cidade. Dentro das minhas possibilidades. Qualquer lugar do mundo que a gente chegar tem algo para melhorar.

As melhores experiências da minha vida, e também as mais difíceis, todas eu passei aqui. Eu nasci em Itapetinga, mas, vim muito cedo pra cá, então o que eu sei dizer de mim, da vida, das coisas, eu aprendi em Itambé. A minha família foi meu primeiro eixo, como eu acho que deve ser de todo mundo, na verdade. As pessoas precisam reconhecer isso, a família, o ser familiar ele tem esse poder de transformar você, de te criar e te colocar no mundo. Formar quem você é e entregar para a sociedade. Minha família foi muito forte nisso, tanto que a religiosidade que eu trago em mim é fruto também dessa família. Eu digo hoje que eu sou itambeense porque minha família é itambeense. Tudo que eu adquiri de Itambé, eu adquiri pelo canal família. Todo meu alicerce foi minha família que me deu e a escola lapidou, a escola deu técnica, organizou. A gente precisa acreditar naquilo que a gente busca como ideal. O ideal norteia tudo que a gente faz.

PERSONAGEM 04

Ai minha nossa senhora, quem sou eu? Depois de tanta gente falando não sei mais quem eu sou. Hoje eu sou uma

mulher com dor de cabeça. **(Longo silêncio)** Hoje eu tô, eu não sei, não que eu esteja pra baixo, mas eu estou sentindo dor. Não sei muito bem o que eu vou te responder o que eu sou hoje, não. Eu sou... **(outra pausa – suspira)** Eu sou mulher! **(Ri – fica séria)**. Hoje eu sou assim, esse silêncio. Mas, na maioria das vezes eu não sou assim. Eu sou mais animada, sou a expressão da alegria, do amor, da vida. Hoje eu sou isso aqui que você tá vendo.

Itambé?

Como eu te disse, eu não sei muito sobre Itambé. Gosto de Itambé. Não poderia dizer o porquê eu gosto de Itambé, mas eu me sinto bem aqui, me sinto livre dentro de Itambé. Quando vai ter aniversário da cidade, começam os preparativos, aquelas coisas. Eles mandam a gente fazer, pesquisar, aí a gente fica sabendo um pouquinho. Que é de origem indígena, o nome de origem tupi, Pedra Afiada. Vieram vários índios aqui pra dentro, depois acabaram formando o vilarejo. É o que eu me lembro. Itambé apesar disso tudo aqui, Itambé é legal pra viver. Apesar de não ter muito o que fazer aqui dentro, mas você pode inventar, pode criar e assim vai levando a vida, vivendo cada dia, cada momento.

Eu gosto muito de ir na Praça Padre Juracy, a praça onde tinha o Leite Glória, a rodoviária, sabe? Gosto por causa do ar puro, da natureza. Me sinto mais perto de Deus.

Aqui tem um grupo de jovens que a gente tá sempre organizando eventos dentro da cidade. A gente promoveu um evento trazendo outros jovens com apresentação de teatro, dança. Eu participo dessa forma.

Eu já vi apresentações de terno de reis, que faz parte da tradição da cidade. As festas juninas, eu gosto muito. Tem a festas de São Sebastião que já faz parte do calendário e eu participo também. É o que a gente tem aqui como manifestação cultural.

Se eu pudesse mudar alguma coisa na cidade eu acabaria com a violência, assim, para que as pessoas não tivessem medo de sair nas ruas como tá hoje. Antes você saía dez, onze horas da noite e não tinha medo. Hoje dez horas da noite você já tá com medo de sair na rua. Eu tentaria mudar um pouco o índice de violência daqui de dentro da cidade.

(Pausa)

Pra te dizer a verdade, tem muito disse me disse aqui. Porque, assim, acontece uma coisa, aí o povo aumenta, já conta de outra forma e vai crescendo, muitas vezes pode ser pequenininho isso aí que tá acontecendo, mas, um fala, outro fala, outro fala e acaba crescendo, fazendo tempestade muitas vezes num copo d'água.

(Pausa)

Sinceramente eu gosto de morar aqui. Eu não gosto do abandono que a cidade está: o lixo nas ruas, apesar do cidadão, do morador muitas vezes contribuir com este descaso. Eu não gosto de ver as coisas abandonadas, eu não gosto muito disso, mas, eu gosto da cidade.

Como cuidar melhor? **(suspira – longo silêncio como se pensasse alto)** Não jogar lixo na rua **(ri)** porque muitas vezes um simples papelzinho que você joga você tá contribuindo para a sujeira da cidade, eu já tenho mania de antes de

chupar uma balinha coloco o papel no bolso **(faz a mímica de guardar o papel da bala no bolso)** é uma coisinha? Um palito? Vai guardando na mão ou na bolsa até chegar um ponto, uma lixeira pra você jogar. Acho que se todo mundo contribuísse dessa forma não estaria o lixo que tá hoje pelas ruas e praças.

(Como uma menina sonhadora)

Ah, eu tenho tantos desejos. Às vezes é difícil falar de um desejo só. O maior desejo de qualquer pessoa e o que eu tento todos os dias eu alimento, porque eu creio que a vida é tão, é tipo, tão frágil, as vezes que eu tento, é um desejo meu de, a cada dia, viver intensamente como se fosse o último. Poder fazer tudo o que eu queria. O que eu quero nesse dia para minha felicidade e para a felicidade das outras pessoas. Eu não penso muito no futuro, eu penso no dia a dia, hoje eu posso fazer isso, se amanhã Deus me permitir mais um dia, mais uma chance eu vou poder fazer melhor do que eu fiz ontem. Eu costumo ser dessa forma. Não tenho muitas ânsias do futuro, saber o que eu vou ser, o que eu vou querer no futuro, eu penso no agora, o que eu quero agora para minha vida, o que eu desejo nesse momento para minha vida e eu posso realizar. Penso muito assim, não penso muito no futuro. **(Suspira)** Eu desejo ver Itambé, uma cidade organizada. Organizada politicamente. Não essa politicagem que a gente vê por aí, mas uma coisa que seja melhor não para o bolso dos políticos, mas que seja melhor para a comunidade, seja melhor pra Itambé. Porque Itambé, eu que moro aqui, eu creio que Itambé é uma cidade abençoada que, apesar de tudo, de muitas vezes as pessoas quererem derrubá-la, ela permanece em pé, o povo permanece com esperança, que

pode melhorar. Eu desejo que Itambé seja essa cidade organizada politicamente, que a pessoa não vá pensar somente em si, mas vai pensar na cidade.

Eu acho que o que me faz sentir uma cidadã itambeense, as pessoas costumam dizer que quem bebe a água de Itambé, retorna sempre ou nunca vai embora. Itambé pra mim, hoje, assim, é o meu ponto de apoio, eu me sinto uma cidadã aqui, porque, apesar de tudo, apesar de tudo isso que a gente vê, dessa desorganização, eu sinto um ar, assim, como eu posso te dizer? É inexplicável. Eu sinto por Itambé **(longo silêncio e muda de tom, fica séria)** se eu te disser que eu não sei como te explicar o que eu sinto, o que me faz sentir uma cidadã itambeense... Eu gosto porque eu gosto! Não tem assim uma explicação. Eu gosto porque minha família mora aqui, eu gosto porque eu trabalho aqui, porque eu me sinto livre aqui, eu não me sinto presa em Itambé. Às vezes eu saio da faculdade dez e tanta da noite e não tenho medo de descer sozinha, meus amigos ficam falando: você não pode mais sair sozinha! Eu não tenho medo, eu ando em Itambé todinha sem medo, então eu me sinto livre, eu não tenho medo das pessoas. Eu acho, eu acredito muito que você atrai as coisas para si, eu acredito muito nisso, então costumo andar com as pessoas, conversar sem ter medo e pensar em coisas boas, acreditar nas pessoas e que a cidade é segura.

PERSONAGEM 05

Eu sou filho de baiano com cearense. Minha mãe era uma pessoa altamente vaidosa e pelo fato de não querer ter um filho baiano, ela foi me parir no Rio. Em plena Segunda Guerra

Mundial, ela pega um navio, pelo São Francisco, passando por Pirapora e vai me parir lá em Grajaú. Eu sempre tive uma ligação com a Bahia muito forte, porque eu sempre achei um celeiro de inteligência, talvez seja até uma questão de vaidade pessoal. Meu ídolo de juventude sempre foi Castro Alves, o que me fez jogar uma grande quantidade de poesias minhas no lixo. Eu queria me comparar com Castro Alves. Destino: lata do lixo! Depois de rodar vários Estados com minha família, eu vim parar em Conquista. A minha formação mesmo como gente foi em Conquista.

Eu comecei a entender que as pessoas valem pelo que elas são e não pelo que elas têm. Eu sempre dei valor ao “ser” em detrimento do “ter”. Nós temos que admitir que o “ser” é permanente e o “ter” é altamente passageiro. De uma hora para outra você pode deixar de ter. Tudo que você produzir de intelectual e espiritual, vai ficar. Eu conheci uma moça daqui, me apaixonei por ela. Já tem quarenta e três anos que a gente convive junto. Tenho três filhos e três netos. Há doze anos me tornei espírita, acredito na filosofia, na religião e na ciência que é o espiritismo. Sou uma pessoa comum, tenho sofrido muito por ser patriota. Eu sou por excelência esquerdista, num bom sentido. Se a minha barriga tá cheia e a sua tá vazia, eu me preocupo com sua barriga, porque amanhã a situação pode inverter. Eu conheço quase todos meus defeitos, alguns eu ainda não descobri que os tenho. Sou sonhador, idealista e apaixonado por história. O poder é perigoso.

Anda pela casa, abrindo as janelas, como se as paisagens, que aparecem através delas, fossem pinturas antigas da cidade.

Nossa cidade, no início, era habitada pelos índios Pataxós e Aimorés. Fugindo de uma época de seca, algumas pessoas chegaram e se encantaram com o local, pela quantidade de água. Só que os índios só permitiram que o povoamento acontecesse apenas de um lado do rio. Aqui o que valia era a força da arma, e para não serem exterminados, os índios acabaram sendo expulsos. É uma cidade que possui uma quantidade incrível de recursos. Têm sete rios perenes como recursos hídricos. Nós estamos entre rios, entre o rio Pardo e o rio Verruga. Muitos recursos minerais. Itambé é uma cidade maravilhosa, já foi melhor, porque com a modernidade Itambé tá mergulhada em drogas. E isso não é só a droga, as pessoas que não amam a cidade e não têm carinho por ela é uma droga. Nós estamos entre duas cidades grandes, se a gente explorasse essa parte rural da cidade com vaquejadas, charretes pelas ruas valorizando este clima que a cidade tem. Em 1950 Itambé era melhor do que Conquista. Tirando a parte política, que a gente se divide em lambari e tubarão, Itambé é uma grande família.

Aqui teve um fato interessante, quando eu cheguei em Itambé, o prefeito era Osório Ferraz, ele embargou a construção de uma rodoviária aqui nesta praça, imagina uma rodoviária na praça mais importante que a cidade tem? Aqui é o cartão de visita. Não deveria estar desse jeito, mas é a praça mais importante.

Eu participo de tudo, mas temos que apostar na juventude também. Dá um trabalho muito grande ser cidadão.

O São João daqui atraía muitas pessoas, mas se tornou igual a todas as cidades. A festa de São Sebastião. A festa de Santo Reis com o Bumba-meu-boi. Aqui já teve carnavais incríveis.

Eu mudaria muita coisa, muita coisa precisa ser mudada aqui. Principalmente a capacidade de se vender que o itambeense tem. Eu não tenho preço.

Eu amo Itambé. Eu casei com a mulher e com a terra. Eu acredito no potencial da cidade.

Eu continuo apostando na educação, nos professores, nas pessoas que amam o que fazem. Eu amo o que faço e esta é minha maior atuação na cidade.

Eu sonho ver o povo livre, amando sua pátria, seu próximo.

Eu já vi gente de Itambé ter certa vergonha de dizer que é de Itambé, os itambeenses que moram fora. Mas também já vi professores do CEFET em Conquista dizerem que os melhores alunos são os de Itambé. Paradoxal esse povo!

O público ouve outra canção e é convidado a sentir um pouco o silêncio da casa-cidade. Os personagens-moradores se deslocam para o grande quarto onde habita a mãe. Aquela que acolhe e tudo sabe. A que protege os filhos.

PERSONAGEM 06

Você quer que eu conte coisas de mim mesma, né? Eu trabalhei muito na roça, depois vim práqui pra cidade. Trabalhei na prefeitura muito tempo. Moro aqui, gosto muito daqui, gosto muito das pessoas. Os amigos que tenho são todos daqui. Minha história é essa: sou uma pessoa batalhadora e tô vivendo e levando a vida devagar como Deus quer. Eu tô aqui.

Pra mim Itambé é a melhor cidade que tem por aqui, pra mim (**pausa**), né? É um lugar pequeno, não oferece trabalho pra gente, mas, eu gosto muito daqui. Meus filhos trabalham fora, mas eles sempre vêm aqui nas festas de final de ano ficar comigo. Pra mim Itambé é o melhor lugar que tem, eu gosto muito daqui, não tenho nada que falar daqui de mal, só de bem.

Um lugar que me traz muitas recordações na cidade é a Praça da Bandeira, onde se encontra o fórum, onde eu já trabalhei, né? Eu sempre levava minhas meninas para passear por lá. Pra mim era o melhor lugar. Aliás, os dois melhores lugares aqui de Itambé é a praça do Fórum e a praça da igreja matriz. São as duas praças que eu gosto mais.

Graças a Deus aqui só aconteceu coisas boas pra mim: tenho meus amigos aqui, gosto de todo mundo, não tenho um inimigo aqui em Itambé, todo mundo é meu amigo. Dou graças a Deus por isso e vou levando a vida assim.

Eu sou da terceira idade, participo do grupo da terceira idade. A gente faz na AABB no CRAS. No CSU a gente borda, né? Na AABB a gente só dança forró e é isso que a gente faz aqui. Gosto muito daqui por isso; tem muita atividade pra nós da terceira idade. Porque você veja antigamente, as pessoas quando ficavam da minha idade, ficavam jogadas, né? E agora não, as pessoas tão tudo evoluídas, a gente passeia, a gente brinca, a gente tem encontro, a gente namora. Graças a Deus, tá muito bom pra nós.

O São João, por exemplo, todo ano aqui eu participo. Todo ano tem o São João, por sinal a gente brinca aqui, quadri-lha, essas coisas. O São João um tempo atrás era nas casas.

Cada casa tinha a sua festa e agora não. Já tem ali o evento pra gente, né? Começa e termina ali na Praça San Fili. Então é melhor agora, não precisa ninguém ir pra casa de ninguém, tá todo mundo lá misturado, não tem escolha, né? Todo mundo é uma pessoa só quando chega lá. Eu achei melhor por isso. No meu pensar, é melhor agora por isso. Todo mundo é igual.

(Pausa)

Tem partes na cidade que são violentas. Lá práqueles bairros lá, do outro lado ou na periferia da cidade, por aqui não, mas nos bairros mais afastados tem violência. Graças a Deus até esta data nunca aconteceu nada onde eu moro, mas em outros bairros eu tenho medo.

Minha ligação com a cidade começa primeiramente por que quando eu vim práqui era melhor pra mim por conta de meus filhos, porque eu morava na roça e meus filhos estudavam em Itapetinga, aí eu achei que eu estava distante deles, que eles não estavam tendo um amor de mãe, aí eu vim práqui. Aqui os colégios eram todos grátis eu não paguei colégio pra eles nem nada, graças a Deus, meus filhos tão tudo formado aqui em Itambé e eu me senti melhor aqui por isso: pra botar meus filhos em casa, pra ter mais amor a eles e eles por mim também, pensei que se eles ficassem lá, eles iam crescer sem amor a mim, sem amor de mãe porque eles não tinham pai, então eu sou o pai e a mãe. Eu achei melhor por isso.

(Com esperança nos olhos)

Se eu pudesse fazer algo pela cidade eu fazia. Não sei o quê, mas eu queria que desaparecesse essa violência, eu queria

que acabasse com isso pra gente viver tudo na paz. Se eu tivesse o poder de governar a cidade eu faria isso. Eu acho que na paz a gente consegue tudo que a gente quer e com violência a gente não consegue nada.

Meu desejo é viver minha vida como a gente tá vivendo, aqui, ó **(olha em torno de si como se estivesse na praça)** tranquilo, passeando como a gente passeia. A cidade precisa de mais melhorias. Ter um trabalho para minha filha que não tem, ela é professora e mora aqui. Há cinco anos não tem trabalho pra ela, nunca arrumou um trabalho, se eu pudesse, eu faria isso: uma ajudando a outra.

Foi aqui que eu consegui educar meus filhos, botei em casa, trouxe pra casa e hoje em dia, graças a Deus, todo mundo é formado, dou graças a Deus por isso, então eu gostaria de falar isso aqui, que pra mim Itambé, quando uma pessoa fala mal de Itambé, eu me sinto mal. Eu não gosto que falem mal de Itambé pra mim, eu não gosto, porque foi aqui que eu arrumei a minha vida, porque nem casa eu tinha e aqui eu já tenho minha casinha, simples, mas eu tenho. Pra mim esta cidade é uma benção de Deus. Deus me ajudou e foi aqui que eu consegui tudo que eu tenho. Eu agradeço a Itambé.

Eu sou Itambé, a cidade sou eu!

PERSONAGEM 02:

A cidade sou eu!

PERSONAGEM 04:

A cidade é você!

PERSONAGEM 01:

A cidade somos nós!

Fim!

	COLOFÃO
Formato	14 x 21 cm
Tipologia	Segoe UI 10/15
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m ² (capa)
Impressão	Edufba
Capa e acabamento	Cian Gráfica
Tiragem	400 exemplares



ISBN 978-85-232-1012-0



9 788523 210120